



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Campus de São Carlos - SP

LUIZ ANTONIO PEREIRA

OS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VALORES ACERCA DA INDISCIPLINA DISCENTE

SÃO CARLOS - SP
2020





LUIZ ANTONIO PEREIRA

OS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VALORES ACERCA DA INDISCIPLINA DISCENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

SÃO CARLOS – SP
2020



LUIZ ANTONIO PEREIRA

OS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VALORES ACERCA DA INDISCIPLINA DISCENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

Data da defesa: 17/04/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior
Universidade Federal de São Carlos

Observação: Em virtude da declaração de Emergência em Saúde Pública de Interesse Internacional pela Organização Mundial da Saúde em decorrência da pandemia de Covid-19, a defesa pública foi realizada integralmente de forma remota e sincronizada por webconferência.

Local: Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
UFSCar - câmpus de São Carlos-SP

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dedico este trabalho às minhas filhas: Maria Fernanda e Laura





AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a orientação do professor Dr. Glauco Nunes Souto Ramos, pela paciência que dedicou a mim nesta caminhada, essencial e transformadora.

À minha mãe, que me guiou nos caminhos da vida, com carinho, sempre.

Ao sorriso das minhas filhas, Maria Fernanda e Laura, que me deram a energia motivadora para seguir em frente.

À professora Dra. Suraya Cristina Darido que lutou bravamente para que ocorresse o Mestrado Profissional em Educação Física – ProEF, tornando-se para nós, alunos, um exemplo de dedicação, graças ao seu empenho, estamos aqui, transformamos o “sonho” em realidade, seremos para sempre gratos.

À Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, em especial aos seus professores: Osmar, Glauco, Yara e Daniela. E, ao nosso querido tutor e amigo Nathan Varotto.

À Unesp – Rio Claro, e aos professores: Fernanda, Flávio e Roberto, pela dedicação ao programa.

Aos professores membros da banca examinadora profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira e o prof. Dr. Osmar Moreira Souza Júnior, pelas orientações dadas a esta dissertação.

À minha querida escola, onde foi possível que ocorresse esta dissertação de mestrado.

Ao Diretor João Antonio do Carmo, por ter aberto as portas da escola, quando em outro local me foi fechada. À professora, pedagoga, da turma pesquisada Andrea Antonia Andreatti de Moraes, pela parceria da turma para a realização deste trabalho, principalmente, em uma época do ano em que eram exigidos tantos compromissos.

À coordenadora do ensino fundamental I, Grazielli Aparecido Rossato Bevilacqua. E, à coordenadora do ensino complementar, Maria Cristina Zavati

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Zavitoski, pela sugestão do móbile que fez parte deste trabalho. À professora Sabrina Rocco Ferreira, por literalmente, ter dançado com nossas ideias.

Aos meus queridos alunos que participaram desta pesquisa: Muito obrigado!!!

Aos alunos do ProEF, enfim, conseguimos!

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



“As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender.”

(Paulinho da Viola)





PEREIRA, Luiz Antonio. **Os jogos sociomotrizes de cooperação e a construção de valores acerca da indisciplina discente**. 2020. 165 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020.

ABSTRACT

Indiscipline has emerged as a major educational problem and much has been discussed on this topic. Physical Education at school does not come out unscathed from this problem, facing everyday situations that are an obstacle to the smooth running of classes, impairing the learning of content and making it difficult to deepen the themes proposed by the teacher. We see in cooperative socio-motor activities - which offer experiences of participation in which the student has to seek, together with the others and solve situations in a collaborative way - the possibility that aspects related to solidarity, respect and empathy are present in the tasks development. Thus, the objectives of this research were to identify situations of indiscipline in an elementary school class and to analyze whether the experience and learning with cooperative socio-motor activities and activities aimed at building values could help students' perception and reflection about school indiscipline in Physical Education classes. The research was characterized by action research process and the instruments of data collection were: a) Class record books for the observation of situations of indiscipline during Physical Education classes and, b) Conversation circles, performed during in the beginning and in the end of classes. The teacher-researcher oversaw the students' experiences provided by didactic unit in order to understand whether they could link the proposed activities with the context of indiscipline in Physical Education classes. The work was carried out in a public school in the municipal teaching network of Matão / SP, with a class of 25 students from the 5th grade of elementary school. At the end of the research development, we reached the following analysis categories: 1) The indiscipline in Physical Education classes, which allowed us to identify the main problems of class indiscipline; 2) Construction of rules and attitudinal values: the pedagogical pact construction assemblies, during the intervention of the teacher-researcher; a proposal was made to confront indiscipline during the classes, promoting reflections and actions that were important in raising awareness of this issue; 3) Socio-motor cooperation activities displayed the importance of developing these games in Physical Education classes, as they have collaborative participation in their internal logic, which made it possible for the students to recognize the cooperative socio-motor activities and to identify their perceptions when performing them. We conclude that the cooperative socio-motor activities are important to confront indiscipline and - when accompanied by reflections on this problem - they can contribute to resolve / mitigate situations of this nature in Physical Education classes.

Keywords: School Phys Ed. Socio-Motor Cooperation Activities. Indiscipline.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem: CAI	38
Figura 1: MóBILE.....	70
Figura 2: Apresentação de dança com móBILE	70



LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Unidade Didática56



LISTA DE SIGLAS

PM – Praxiologia Motriz

PROEF - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A INDISCIPLINA E O COTIDIANO ESCOLAR	21
2.1 Indisciplina: Afinal, um conceito ou conceitos?	22
2.2 Possíveis fatores geradores da indisciplina dentro do ambiente escolar	24
2.3 Indisciplina nas aulas de Educação Física	31
3 JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO NA PERPECTIVA DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ E A CONSTRUÇÃO DE VALORES	36
3.1 Praxiologia Motriz e a Educação Física Escolar	40
3.2 Jogos sociomotrizes de cooperação e a construção de valores	41
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	50
4.1 Natureza da pesquisa	50
4.2 Pesquisa-ação	50
4.3 Caracterização da pesquisa e a estratégia de ensino vivenciada nas aulas: as rodas de conversa	51
4.4 Universo da pesquisa	54
4.5 Participantes	54
4.6 A escola	54
4.7 Unidade Didática desenvolvida	56
4.8 Aspectos Éticos	59
5 INDISCIPLINA, JOGOS E CONSTRUÇÃO DE VALORES: categorização e análise das vivências no cotidiano das práticas pedagógicas	60
5.1 A indisciplina em aulas de Educação Física	61
5.2 Regras e valores atitudinais: as assembleias de construção do pacto pedagógico	65
5.3 Os jogos sociomotrizes de cooperação nas percepções dos alunos	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	90
APÊNDICE A: TALE para responsável	90
APÊNDICE B: TALE para menor	92
APÊNDICE C: TCLE	94
APÊNDICE D: Diários de Aula	95

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



APÊNDICE E: Produto Educacional: Unidade Didática – Jogos Sociomotrizes de Cooperação.....	161
ANEXOS	162
ANEXO A: Carta de aceite	162
ANEXO B: Aprovação Comitê de Ética	163

1. INTRODUÇÃO

Meu interesse pela Educação Física nasceu de meu convívio com os esportes, fui atleta de natação durante muitos anos e, também estive envolvido com outros esportes em especial o Karatê e o Xadrez, disputando jogos regionais e campeonatos amadores. Fui auxiliar de professor de natação aos dezesseis anos, em uma academia. Neste período tive a oportunidade de conhecer pessoas que trabalhavam com a educação especial, me ofereci para fazer trabalho voluntário na APAE, onde depois de um tempo fui contratado e fiquei por mais de cinco anos.

Consegui estudar Educação Física graças a um programa educacional do estado de São Paulo, chamado “Escola da Família”, no qual o estado oferecia bolsas de estudo em troca de que os estudantes universitários trabalhassem nas escolas durante os finais de semanas, desenvolvendo projetos tanto no campo educacional, quanto esportivo ou artístico.

Ao sair da faculdade prestei concurso e, depois de aprovado, fui ministrar aulas na escola, na qual, está sendo desenvolvida esta pesquisa. Ao trabalhar sempre com o fundamental anos iniciais, uma das maiores dificuldades vividas como professor em sala de aula estava relacionada à indisciplina dos alunos, o que me levou, depois de ter conseguido ingressar no mestrado profissional, a elege-la como tema de estudo. Sou professor desta escola, deste o ano de 2008, trabalho no ensino fundamental anos iniciais, com Educação Física e Oficina de natação.

Um fator importante a ser destacado, nesta introdução, é a minha participação no programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), ele teve como idealizada a professora Dra. Suraya Cristina Darido, da UNESP de Rio Claro que, empenhou-se com muito carinho e dedicação para que se iniciasse este programa de mestrado profissional. O objetivo deste programa é promover o aperfeiçoamento dos professores que atuam com Educação Física Escolar nas redes públicas de ensino. Para ingressar é preciso que o professor esteja em exercício da docência e participe de processo seletivo para o polo que ele escolher. Há onze polos que fazem parte do programa e, estão espalhados em diversos estados da federação. O programa é desenvolvido no modelo semipresencial.

Tive a honra, de ingressar na primeira turma da UFSCar, que teve início no ano de 2018. Aqui, pude aprender muito com os professores e os colegas participantes, foi uma experiência que jamais poderei esquecer, a sinergia entre professores e alunos favoreceu um ambiente acolhedor que propiciou aprendizagens significativas tanto nos aspectos acadêmicos quanto pessoais. Durante o percurso pude amadurecer o tema da indisciplina como objeto de estudo e com a orientação do professor Dr. Glauco Nunes Souto Ramos fui apresentado à Praxiologia Motriz e como ela poderia ajudar nas reflexões sobre os jogos que havíamos escolhido para o processo de intervenção durante as aulas de Educação Física. Foram, também, importantes a colaboração da professora Dra. Lilian Aparecida Ferreira e do professor Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior com sugestões que muito contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

A indisciplina é vista hoje como um grande problema educacional, sendo comum ouvirmos relatos de professores e da direção escolar quanto a essa situação. Muito se tem debatido sobre esse tema, mas as soluções são, muitas vezes, colocadas de lado em relação ao problema, limitando-se mais a apenas discutir as desordens disciplinares causadas por determinados alunos ou em ficar buscando culpados, tais como: a família, o Estado, o sistema educacional etc.

A Educação Física por estar inserida no meio educacional, não escapa ileso desse problema. Situações cotidianas de indisciplina são comuns e apresentam-se como um entrave ao bom desenvolvimento das aulas, prejudicando o aprendizado dos alunos e dificultando o avanço e aprofundamentos das temáticas propostas pelo professor.

As soluções a essa problemática são difíceis, pois envolvem várias questões que precisam ser discutidas e analisadas em profundidade, porém, no caso da especificidade pedagógica cabe à escola – através do seu corpo administrativo-pedagógico – e a cada componente curricular buscar possíveis soluções para o enfrentamento desse problema, seja promovendo propostas didáticas diferenciadas, diálogos com os responsáveis pelos alunos e comunidade ou estratégias de ensino que possibilitem aos alunos compreenderem a importância da disciplina dentro do ambiente escolar e da aula em específico.

Nesse sentido, ações que promovam um olhar sobre o outro e que possibilitem a importância da própria ação do sujeito no coletivo são fundamentais

dentro de uma proposta de ação pedagógica comprometida com o problema da indisciplina.

Assim sendo, como professor de Educação Física das redes estadual e municipal de educação da cidade de Matão, no Estado de São Paulo, também encontro em minha prática pedagógica problemas relacionados ao tema da indisciplina, levando-me a querer estudá-lo, bem como mobilizando-me a identificar intervenções pedagógicas que possam ajudar a resolver/amenizar essa situação problemática vivida dentro do ambiente escolar.

Pelo motivo aqui exposto, acreditamos que uma possibilidade de intervenção para ajudar no enfrentamento da problemática da indisciplina nas aulas de Educação Física são os jogos sociomotrizes de cooperação, que oferecem possibilidades de participação nas quais o aluno tem que buscar junto com o(s) outro(s) resolver situações de jogo de forma colaborativa, permitindo que aspectos relacionados à solidariedade, respeito e empatia estejam presentes no desenvolvimento das atividades.

É necessário deixar claro, desde já, que não estamos negando todas as outras possibilidades de jogos e/ou conteúdos nas aulas de Educação Física que, eventualmente, possam colaborar com a questão da indisciplina nas aulas. Contudo, por questões de interesse e especificidade deste estudo, nos centraremos nos jogos de caráter cooperativo.

A escolha dos Jogos Sociomotrizes de Cooperação, nesta dissertação, se justifica pela possibilidade de compreender melhor as reações dos alunos na ausência de jogos envolvendo a competição, característica que se faz mais presente nas aulas de Educação Física, ou seja, permite observar como os aspectos inerentes aos conflitos podem ocorrer mesmo diante do tema da cooperação nas práticas das aulas. Também, se deve ao fato de haver poucos trabalhos que analisam as práticas corporais, envolvendo somente a cooperação, ainda que muitos estudos utilizem os jogos cooperativos como tema de estudo, na prática, alguns jogos que são utilizados nestes trabalhos apresentam uma característica em sua lógica interna que não são especificamente cooperativa e, dentro da classificação da Praxiologia Motriz, utilizada neste trabalho, estariam classificados como: cooperação-competição.

Na nossa opinião, este trabalho pode contribuir com esta nova perspectiva de análise, possibilitando possíveis diálogos referentes à utilização de jogos envolvendo a cooperação nas aulas de Educação Física, bem como, suas intersecções com o tema da indisciplina, assunto que vem ganhando importante destaque tanto no meio acadêmico quanto na realidade prática em sala de aula.

A fim de compreender e intervir de maneira assertiva sobre as práticas corporais, no presente estudo, buscamos analisar a lógica interna dos jogos sociomotrizes de cooperação, através do referencial teórico denominado Praxiologia Motriz e, suas implicações na indisciplina escolar. Tal teoria foi desenvolvida, pelo francês Pierre Parlebas, na década de 1960 (FERREIRA; RAMOS, 2017).

Pretendemos, com essa investigação, identificar situações de indisciplina em uma turma do ensino fundamental e analisar se a vivência e aprendizagem de jogos sociomotrizes de cooperação e as atividades voltadas à construção de valores poderiam auxiliar na percepção e reflexão dos alunos sobre a indisciplina escolar em aulas de Educação Física.

Para tanto buscamos, através da pesquisa-ação, analisar uma intervenção durante as aulas de Educação Física com uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, na qual o pesquisador também é professor e, por isso, será identificado neste estudo como “professor/pesquisador”. A turma escolhida é uma turma que o pesquisador trabalha como professor e, foi por ele identificada com problemas de indisciplina.

Acreditamos que esse estudo contribuirá para o debate sobre a temática da indisciplina nas aulas de Educação Física possibilitando abordar futuras propostas metodológicas que venham ao encontro dos objetivos deste trabalho. As hipóteses esperadas para esta pesquisa são:

- Práticas corporais que evidenciem em sua lógica interna a cooperação devem ser utilizadas e valorizadas como possibilidade de auxiliar no enfrentamento da indisciplina escolar e, a intervenção com os jogos sociomotrizes de cooperação pode ajudar a promover trocas de experiências significativas entre os alunos e o professor-pesquisador, contribuindo para uma melhora no comportamento disciplinar dos alunos.
- Os jogos sociomotrizes de cooperação possibilitarão aos alunos uma melhor percepção de si-próprio e do outro, levando-os a reconhecer aspectos

importantes de respeito mútuo, melhorando o entendimento dos aspectos morais relacionados à convivência nas aulas de Educação Física especificamente e, de um modo geral, dentro do ambiente escolar.

As possibilidades que estas atividades propiciam podem levar à compreensão de muitas situações que darão ao professor/pesquisador uma maior compreensão da importância da intervenção pedagógica e como algumas propostas podem se tornar alternativas no enfrentamento aos problemas colocados pela indisciplina nas aulas de Educação Física. Neste sentido, algumas questões ganham relevo, como: a intervenção pedagógica é capaz de ser uma ferramenta no enfrentamento dos problemas relacionados à indisciplina? A atuação com os jogos sociomotriz de cooperação contribui para mobilizar a questão da indisciplina nas aulas de Educação Física? Os alunos conseguirão perceber a si-próprios e o outro de forma a melhorar a compreensão dos aspectos atitudinais nas relações cotidianas?

Essas são questões centrais da pesquisa sobre a problemática da indisciplina nas aulas de Educação Física. Vejo como positivo esse tipo de intervenção, pois, promove uma maior compreensão da importância das práticas pedagógicas dentro da nossa área de atuação, ampliando os debates sobre as metodologias que podem contribuir para o enfrentamento do problema em questão.

Considerando os aspectos esperados no processo de intervenção realizado através dos jogos sociomotriz de cooperação sobre a indisciplina escolar, temos que os objetivos gerais propostos para esta pesquisa são:

a) Identificar situações de indisciplina em aulas de Educação Física em uma turma do ensino fundamental.

b) Analisar como a vivência e aprendizagem de jogos sociomotriz de cooperação e atividades voltadas à construção de valores auxiliam na percepção e reflexão dos alunos sobre a indisciplina escolar em aulas de Educação Física.

Desta forma, este estudo encontra-se organizado da seguinte maneira: no 2º capítulo, intitulado “A indisciplina e o cotidiano escolar”, apresentamos a indisciplina dentro do ambiente escolar e como ela foi ganhando uma preocupação ao longo do tempo, tornando-se hoje o que é considerado por muitos um dos maiores problemas escolares. Abordaremos algumas definições sobre sua terminologia, bem como, as possíveis razões que causam este problema na escola e

nas aulas de Educação Física e como este componente curricular pode contribuir para amenizar/resolver situações de indisciplina que ocorrem no seu meio e no contexto escolar.

Já no 3º capítulo, “Os Jogos Sociomotrizes de Cooperação na perspectiva da Praxiologia Motriz e a construção de valores”, buscamos apresentar a ciência da ação motriz, criada por Parlebas, sua contribuição à Educação Física e, como ela pode contribuir para a compreensão dos jogos sociomotrizes de cooperação, através da análise da lógica interna caracteriza os jogos cooperativos, principalmente, na interação de cooperação entre os participantes. Buscamos fazer uma análise crítica dos jogos cooperativos ressaltando suas características e desdobramentos a partir de uma proposta no âmbito da Educação Física Escolar.

No 4º capítulo, apresentamos a “Trajetória Metodológica” deste estudo, indicando seu caráter qualitativo, os instrumentos de coleta de dados utilizados, os sujeitos da pesquisa e seus aspectos éticos.

No capítulo 5 “Indisciplina, jogos e construção de valores: categorização e análise das vivências no cotidiano das práticas pedagógicas” discutiremos os dados coletados neste trabalho, mostrando como a unidade didática, assentada nos jogos sociomotrizes de cooperação ajudou a promover nos alunos a consciência sobre a indisciplina vivenciada pela turma nas aulas de Educação Física.

No último capítulo, chegamos às “Considerações Finais” do trabalho realizado, indicando os principais aspectos encontrados ao longo da pesquisa, bem como, o indicativo de sugestões para futuros trabalhos relacionados à indisciplina nas aulas de Educação Física.

2. A INDISCIPLINA E O COTIDIANO ESCOLAR

A indisciplina acompanha a história da educação e foi preocupação de grandes pensadores, como, por exemplo, o filósofo Sócrates, que disse: “O professor tem medo dos alunos, que o cobrem de insultos” (Platão, A República), portanto, sendo um tema intrigante, preocupante e sempre complexo, o percurso percorrido por esta temática, demonstra que ela vem acompanhando a sociedade ao longo dos tempos (OLIVEIRA, 2002).

Porém, torna-se necessário observar que ela ganhou nos últimos tempos uma maior visibilidade social, principalmente na última metade do século XX (ESTRELA, 2002). O que teria ocasionado essas mudanças que tornaram esse período e o atual tão mais propensos a um maior debate/estudos sobre as problemáticas da indisciplina?

Arantes (s/d) aponta que “[...]deve-se considerar a massificação do ensino e o aumento da concentração de alunos em espaços muitas vezes inapropriados aos fazeres pedagógicos na escola” (s/p). Outro fator importante apontado por Estrela (2002) é a própria evolução das sociedades ocidentais, com seus desequilíbrios sociais e econômicos e a suas crises de valores e autoridade que acabam refletindo na escola.

Portanto, podemos observar que há uma multiplicidade de fatores que se associam à contemporaneidade para que o fenômeno da indisciplina tenha se acentuado mais agora que em outras épocas. Para Sant’Ana (2012, p. 23) “[...]a indisciplina escolar está vinculada a fatores internos como a infraestrutura, a administração, a relação professor-aluno e ao processo de ensino e aos fatores externos como os problemas socioeconômicos, a baixa qualidade de vida e os conflitos de ordem familiar”.

Nesse sentido, concordamos com Estrela (1986, 1992) *apud* Estrela (2002, p. 30) que indica

[..] a indisciplina como um fenômeno multidimensional e multicausal, ligada a uma causalidade complexa e não singular e linear, que tem que ser compreendido e explicado dentro do contexto em que se produz e em relação com os fins que ela desempenha no processo educativo dentro da escola

Segundo Aquino (1996, p. 48) a indisciplina não está ligada estritamente ao sistema escolar, mas também associada a sintomas de várias outras

ordens, que acabam surtindo efeito no interior da relação educativa, ou seja, a indisciplina surge como sintoma de relações descontínuas e conflitantes entre o espaço escolar e outras instituições sociais.

É importante, também, destacar que a indisciplina não é um fenômeno estático, mas percorre os momentos históricos e pode tomar dimensões diferentes quanto à época e ao momento em que ela se encontra. E como nos alerta Oliveira (2005, p. 21):

É conveniente ressaltar, que o problema da indisciplina, não se restringe a uma determinada região, série, grau ou unidade escolar. Este problema apresenta-se em toda a rede educacional e não é específico de uma determinada classe social, mas também não é um caso restrito ao nosso país: é um *problema universal* (Grifos nossos).

2.1 INDISCIPLINA: AFINAL, UM CONCEITO OU CONCEITOS?

Mas, afinal, o que é indisciplina? Em primeiro lugar, é necessário alertar que quanto ao conceito indisciplina, (principalmente a vivenciada dentro do âmbito escolar) este apresenta uma complexidade que precisa ser considerada* (GARCIA, 1999).

Este mesmo autor nos alerta que é necessário integrar diversos aspectos para que haja, suficientemente, um entendimento amplo do conceito indisciplina escolar, precisando até mesmo superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico (GARCIA, 1999).

Nesse sentido, iremos, neste trabalho, abordar as múltiplas definições para embasar nosso posicionamento sobre o tema da indisciplina.

La Taille (2012) *apud* Paula, Paixão e Oliveira (2015, p. 1), define a indisciplina “[...]como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo consciência ou não deste processo de elaboração”.

Segundo Estrela (1998, p. 17) “[...]o termo indisciplina surge geralmente associado com o de disciplina e tende a ser definido pela sua negação ou privação ou desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas”.

Para Parrat-Dayan (2009, p. 18) “[...]o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem corrente significa

regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, à obediência à regra.”

Amado (1991) *apud* Oliveira (2001, p. 107) afirma que “[...]a indisciplina é o incumprimento das regras de trabalho ou “exigências instrumentais” que enquadram os comportamentos dentro do espaço da aula, impedindo ou dificultando a obtenção dos objetivos de ensino-aprendizagem (“sistema produtivo”).”

Os conceitos expostos demonstram que, apesar das dificuldades de conceituação devido a abrangência da temática, torna-se necessário ainda assim, contextualizar o termo indisciplina, para ampliar as possibilidades de compreensão e facilitar um olhar mais direcionado sobre o tema.

É preciso salientar, contudo, que quanto ao conceito de indisciplina que fará parte deste trabalho, estaremos nos referindo aos de natureza estritamente escolar e, principalmente, os voltados especificamente ao ambiente das aulas de Educação Física. Esta característica é importante na medida que a diferencia de outras formas de indisciplina que existem para além dos muros escolares.

Estrela (1994, p. 12) nos alerta que é preciso distinguir a indisciplina escolar de outras formas de violência, provocadas muitas vezes por indivíduos que estão alheios aos problemas da escola. Para a autora, é preciso distinguir a indisciplina escolar, para não confundi-la com delinquência, ainda que elas toquem a fronteira da delinquência, raras vezes é delinquência, no sentido, que não viola a ordem social, mas, sim, a ordem estabelecida na escola, ou confundi-la com patologia individual de ordem biopsicológica.

Tal situação leva muitos professores a classificar determinados alunos indisciplinados como aqueles com: problemas de hiperatividade, déficit de atenção e outros sintomas desta natureza, o que tem produzido hoje, uma medicalização dentro do ambiente escolar. Tais ações, muitas vezes, ocultam falhas que estão ligadas à própria relação pedagógica dentro da sala de aula.

Para delimitação deste trabalho, quando nos referirmos ao termo indisciplina, estaremos nos referindo às discussões entre os alunos quando em aula, discussões estas que podem resultar em ofensas pessoais, como xingamentos,

palavrões etc., bem como o não cumprimento do contrato pedagógico ¹estabelecido entre o professor e a turma. Envolve também as interrupções das explicações propostas pelo professor, seja, por motivo de conversas paralelas, brincadeiras inapropriadas ou brigas entre alunos, o desrespeito à pessoa do professor e de outros alunos, por motivos de preconceito ou discriminação (PEREIRA, 2020).

2.2 POSSÍVEIS FATORES GERADORES DA INDISCIPLINA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

Apesar de já termos apresentado, neste trabalho, alguns pontos determinantes relacionados à problemática da indisciplina, torna-se necessário nos aprofundarmos um pouco mais.

Autores como Oliveira (2005); Vasconcellos (2014); Estrela (1994), nos alertam para a importância de observarmos as variáveis que podem estar associada(s) ao(s) comportamento(s) de indisciplina que se mostram dentro do ambiente escolar, e, mais, especificamente dentro do contexto das aulas, em particular.

Muito do que acontece em relação à indisciplina, geralmente, não está associado a um fator apenas, mas, pode vincular-se a outras questões que inclusive estão além dos muros da escola, cabendo uma análise mais detalhada por parte dos profissionais que estão ligados aos processos educacionais e de gestão escolar.

Oliveira (2005, p. 50-75) em seu livro: *disciplina escolar: determinantes, consequências e ações*, ao discutir algumas situações que ela considera como determinantes de indisciplina, em um de seus capítulos, faz uma divisão interessante entre tais aspectos determinantes de indisciplina, classificando os determinantes de indisciplina em dois grandes grupos, aqueles relacionados aos fatores psicossociais e aos fatores de natureza pedagógica.

Dentro do contexto dos fatores psicossociais ela engloba os seguintes determinantes: a família, a mídia, a diversidade entre os alunos, problemas de distúrbios de atenção dos alunos e a carência afetiva. E, para os fatores

¹ Segundo Scheidt (2008, p. 13) o Contrato Pedagógico “[...] trata-se de acordos ou combinados nos quais se estabelecerão as regras de convivência entre o grupo em questão, bem como, as consequências, ou seja, as penalidades cabíveis no caso da “quebra” de alguma dessas regras.”

pedagógicos: a imposição ou a falta de regras, a busca do “clima ideal” em sala de aula, os cursos de formação de professores (por não abordarem em sua maioria a indisciplina, deixando os professores sem orientação sobre como enfrentar o problema), a proposta pedagógica, o sistema educacional e a escola.

Diante destes determinantes, Oliveira (2005, p. 73) nos alerta que a indisciplina pode ocorrer “[...] não somente da violência social, mas, muitas vezes, pedagógica”. Este fator identificado pela autora sobre a violência social e pedagógica é extremamente relevante, na medida que aponta as possíveis variáveis do(s) caso(s) de indisciplina, desfazendo o discurso unilateral que, muitas pessoas ligadas direta ou indiretamente à educação acabam fazendo, como no exemplo, de relacionar a indisciplina somente ao comportamento do aluno, à família ou à escola.

Vasconcellos (2014, p. 62-84) nos aponta algumas “crises” que colaboram para o entendimento da indisciplina. Entre elas está a crise do vínculo do aluno com a escola, que se relaciona com:

a) crise do sentido do estudo – ou seja, a ideia da ascensão social pelo estudo (melhor emprego, alguém na vida, etc.) que fez com que muitos alunos, no passado, se mantivessem na escola e passassem por todo um processo educativo que, mesmo não vendo sentido no que faziam, eles se submetiam ao processo pela “recompensa final”, grande parte desta ideia dava assento ao discurso da maioria dos professores, da família e da escola. Este discurso, foi posto em xeque, porque os alunos não veem sentido no estudo e tampouco vislumbram um futuro promissor por meio do diploma, e,

b) crise da afeição do aluno – que se materializa na crítica por parte dos pais aos estudos e aos professores, bem como pelo avanço da mídia que, em muitas propagandas ou programas, tornam o professor um personagem caricato e fazem com que o professor se torne motivo de piada. Há também o avanço tecnológico que com a popularização da internet faz que o conhecimento prévio do aluno seja ampliado, desprezando o papel do professor (VASCONCELLOS, 2014, p. 66-67).

c) a crise entre os limites comportamentais que se relacionam com a crise dos pais em relação à crise maior de valores, com dificuldades para impor limites, pela exacerbação do consumo, que exige que tudo seja satisfeito na “hora”. Ainda há a dificuldade de muitos professores que, muitas vezes, se encontram

debilitados na capacidade de desencadear um processo disciplinar no interior da escola, estes não conseguem sustentar vínculos afetivos significativos e estão em muitos casos sem a convicção de objetivos para o estabelecimento de limites (VASCONCELLOS, 2014, p. 68-71).

d) crise das possibilidades educativas, devido ao fato de grande parte das escolas estarem engessadas em suas possibilidades, com currículos fixos, bem como, horários, formas de agir, etc. Desse modo, professores e alunos tem suas possibilidades muito restringidas e, a quebra de limites por parte dos alunos não tem levado a uma maior participação dos mesmos na vida escolar, estes não veem sentido no que aprendem e os professores sofrem com suas possibilidades de autonomia quase “quebradas” pelos sistemas de controle que regem sua atuação dentro do ambiente escolar (VASCONCELLOS, 2014, p. 71-74).

Estrela (1994, p. 17-18) salienta que, mesmo com as transformações vividas na escola na contemporaneidade, como por exemplo, a perda do monopólio do saber que os professores tinham e que sustentavam sua autoridade e as múltiplas pressões sociais que prescrevem-lhes outros papéis, muitos professores ainda tentam se sustentar naquilo que a autora chama de “heranças do magistrocentrismo”, ou seja, tentam se preservar nas heranças que a pedagogia tradicional lhe garantiam, tais como, o exagero no papel de autoridade e no seu papel de transmissores do conhecimento, impedindo os alunos de se tornarem emissores no processo de conhecimento, criando formas ilusórias de participação dos alunos e limitando as possibilidades na relação professor-alunos.

Estas situações relatadas pela autora, ao nosso ver, impulsionam os conflitos que dificultam as relações pedagógicas e de convivência entre professor(es)-alunos, promovem um enfrentamento em que nenhum dos lados saem ganhando, somente tornam o ambiente escolar desestimulante e desmotivador.

Diante dos fatos acima expostos, podemos concluir que as questões relacionadas à indisciplina, precisam ser enfrentadas por todos os envolvidos com a educação, ou seja, pais, professores, direção, alunos, etc., em um projeto de ação coletiva, no qual todos os envolvidos, as suas maneiras, contribuam para a melhora do problema, tentando buscar soluções efetivas que possibilitem o enfrentamento da indisciplina dentro do ambiente escolar.

Isso poderia ser auxiliado se houvesse uma verdadeira participação democrática no projeto-político-pedagógico (PPP) da escola, mas, infelizmente, este documento acaba sendo visto por muitos como apenas mais um processo burocrático, ao qual, a escola tem que se submeter.

Em todos estes casos, a questão da manutenção de uma disciplina dentro do ambiente escolar é muito prejudicada e de difícil solução, tudo isso leva a um problema institucional que coloca em xeque a própria função social da escola, portanto, para Vasconcellos (2014, p. 57)

A crise da disciplina escolar realmente é muito séria, talvez, porque, pela primeira vez na história, esteja em jogo a própria continuidade da instituição, no que diz respeito tanto ao seu significado social (a escola é, de fato, necessária? É importante para quem? Para que?) quanto à sua existência objetiva baseada no tripé professor, aluno e instalações.

Evidentemente, que não acreditamos no fim da escola, até mesmo por que a escola possui uma função social importante que não pode ser descartada, ainda que os problemas relacionados à indisciplina apresentem uma gravidade acentuada, a escola sempre pode recuperar o respeito e a importância que lhe cabe.

Para isso ela precisa promover uma relação comprometida com seus membros, para ter o engajamento de todos, ela precisa estabelecer relações democráticas, que possibilitem que todos tenham voz, ou seja, uma articulação que precisa se estabelecer na confiança e respeito recíprocos, além da busca constante por soluções práticas que ajudem na real transformação dos problemas vividos dentro da escola.

Se o tema da indisciplina tem se colocado como um problema que exige um amplo debate, principalmente nos tempos atuais, o seu contrário: a disciplina, também tem sido relevante nas discussões na escola. Diante da crise vivenciada dentro do ambiente escolar, sobre o que fazer para mudar o cenário que a indisciplina tem tomado dentro desta instituição, um outro ponto vem ganhando destaque e tem levado a uma séria reflexão: Que tipo de disciplina queremos? Que caminho tomar?

Essas questões são importantes, na medida que temos diante de nós duas posições que são essenciais sobre a discussão do tipo de disciplina que queremos adotar para transformar este cenário. Uma diz respeito à disciplina como autonomia e liberdade e outra voltada à obediência e ao simples cumprimento das

regras. A primeira, tem como referência no Brasil, o filósofo e educador Paulo Freire, que sinaliza a importância da disciplina na vida dos educandos. Esta se constrói na autoridade do professor e no respeito a liberdade dos alunos, estas palavras: autoridade e liberdade não podem ser confundidas com autoritarismo, “*ser o dono da verdade*”, e licenciosidade, “*fazer o que se quer*”. Segundo Freire (1996, p. 34)

[...] o autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento.

Logo, para ele, a disciplina resulta da harmonia entre autoridade e liberdade. “[...] ela implica necessariamente o respeito de uma pela outra, expresso na assunção que ambas fazem dos limites que não podem ser transgredidos” (FREIRE, 1996, p. 33). Ambas contribuirão para a autonomia do aluno. Segundo Filho, Lima e Guimarães (2013, p. 68)

A autoridade deve vir como aprendizado da autonomia do educando. Esta, por sua vez, é construída ao preencher o espaço que ocupa a dependência. O aluno que exercita sua liberdade assume sua responsabilidade de decidir, de romper, e assim, assume sua autonomia. Autonomia, neste sentido, diz respeito ao posicionamento do indivíduo ante as situações do cotidiano. Assim, respeitar a liberdade do aluno é questão primordial, devendo-se reconhecer que, na sua liberdade, está inserido o germe para sua autonomia.

Já a segunda ganha relevo entre as áreas mais conservadoras da sociedade e mais alinhadas ao sistema de produção em massa. O discurso da obediência e do cumprimento das regras tem aparecido na atualidade com uma nova roupagem: as escolas militarizadas. Uma nova forma de gestão da educação, uma mistura de privatização com militarismo (GUIMARÃES; LAMOS, 2018, p. 66), vem ganhando espaço em diversos estados brasileiros, como exemplo, temos o estado de Goiás, que em 2001, criou a CPMG (Colégio da Polícia Militar de Goiás) através da Lei Estadual nº 14.050, transformando Escolas Estaduais em instituições de ensino geridas pela Polícia Militar do Estado de Goiás (PMGO).

Segundo Guimarães e Lamos (2018) a implantação deste tipo de gestão no estado de Goiás, tem como pressuposto diminuir a violência e melhorar o

desempenho dos alunos em um ambiente seguro tanto para alunos, professores e funcionários.

Este modelo vem se apresentando como uma solução para o problema da violência escolar e, pelos resultados conseguidos, tem chamado a atenção de parte da sociedade civil. Mas, apesar dos resultados, os mesmos autores apontam as contradições desse sistema, como exemplo, temos: a não participação na gestão democrática, pois, elas são regidas por uma ordem hierárquica, em que os militares tomam as posições de comando no sistema, com os professores em uma escala abaixo deles; cobrança de taxas, que foram alvo de inúmeras críticas por parte da comunidade escolar, mesmo sendo estas “voluntárias”; o modelo de ingresso dos alunos, sendo cinquenta por cento destinadas aos filhos de policiais militares e outros cinquenta por cento destinados a sorteio público aberto a comunidade estudantil, mediante inscrição no processo seletivo.

Como pode ser notado, este modelo apesar de apresentar melhoras nos índices de aprovação e diminuição da violência não foi concebido para ser universalizado. Mesmo estando em bairros com altos índices de violência, estas escolas não abrangem todos os estudantes que estão inseridos nestas comunidades.

Outro exemplo a ser destacado é o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), criado pelo governo federal no ano de 2019 (Decreto-Lei nº 10.004/19), sendo uma iniciativa do Ministério da Educação com a parceria do Ministério da Defesa e, tem como objetivo a implantação de 216 escolas neste modelo até o ano de 2023, a adesão de estados e municípios ocorre de maneira voluntária ao programa (BRASIL, 2019). Segundo o MEC (BRASIL, 2019) cinquenta e quatro milhões serão destinados em investimentos ao programa no ano de 2020, ao qual, será lançado um projeto-piloto com cinquenta e quatro escolas participantes selecionadas, com cada uma delas recebendo um milhão em verbas, que serão gastos com melhorias na infraestrutura e pagamento aos militares participantes do programa.

Destaca-se que muitas das críticas feitas sobre as escolas de Goiás cabem ao programa federal, uma vez que muitas dessas escolas tem em comum, por exemplo: um maior aporte financeiro por parte do governo federal, estadual e municipal, uma seletiva na escolha dos alunos e cobranças de taxas “voluntárias”.

Segundo Reis *et al.* (2019, p. 234) “[...] entende-se que a subordinação de profissionais da educação e estudantes a militares consiste em um ataque aos princípios democráticos do nosso país e descaracteriza a escola público como espaço de emancipação humana”.

Para Guimarães e Lamos (2018, p. 77) este tipo de escola com disciplina e hierarquia “[...] formam cidadãos adestrados e conformados com os trabalhos simples, somada a uma consciência acrítica que servirá a uma ordem voltada para os interesses da classe dominante detentora dos meios de produção com o agravante de sequer perceber isso”.

A defesa destes modelos considerados “disciplinadores” nunca deixou de estar presente no debate educacional. Ela teve, durante um longo tempo, fortes críticas, sendo alguns desses críticos: Foucault, Bourdieu, Freire entre outros.

Segundo Furlan e Peri (2011), para Foucault, o poder disciplinador na escola tem como objetivo tornar os corpos dóceis, obedientes e úteis, para que isso ocorra são necessários recursos educacionais nos quais as crianças e os jovens são preparados para se tornarem obedientes, produtivos e aptos para o trabalho.

Para Santos (2014, p. 493): “[...] muitas tecnologias do poder disciplinador voltadas para a docilização dos corpos, controlando os discursos e produzindo sujeitos, são constitutivas dos espaço escolar, ontem e hoje”.

Acreditamos que muitas práticas disciplinadoras promovida pelos professores e pela escola, ainda se caracterizam por um certo autoritarismo, buscando condicionar os alunos a uma obediência restrita às ordens impostas de cima para baixo, não promovendo o diálogo e a reflexão sobre a importância de cumprir as regras, como construção coletiva.

Nesse sentido, nos alinhamos à proposta que busca uma disciplina com autonomia e liberdade, defendida por Paulo Freire, mas, para que ela ocorra, é fundamental a ação do professor, agindo com autoridade e não com autoritarismo. A autoridade do professor se fundamenta no respeito a autonomia dos alunos. Para Freire (1996, p. 23) “[...] como educador, devo estar constantemente advertido a esse respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo”. Segundo Filho, Lima e Guimarães (2013, p. 68)

[...] para o educador, a disciplina é fundamental para o crescimento do aluno, exigindo que sempre haja uma autoridade paterna e docente, pois é

esta autoridade que permite ao aluno perceber que a disciplina não é somente uma necessidade individual, mas também social.

Tanto a autoridade do professor quanto da escola, deve ser exercida no caminho de levar os alunos a compreenderem a importância da disciplina em suas vidas e na coletividade. Para que isso ocorra são necessários espaços de diálogo e reflexão, onde todos podem vivenciar o direito de respeitar e ser respeitado.

É preciso considerar a escola como uma instituição republicana, ou seja, não serve às arbitrariedades daqueles que estão no governo, mas sim, à sociedade e democrática, onde todos podem participar de forma igualitária nas decisões que são importantes a esta instituição. Logo, a escola baseada nestes pilares, pode contribuir no enfrentamento da indisciplina, haja vista que todos os envolvidos com ela devem se responsabilizar pelo seu bom funcionamento e pela harmonia entre aqueles que com ela estão envolvidos, mas para que ela atenda às exigências de uma sociedade pautada por estes princípios, ela precisa que seus membros participem de forma ativa e consciente, isto ocorre através da compreensão das responsabilidades dos seus membros junto a esta instituição.

Segundo Fensterseifer e González (2018, p. 04)

[...] no interior da escola todos os componentes curriculares respondem pelo caráter republicano desta instituição no modo como lidam com o conhecimento e com as relações sociais que acontecem neste espaço público. Isso significa, entre outras coisas, não limitar a reproduzir os sentidos/significados encarnados pelas diferentes manifestações culturais, mas tematizando-os, desnaturalizá-los, evidenciando a pluralidade de sentidos/significados que os sujeitos podem produzir nos mais variados contextos. Pluralidade que só instituições como esse caráter republicano podem preservar e não são necessariamente compatíveis com os marcos de outros modos humanos de organizar a vida em sociedade.

2.3 INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo Pereira (2006, p. 28) “[...]o conceito de indisciplina, disciplina, controle da turma nas aulas de Educação Física, corresponde a uma preocupação permanente dos docentes”. Darido, González e Ginciene (2018) nos indicam que a indisciplina não é apenas um problema da Educação Física, contudo, ela se substancia de forma específica em suas aulas.

Para Sant’Ana (2015) as aulas de Educação Física apresentam uma dinâmica diferente na escola, por envolver atividades ligadas aos conteúdos da

cultura corporal, que fazem com que maximizem os conflitos e as questões ligadas às atitudes e valores.

Para Oliveira (2001) *apud* Fontoura (2013, p. 48) as características especiais das aulas Educação Física, em virtude de diferentes contexto (ginásio, pavilhões, espaços ao ar livre) e por terem um tipo de envolvimento menos estruturado e mais aberto, são mais propícias a problemas de indisciplina.

Diante das dificuldades apresentadas acima, e apesar da realidade parecer, em muitos casos, desanimadoras, cabe a nós, algumas reflexões importantes, como: o que promoveria a mudança desta situação? O que fazer? E a resposta aos problemas da indisciplina nas aulas de Educação Física, parece estar ligada a ela mesma, ou seja, o próprio componente curricular seria uma das respostas possíveis para o enfrentamento da problemática da indisciplina.

A Educação Física, como nos alerta Darido (2004) é o componente curricular preferido de muitos alunos. Nesse sentido, alguns estudos (SERIETA; BORGES, 2016; CANTÚ; PORTELA, 2009; RODRIGUES; NEVES, 2017) vem sendo desenvolvidos com o objetivo de comprovar o papel da Educação Física no enfrentamento da indisciplina.

Sierota e Borges (2016) promoveram uma intervenção nas aulas de Educação Física com jogos e brincadeiras, tanto cooperativos quanto competitivos, com o objetivo de amenizar os problemas de indisciplina nas aulas de Educação Física, os autores desenvolveram atividades com alunos de uma escola pública do interior do Paraná, duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, e concluíram que jogos e brincadeiras podem ser uma ferramenta importante a ser utilizada quanto a conteúdo e estratégia de ensino, principalmente, quando o objetivo for estabelecer e cumprir regras durante as aulas. Para os autores os jogos cooperativos e as brincadeiras podem favorecer a integração entre alunos, inclusive daqueles que apresentam uma maior frequência de rebeldia e indisciplina.

A apropriação do esporte como um dos conteúdos abordados pela Educação Física, também pode favorecer uma melhora nos comportamentos de indisciplina e violência no ambiente escolar, como nos aponta Cantu e Portela (2009). Em projeto por eles realizado, com alunos do 5º e 6º anos do ensino fundamental, que teve como intervenção o Futsal para os meninos e “caçador/mata-mata” para as meninas, os autores obtiveram melhoras significativas quanto à

redução da indisciplina e violência no ambiente escolar, houve uma redução na média geral das turmas entre a 1ª fase e a 2ª fase da indisciplina e violência de 55,84%, sendo que para um 5º ano houve uma redução de 66,66%. Entre a 1ª e 2ª fases foram realizadas orientações sobre (in)disciplina, violência, agressões físicas e morais, relacionamento, respeito, convivência, coleguismo e atitudes antiesportivas.

Um estudo realizado em Portugal, no distrito de Aveiro (RODRIGUES; NEVES, 2017), em uma escola do 1º CEB (1º ciclo do ensino básico), promoveu intervenções com jogos cooperativos e jogos sociais nas aulas de Educação Física. Participaram do estudo 21 alunos, e, o objetivo era verificar de que modo os comportamentos e as atitudes dos alunos melhoravam com a intervenção das práticas propostas nas aulas de Educação Física.

Tal intervenção, constou de um plano de atividades estruturadas em sete aulas, e as coletas dos dados foram realizadas através do Sistema de Observação dos Comportamentos de Indisciplinas dos Alunos (SOCI) e o Physical Education Pupil Control Inventory (PECPI).

Os dados apresentaram que houve diminuição dos comportamentos de indisciplina nas aulas de Educação Física, principalmente, no número de atos de indisciplina dirigidos aos colegas. Os autores do estudo sugerem que a prática de jogos cooperativos ajuda a contribuir na diminuição dos atos de indisciplina nas aulas, uma vez que essas práticas auxiliam os alunos a confiar mais nos colegas, promovem um menor número de conflitos, ao mesmo tempo que vão aumentando a cooperação na realização das atividades nas aulas de Educação Física. Os mesmos ressaltaram que as atividades de jogos cooperativos nas aulas de Educação Física evidenciaram um potencial de promoção no desenvolvimento de atitudes e comportamentos de inclusão nas práticas coletivas da turma.

Darido, Gonzáles e Ginciene (2018, p. 15) apontam algumas experiências metodológicas que podem contribuir para o enfrentamento da indisciplina, na busca de construção de valores e atitudes positivas nas aulas de Educação Física. Para os autores estas propostas “[...] exigem dos professores, para além das atitudes básicas como respeito aos alunos e compromisso com o trabalho, procedimentos específicos para terem chances de sucesso.”

Tais propostas em Educação Física buscam promover uma melhora nos aspectos relacionados à indisciplina e na construção de valores sociais

(DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018, p. 15). Dentro destas, destacam-se: *Teaching Personal and Social Responsibility*, ou, Modelo de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR), *Fútbol Callejero*, *Sport Education* e as possibilidades da implantação híbrida de tais metodologias, como o *Sport Education* com a TPSR.

O *Teaching Personal and Social Responsibility* é uma proposta de intervenção pedagógica, desenvolvida por meio de práticas corporais, foi criado por Donald Hellison na década de 1990. A proposta surgiu com o intuito de ajudar crianças e jovens a responsabilizarem-se pelo seu desenvolvimento e colaborar com o bem-estar dos colegas, a proposta tem como objetivo desenvolver valores pessoais e sociais através do ensino de práticas corporais e a transferências destas práticas para a vida dos alunos. Tem uma proposta estruturada em progressões de níveis: respeito (Nível I); empenho (Nível II); autonomia (Nível III); ajuda (Nível IV); transferência para a vida (Nível V) (DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018, p. 16).

A proposta do *Fútbol Callejero*, desenvolvida nos bairros periféricos de Buenos Aires, com o objetivo de retornar as raízes do futebol de rua, com uma proposta de educação popular e lazer, em que seus membros participam acordando as regras que são respeitados por todos, não há a necessidade de juiz, somente de um mediador que favorece o diálogo e ajuda na soluções e mediação dos conflitos e na determinação dos resultados. O jogo é dividido em três tempos, com o primeiro, os jogadores decidindo sobre as regras e atitudes que orientarão a partida, no segundo tempo, que tem duração de 20 minutos é onde ocorre o jogo, propriamente dito, no terceiro tempo são discutidos o desenrolar do jogo e define-se o escore da partida (DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018, p. 17).

A proposta do *Sport Education*, desenvolvida pelo professor norte-americano Daryl Siedentop, é a de que os alunos participem do que ele denomina de experiências esportivas autênticas. Organiza-se um campeonato, durante a unidade didática que está sendo ensinada. A participação dos alunos acontece pela divisão da turma em pelo menos três equipes equilibradas, enquanto duas participam do jogo, ao final da aula, a terceira dá sustentação ao jogo, assumindo a arbitragem, organização, registros, torcida entre outros papéis delimitados pela turma, o importante é que todos os alunos passem pelo maior número possível de papéis, criando um ambiente que favoreça a responsabilidade e a participação, sem exclusão (DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018, p. 13).

É importante destacar que estas propostas precisam ser bem elaboradas e planejadas para que o sucesso possa ser atingido, o professor deve-se empenhar em conhecer a metodologia buscando na literatura e nas experiências de outros profissionais o respaldo necessário para o desenvolvimento do trabalho que ele pretende desenvolver.

Evidentemente, que também outras propostas são possíveis, no sentido, da criação de métodos para o enfrentamento da indisciplina, como a sugerida neste trabalho. A cultura corporal é vasta e riquíssima em possibilidades, o importante é que o professor planeje, reflita e busque o envolvimento de todos os participantes.

Para Darido, Gonzáles e Ginciene (2018, p. 19)

[...] é preciso lembrar que estas estratégias não vão resolver os problemas do dia para a noite. É preciso tempo e a colaboração de todos, e não só nas aulas de Educação Física, pois os valores e atitudes são formados a todo o momento, em qualquer lugar, por qualquer pessoa. Ou seja, as aulas de Educação Física fazem parte de um processo maior de formação de valores, de forma intencional e sistematizada (escola e todo seu rol de disciplinas) e não intencional (sociedade).

No próximo capítulo apresentaremos os Jogos Sociomotrizes de Cooperação na perspectiva da Praxiologia Motriz e como podemos, com seu auxílio, trabalhar a questão da indisciplina nas aulas de Educação Física.

3. OS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ E A CONSTRUÇÃO DE VALORES

A Praxiologia Motriz (PM) será adotada, neste trabalho, como suporte teórico para auxiliar no entendimento dos jogos sociomotrizes de cooperação, portanto, faz-se necessária a sua compreensão. Segundo Ramos e Ferreira (2016, p. 17):

A Praxiologia Motriz é uma área epistemológica criada pelo francês Pierre Parlebas (1987), na década de 1960, cujo objetivo de estudo são as ações motrizes. Trata-se assim, de compreender como as práticas corporais são estruturadas, se dinamizam e influenciam aqueles que as praticam.

A partir desta ideia, nos parece importante que o(a) professor(a) de Educação Física conheça tais fundamentos para que possa, de forma mais objetiva e consciente, planejar suas aulas na escola.

A PM é definida por seu autor como a “[...] ciência da ação motriz e principalmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento” (PARLEBAS, 2001 apud NORA *et al* 2016, p. 1366). Como apontam Ribas e De Marco (1999, p. 166) “[...] a ideia principal da Praxiologia é explicar o movimento humano a partir da compreensão da estrutura interna das atividades físicas”.

Nesse sentido, vamos especificar dois conceitos fundamentais desta teoria, a saber: ação motriz e a lógica interna, pois são necessários para a introdução da compreensão dos estudos sobre a PM.

Ação Motriz:

É o processo de adaptação das Condutas Motrizes de um ou mais sujeitos ativos, em uma situação motriz particular. Consiste em todos os movimentos, independente de seus executores, realizados durante a prática de um jogo ou esporte, deste que previamente determinados pelas regras e normas de funcionamento da atividade (PARLEBAS, 1981 *apud* OLIVEIRA; RIBAS, 2010, p. 137).

Lógica interna:

É o sistema dos recursos pertinentes de uma situação motriz e das consequências que acarretam para a realização da ação motriz correspondente, ligadas diretamente ao sistema de obrigações que rege os meios de interação que estão na origem das principais modalidades das condutas motrizes desenvolvidas em cada jogo, nas quais remetem a

manifestações de pertinência práxica (PARLEBAS, 2008 apud SOUSA, 2017, p. 104).

Segundo Brasil *et al.* (2017, p. 128) “[...] enquanto a ação motriz é recorrente e emerge da lógica interna do jogo (norma e regras), ela se concretiza nas condutas motrizes, que são formas de comunicação únicas, referentes à possibilidade do participante no jogo”. O conceito de conduta motriz desempenha um papel crucial na Educação Física ao combinar o ponto de vista da observação externa (o comportamento observável) e do significado interno (a vivência pessoal) (LAGARDERA; LAVEGA, 2004 *apud* SANTOS; SANTOS, s/d).

O entendimento dos sentidos das ações motrizes, de forma criteriosa, é que permite a elaboração de uma gramática do jogo. As regras do jogo regem a dinâmica da atividade, e o estudo de suas ações motrizes, à luz da praxiologia motriz, decifra e constrói sua gramática (NORA *et al.*, 2016, p. 1370).

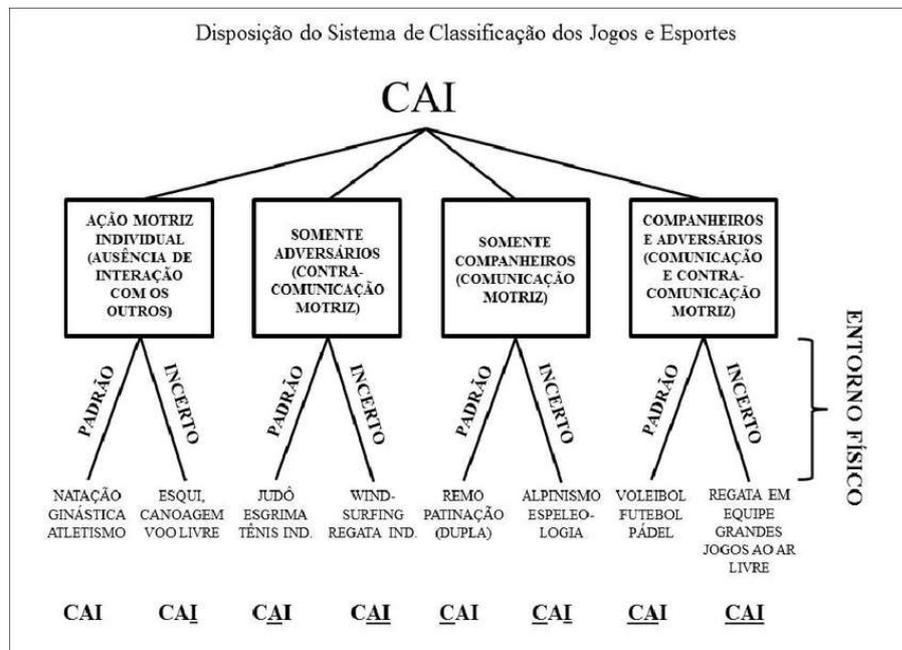
Com base no entendimento de ação motriz e de lógica interna, Parlebas elaborou a forma de classificação das práticas corporais (FERREIRA; RAMOS, 2017). Diferente do modo como costumeiramente, no Brasil, identificamos as práticas corporais, entre individuais e coletivas na classificação criada por Parlebas as práticas são denominadas de psicomotrizes e sociomotrizes, a saber:

- Práticas psicomotrizes, são aquelas em que o praticante só estabelece relação com ele mesmo e com o espaço físico/ambiente onde as realiza, uma vez que, em tais práticas não existe a presença de um companheiro e tampouco de um adversário diretamente (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 8);
- Práticas sociomotrizes são práticas nas quais os praticantes estabelecem relações a partir de três possibilidades: 1) com um ou mais companheiros, 2) com um ou mais adversários, 3) de modo simultâneo (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 9).

Tanto nas práticas psicomotrizes quanto nas sociomotrizes os praticantes podem estabelecer relação com o espaço físico/ambiente de duas maneiras possíveis, através de um ambiente padrão ou incerto, sendo, padrão quando não requer leitura do meio, e incerto, quando exige constante leitura do meio físico (NORA *et al.* 2016, p. 1370). As interações entre os participantes e o espaço físico/ambiente produzem um sistema de classificação que envolve companheiros, adversários e incerteza do meio e é denominada de CAI. A combinação binária

produz um total de oito categorias, compostas por dois grupos de atividades psicomotrizas e seis sociomotrizas (RIBAS, 2017, p. 36-37). A imagem a seguir ilustra essas possibilidades de combinações.

Imagem: CAI



Fonte: Nascimento *et al.*, 2015.

Outro fator importante nas definições da praxiologia motriz, são os conceitos apresentados pelos Universais Ludomotores que estão extremamente vinculados à lógica interna (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 21). Segundo Parlebas (2012) *apud* Ribas (2017, p. 38) “[...] os Universais são os modelos operativos que surgem das regras próprias de cada jogo e representam as características de cada situação motriz, considerando que as regras produzem a objetividade da ação motriz”. Os universais ludomotores são compostos por sete critérios: rede de comunicação, rede de interação de marca, sistema de pontuação, sistema de trocas de papéis, sistema de trocas de subpapéis, código gestêmico, código praxêmico (RIBAS, 2017, p. 38).

Rede de comunicação: é a linguagem que se pretende comunicar aos participantes das atividades, diz respeito a uma comunicação direta, que é compreendida pelos membros participantes da atividade, há também a

contracomunicação, que tem como objetivo estabelecer uma estratégia comunicativa que visa enganar o adversário;

Rede de interação de marca: diz respeito ao recurso para estabelecer o ganhador ou perdedor das práticas corporais em que a confronto direto ou indireto (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 21), podem ser citados, como exemplo: o gol no futebol ou handebol, o ponto no jogo de tênis, o cumprimento de um objetivo em um jogo que determine a vitória ou a derrota de uma das equipes;

Sistema de pontuação: são as formas de marcação de pontos que se estabelecem em um determinado jogo ou esporte e que possibilitam as estratégias dos participantes;

Sistema de troca de papéis (rede de papéis): são os papéis assumidos pelos atores da ação motriz, durante a prática do jogo ou esporte, como exemplo, o papel de atacante ou defensor;

Sistema de trocas de papéis (rede de subpapéis): diz respeito, as trocas que os participantes podem fazer dentro do papel que exercem, como ser o atacante com a bola, podendo executar um tipo de movimento, como lançar ou driblar, como pode exercer a ação de atacante sem bola em que pode buscar um melhor posicionamento na estratégia ofensiva;

Código gestêmico: são as interações comunicativas que se estabelecem através do(s) gesto(s), como levantar o dedo, podendo ser significativa a todos os participantes, ou podem servir apenas para a compreensão de uma das equipes entre seus membros;

Código praxêmico: é uma forma de comunicação que se relaciona com o comportamento que a pessoa assume em relação ao(s) objeto(s) e com os outros, como exemplo, temos o posicionamento que um participante pode tomar no momento de receber a bola de outro companheiro, exige uma leitura corporal mais refinada, tanto dos parceiros quanto dos adversários (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 23).

Segundo Taborda (2014) os sete níveis de interpretação praxiológica de Parlebas, constroem a “gramática do jogo”, ou seja, a semântica que analisa em profundidade os significados do sujeito em interação quando se encontra jogando em uma determinada situação motriz.

Como podemos observar, a PM, através de sua classificação, ajuda-nos a construir uma visão sobre as atividades corporais, mais bem estruturada, possibilitando aos que trabalham com a Educação Física, e, em especial, com a Educação Física escolar, compreender os mecanismos inerentes a essas práticas, promovendo uma maior reflexão sobre a atuação nas aulas.

Na compreensão da lógica interna das práticas corporais, o professor de Educação Física escolar pode construir junto com os alunos novas possibilidades de vivências corporais que estarão mais de acordo com a realidade e as expectativas esperadas pelos alunos e pelos professores, promovendo uma melhora nas relações pedagógicas, sociais e afetivas dentro do ambiente das aulas de Educação Física.

3.1. PRAXIOLOGIA MOTRIZ E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo Ribas (2005) o primeiro ponto a ser destacado é que a PM define um objeto próprio da Educação Física escolar: a conduta motriz. Parlebas (1999, p. 119) *apud* Ribas (2005, p. 114) aponta que a Educação Física é entendida como um campo da pedagogia das condutas motrizes, ou seja, uma prática de intervenção que exerce influência sobre as condutas motrizes dos participantes em função das normas educativas implícitas ou explícitas.

Lavega (2004) aponta que a Educação Física deve entender-se como a pedagogia das condutas motrizes, na medida que trata de otimizar ou melhorar as condutas motrizes dos educandos.

Para Lavega (2004, p. 11)

O professor de Educação Física se converte em um observador experiente das condutas motrizes de seus alunos, e uma vez organizadas e sistematizadas, trata de sugerir ou aumentar as funções motrizes que promovam a otimização das condutas observadas em função de um determinado projeto pedagógico.

Segundo Oliveira *et al.* (2012, p. 54) “[...] os saberes praxiológicos proporcionam a professores e alunos, uma nova compreensão dos jogos e esportes, definindo as redes de comunicação, analisando os atributos dos participantes em termos técnico-táticos, revelando seu funcionamento interno de cada jogo”. Esta compreensão contribui com uma melhor intervenção dos participantes, como para

um aprimoramento da compreensão do jogo pelos sujeitos do processo ensino-aprendizagem (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 54).

Um fator importante a destacar, apontado por Ribas e De Marco (1999), é que Parlebas não acrescenta nenhuma fórmula mágica para a área, mas contribui com uma organização estrutural para a Educação Física. Como ressaltam Ferreira e Ramos (2017, p. 23)

Trata-se assim de nos valermos deste referencial para esmiuçarmos as manifestações da cultura corporal de movimento (jogos, danças, lutas, esportes, brincadeiras, ginásticas, práticas corporais alternativas, atividades circenses) com as quais trabalhamos na escola, de modo que possamos melhor compreendê-las e alinharmos os objetivos que buscamos aos conteúdos que serão desenvolvidos em nossas aulas. Isso, aliás, não deve ser algo só realizado pelo professor, mas também pelos alunos em formato de planejamento participativo.

A praxiologia motriz, nesse sentido, pode oferecer aos professores de Educação Física um olhar mais “clínico” quanto à elaboração das práticas da cultura corporal de movimento, possibilitando a construção de propostas pedagógicas condizentes com a realidade dos alunos, levando à construção de aprendizagens significativas que podem melhorar as relações interpessoais entre os/as alunos/as e o(s)/as professor(es) promovendo uma melhora importante na dimensão atitudinal, favorecendo que os aspectos de indisciplina nas aulas passem por um processo de reflexão durante o percurso das aulas.

A partir das definições apontadas, todas elas inspiradas na PM, partimos a seguir para os desdobramentos do processo de classificação das práticas corporais voltados para o entendimento dos jogos sociomotrizes de cooperação.

3.2. JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VALORES

Dentro do contexto da praxiologia motriz, podemos destacar que os jogos de cooperação, se situam dentro das práticas sociomotrizes, ou seja, quando há interação entre dois ou mais participantes das atividades corporais, lembrando que estas interações podem ocorrer mediante três possibilidades: interação com um ou mais companheiros, com um ou mais adversários, ou de modo simultâneo (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 19).

Os jogos sociomotrizes de cooperação estão inseridos na possibilidade

de interação com um ou mais companheiros, que, segundo Ferreira e Ramos (2017, p.19) acontece “[...] quando a prática corporal ocorre com uma dinâmica na qual todos os membros do grupo buscam alcançar juntos os mesmos objetivos”.

Como exemplo destes jogos, podemos citar: pessoa pra pessoa, nó humano, passeio do bambolê, grupo unido, entre outros. Aqui descreveremos duas destas atividades para uma maior clareza em relação ao que são os Jogos Cooperativos de Cooperação. Na atividade nó humano os alunos formarão uma roda e, neste momento, o professor pede para que cada aluno segure a mão de outro aluno, eles não devem pegar a mão do colega que está no seu lado direito ou esquerdo, e, também não devem pegar as duas mãos de um mesmo colega. Quando todas as mãos estiverem agarradas, irá se formar um nó humano, tornando-se necessário desfaze-lo, porém sem soltar as mãos, todos deverão acabar a atividade em roda, novamente. No passeio do bambolê Será realizado uma roda com os alunos todos de mãos dadas, então o professor escolherá um local da roda e colocará um bambolê entre o braço de dois alunos, ao sinal do professor, todos deverão passar o bambolê pelo corpo sem soltar a mão, até que o bambolê chegue ao ponto da roda que se iniciou a brincadeira. Pode-se formar, mais de um grupo, com números iguais, ou introduzir mais bambolês à roda, porém, em locais diferentes da roda.

Ainda que haja alguma diferença quanto à nomenclatura utilizada, muito dos objetivos propostos por estes estudos, também são os mesmos utilizados quando na realização deste trabalho: melhora das relações interpessoais, busca por uma prevenção/diminuição na indisciplina dos alunos dentro do contexto das aulas de Educação Física e no ambiente escolar. Analisaremos, portanto, tanto os aspectos positivos desta proposta, quanto os negativos, buscando compreender estes pontos, para dialogarmos melhor com as possibilidades e limitações desta proposta dentro do âmbito da Educação Física Escolar.

Para Dos Santos (2013, p. 33) os jogos cooperativos oferecem grandes grupos de situações motrizes, sendo que, os jogos de cooperação, levam os participantes a participar de um cenário que tende a organizar respostas as necessidades de um coletivo em prol de um objetivo comum.

Ribas (2002, p. 87) aponta que nas interações cooperativas a comunicação é a essência. E, quanto maior a comunicação entre os participantes,

melhor será a possibilidade de êxito nestas atividades. Destaca-se que os Jogos Sociomotrizes de Cooperação podem contribuir para o desenvolvimento de aulas que estimulem práticas educativas e sociais mais participativas, beneficiando, principalmente, nas aulas de Educação Física, ações e reflexões em torno da indisciplina, da incivilidade, da violência, das agressões ou dos conflitos.

As características dos comportamentos e atitudes dos alunos que podem ser mobilizadas pelos jogos de cooperação segundo Oliveiras (1998) *apud* Correa (2006, p. 156) são:

- Não valorizar o fato de ganhar ou perder;
- Evitar a eliminação dos participantes, procurando manter todos inclusos até o fim do jogo;
- Procurar facilitar o processo criativo, com a flexibilização das regras;
- Buscar evitar estimular à agressividade e o confronto individual ou coletivo.

Para Correia (2006, p. 158) “[...] com os jogos cooperativos, a Educação Física escolar pode enxergar com muito mais facilidade a integralidade do ser humano e a necessidade de trabalhar valores tais como a solidariedade, a liberdade responsável e a cooperação”. Também, podem ser uma alternativa a uma proposta integrativa nas aulas de Educação Física, pois tem a inclusão (participação de todos nas atividades realizadas) e a cooperação como seus princípios fundamentais (NETO; WALDOW, 2010, p. 86-87).

Nesse sentido, estudos vem sendo realizados a fim de compreender os desdobramentos de programas de ensino com jogos de cooperação dentro do contexto das aulas de Educação Física, dando relevo, principalmente, aos aspectos relacionados ao companheirismo, à empatia e às relações de comportamento individual e em grupo. Nos parágrafos seguintes serão destacados a utilização dos jogos de cooperação em aulas de Educação Física, bem como, as contribuições que estas atividades podem oferecer.

Cantaten (2013) realizou junto com o professor de Educação Física de uma escola municipal, da cidade de Vista Alegre, RS, com uma turma da 4º série, um programa com 10 aulas com jogos cooperativos, o autor constatou que as atividades desenvolvidas com jogos cooperativos promoveram uma melhora não

somente nas aulas de Educação Física, mas na escola como um todo, isso se deve a compreensão que as atividades com jogos de cooperação realizaram no entendimento dos alunos sobre a importância de cooperar para o desenvolvimento sócio afetivo não só nas aulas de Educação Física, mas, na escola e principalmente na vida. Esta melhora foi também observada pelos professores e pais dos discentes envolvidos nas atividades.

Urlieh e Santos (2008) realizaram um projeto, intitulado: vencendo a indisciplina por meio dos jogos cooperativos, com uma turma do 6º ano de uma cidade no interior do Paraná. Esse projeto objetivava em primeiro momento levar aos alunos o conhecimento sobre o significado dos jogos cooperativos e posteriormente analisar se os alunos apresentaram mudanças comportamentais ocorridas durante o processo com as atividades com os jogos de cooperação. Os resultados indicaram que 96% dos alunos afirmaram ter melhorado o relacionamento com os colegas em sala de aula, e, 100% deles atribuíram à melhora a participação nas atividades com jogos cooperativos. Esta melhora foi sentida também pelos professores e pela equipe pedagógica que foram unânimes em afirmar que o grau de indisciplina havia diminuído consideravelmente na respectiva classe. Destaca-se que os dados analisados e que promovem uma quantificação de valores quanto a mudanças de comportamento e atitudes por parte dos alunos, através de questionários, levando a uma tentativa de mensuração de valores comportamentais, pode levar a situações em que ao quantificar estas percepções, professores ou pesquisadores acabem se preocupando mais com a quantificação do que com os aspectos relacionais propriamente ditos, ou seja, causando uma frustração quando os dados não apresentarem índices que condizem com a expectativa esperada, por exemplo, valores baixos dentro de um escore.

Na nossa leitura, destacamos que o importante é lembrar que em propostas como estas, o processo de construção de valores relacionais entre os participantes e muito mais importante do que a mensuração através de um valor numérico construído através de questionários.

Em defesa da apropriação dos jogos de cooperação pela Educação Física, para contribuir que os alunos tomem maior consciência da importância de colaborar e agir coletivamente, Weiler e Teixeira (2012) realizaram entrevistas com alunos do 1º ano do ensino médio, sobre a compreensão que os mesmos tinham

sobre a indisciplina e observaram que a grande maioria dos alunos possuía compreensão dos processos de indisciplina vivenciados dentro do ambiente escolar, após as observações promoveram intervenções com jogos cooperativos e durante a análise das atividades e discussões, os alunos afirmaram que o comportamento da turma havia mudado, tornando-se mais amigos, tolerantes e pacientes um com os outros, por meio dos jogos cooperativos, os alunos constataram a necessidade do trabalho em grupo, e buscou-se a possibilidade de inclusão e da interação social de todos.

Neto e Waldow (2010, p. 94), realizaram intervenções com jogos de cooperação, com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, e puderam observar através de questionários respondidos pelos alunos, que os mesmos apresentaram uma melhora na colaboração e no companheirismo entre eles, e, principalmente, a consciência de que ajudando o outro, brincando junto e tendo maior união, a aula se tornava mais prazerosa e divertida.

Outro fator a ser destacado, em relação aos jogos de cooperação, são os que se relacionam com as emoções, destaca-se a importância dos jogos de cooperação em relação às emoções positivas (ÓCARI *et al.*, 2014; JAQUEIRA *et al.* 2014; DÍAZ, 2016; LAGARDERA; LAVEGA, 2011; SANTOS, 2013). Dentre os vários domínios de ação motriz, os jogos cooperativos tendem a estimular com maior intensidade as emoções positivas e menos as emoções negativas; sendo as mulheres as que obtêm os índices mais elevados (ETXESBESTE, 2001; LAVEGA, MARCH *et al.* 2013 *apud* JAQUEIRA *et al.* 2014), isso se explicaria pelo fato da tradição competitiva estar muito mais arraigada nos homens (JAQUEIRA *et al.* 2014).

Um fator importante a ser destacado é que os jogos de cooperação não devem ser apropriados pela Educação Física somente como um mero contraponto aos jogos competitivos, ou seja, acreditar que a substituição da competição pela cooperação promoverá por si só toda uma gama de ganhos referentes a solidariedade, respeito e/ou companheirismo. Ambos, podem, cada uma à sua maneira possibilitar tais ganhos, o que importa destacar é que os jogos de caráter competitivo tomaram por muito tempo o cenário da Educação Física, e, em muitos casos, sendo o único instrumento utilizado por boa parte dos professores. A ênfase exagerada nos fatores competitivos, esta sim, fez com que a competição se tornasse

muitas vezes excludente e seletiva, prejudicasse os menos habilidosos não permitindo em muitos casos, a efetiva participação de todos os alunos dentro do contexto das aulas de Educação Física.

Em muitas situações o exagero competitivo dentro do contexto das aulas de Educação Física reproduz, em parte, o tipo de sociedade em que estamos inseridos, sociedade está vinculada a uma competitividade exacerbada pela ideia perniciosa da vitória a “todo custo”.

Os jogos de cooperação, ao promoverem uma proposta diferenciada de participação, deve levar seus participantes a uma maior reflexão sobre sua participação e atuação na sociedade, não deve ser, como nos alerta Correia (2006, p. 160) uma simples alteração ou modificação das regras do jogo, bem como, a mera intenção de proporcionar momentos de alegria e descontração. Para Brown (1995) *apud* Correia (2006, p. 161) o papel do educador, ao trabalhar com os jogos de cooperação, é o de despertar o senso crítico para as questões sociais.

Neste sentido, o professor ao trabalhar com jogos de cooperação, deve reforçar os conteúdos atitudinais presente nesta proposta. Os conteúdos que podem ser trabalhados na dimensão atitudinal, segunda Darido (2008, p. 53) são: valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto, respeitar os adversários, colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência, predispor de participar em atividades em grupos, cooperando e interagindo, reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto ao nível de habilidade, sexo, religião e outras.

Estes conteúdos corroboram com as expectativas apresentadas em uma proposta com jogos de cooperação e reforçam dentro das aulas de Educação Física os aspectos que podem ajudar na diminuição/amenização dos problemas indisciplinares dentro de suas aulas. O professor dentro desta proposta de conteúdos pode promover junto com os alunos uma maior reflexão sobre as atitudes, regras e comportamentos, numa relação dialógica, que leve a construção de princípios éticos e sociais capazes de transformar a realidade presente no cotidiano das aulas e do ambiente escolar.

Apesar de valorizarmos o trabalho realizado pelos jogos cooperativos, em especial, o autor responsável pela difusão destes jogos no Brasil, o professor Fábio Otuzi Broto e, fazemos várias referências a autores que desenvolvem

trabalhos com os jogos cooperativos, a mudança de nomenclatura se deu por motivos que, em muitos jogos cooperativos a classificação não se adequaria ao contexto da análise praxiológica. Por exemplo, o jogo Volençol que é classificado como um jogo cooperativo, não condiz de uma certa forma com o classificação observada pela PM, lembrando que as interações cooperativas na PM ocorrem quando dois ou mais companheiros participam sem que haja interações de oposição (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 17). Seguindo esta linha de pensamento, o Volençol seria então classificado como uma atividade de cooperação-oposição, em que dois objetivos simultâneos ocorrem dentro do jogo, tanto de caráter cooperativo quanto de caráter competitivo, mesmo que a ideia de competição não esteja acentuadamente presente nesta atividade, ela ainda assim apresenta uma característica que, em si, tem como objetivo a vitória de uma das partes, ou seja, uma competição.

Ainda sobre este apontamento, vários outros exemplos desse tipo podem ser dados, jogos como: rede humana, travessia do rio perigoso, futpar, possuem este mesmo formato, enquanto os jogos sociomotrizes de cooperação não apresentam nenhuma interação competitiva, todo objetivo da atividade é voltada para a participação colaborativa entre os companheiros, como exemplo, podemos citar: nó humano, pessoa para pessoa, passeio do bambolê etc.

De modo diferente das atividades anteriormente apresentadas, na atividade do nó humano, os alunos formam uma roda e cada um tem que pegar as mãos de outros dois amigos da roda, porém, não pode ser os que estão ao seu lado e, também, não podem pegar a mão da mesma pessoa duas vezes. Depois disso será formado um “nó” que os alunos em conjunto e sem soltar as mãos terão que voltar a formar uma nova roda. Para que isso ocorra todos devem participar e colaborar juntos. Essa exemplificação serve para mostrar como esta atividade é totalmente cooperativa e se diferencia dos jogos com cooperação-oposição.

Entendemos que os jogos cooperativos, também possuem classificações dentro da sua base teórica, como jogos cooperativos sem perdedores, jogos de inversão, jogos semi-cooperativos, jogos de trans-formação (BROTTO, 2001). Não estamos, com isso, querendo negá-las, porém, nosso alinhamento à visão praxiológica nos permite buscar uma alternativa diferente da proposta pela teoria dos jogos cooperativos.

Uma outra questão importante, ao nós alinharmos com a teoria da PM, é a de podermos tomar um certo distanciamento, que nos permite observar de forma crítica aspectos relacionados à lógica interna da teoria dos jogos cooperativos, principalmente, a uma certa visão “romanceada” que é a ideia que estes jogos, por si só, podem transformar ou mudar certa realidade, criando um mundo “*cooperativo*” no qual a competição é vista como algo que não produz nenhum tipo de benefício, ou que ela é um “*mal*” a ser combatida.

Lovisoló, Borges e Nunes (2013) buscam rebater algumas das ideias preconizadas pelos autores que trabalham com a teoria dos jogos cooperativos, principalmente a de que os esportes competitivos produzem situações negativas, como: o confronto, eliminação da diversão, da alegria de jogar e da exclusão dos perdedores. Para os autores muito destas fundamentações precisam de uma maior aprofundamento, por não fazerem uma análise mais detalhada de autores que defendem outra visão sobre o esporte e a competição, como exemplo, apontam Norbert Elias que considera que os “Esportes e Jogos se caracterizariam pelas restrições a violência impostas pelo respeito obrigatório as regras que os estruturam” (LOVISOLO; BORGES; NUNES, 2013, p. 134). Para Muniz (2010, p. 122) a proposta de reeducação da sociedade pelos jogos cooperativos, deixa dúvidas quanto a um possível paradoxo pedagógico, ao privilegiar uma educação voltada as condutas cooperativas e solidárias, reprimindo os jogadores de agirem competitivamente, não dando ao jogador possibilidades de aprender a confrontar, conflitar, de defender seus interesses e de opor-se a outra parte – aspectos também importantes relacionados à aprendizagem. O autor argumenta que tais atitudes podem levar os sujeitos a se tornarem dóceis, pacíficos em situações de conformidade diante de situações antagonistas, sem experiências conflitivas, tornando-se incapazes de confrontar a ordem vigente, facilitando assim a forças políticas dominadoras.

Evidencia-se, que aqueles que querem trabalhar com jogos cooperativos precisam ultrapassar a mera ideia de que ao utilizar-se destes jogos, por si só, eles seriam capazes de promover uma consciência cooperativa, negando a competição. É preciso muito mais que isto. Torna-se necessário, por parte dos profissionais envolvidos com esta proposta, toda uma reflexão sobre a lógica externa que envolve os jogadores, como sua realidade social, a cultura da escola e da

sociedade, ao qual, eles estão envolvidos. Há também a necessidade de uma análise profunda da lógica interna especificamente no que diz respeito ao comportamento dos jogadores, às disputas e aos conflitos que podem ocorrer no contexto das atividades cooperativas.

Para Correia (2006, p. 160) “[...] é preciso fazer o aluno perceber nas estruturas cooperativas, encontradas e vividas nos jogos cooperativos, uma relação com o seu trabalho, a sua atuação e sua vida em uma sociedade marcada pela competitividade no capitalismo.”

Cruz e Freire (2014, p. 120) entendem que

A aplicação dos Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física não deve ser entendida como instrumento que transforma o comportamento dos estudantes de maneira doutrinária. Esta aplicação deve ser vista como um recurso importante para que os alunos possam conhecer essa forma de jogo, compara-la com outras formas, analisar as características do jogo e, a partir deste conhecimento refletir sobre suas atitudes e preferências, sobre as consequências de seus atos e sobre as relações cooperativas e competitivas na sociedade. Essa reflexão é fundamental para que as atitudes adotadas, sejam elas competitivas ou cooperativas, esteja subsidiadas num sistema de valores construído de forma consciente e crítica.

Neste capítulo apresentamos uma análise da lógica interna dos jogos sociomotrizes de cooperação com base na PM, sua relação com a Educação Física e alguns estudos com propostas de ensino dos jogos de cooperação no contexto da Educação Física Escolar.

No próximo capítulo discutiremos a trajetória metodológica, as características da pesquisa qualitativa, o local e os participantes, abordaremos sobre os diários de aula e as rodas de conversa com instrumentos essenciais da pesquisa realizada e, por fim, os aspectos éticos relacionados ao trabalho realizado.

4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação de mestrado tem sua relevância no sentido que busca contribuir para novos debates acerca dos processos de intervenção possíveis dentro do contexto das aulas de Educação Física em relação à indisciplina. Ela nasce dos problemas do cotidiano, nas relações de vivências do professor em relação ao contexto de indisciplina nas aulas de Educação Física.

Portanto, busca-se um caminho entre os vários caminhos possíveis, sempre com a intenção de promover a reflexão e o debate sobre as causas e possíveis soluções para o enfrentamento/diminuição do problema da indisciplina. Nesse sentido, torna-se importante conhecermos os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa, então...*caminhemos...*

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é de natureza qualitativa. Segundo Silveira e Cordova (2009, p. 32) a pesquisa qualitativa não tem a preocupação com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Para Minayo (2001) *apud* Silveira e Cordova (2009, p. 32) “[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A natureza qualitativa desta pesquisa, portanto, tem como princípio compreender em profundidade os problemas ocasionados pela indisciplina nas aulas de Educação Física; analisando se a vivência e aprendizagem de jogos sociomotrízes de cooperação e as atividades voltadas a construção de valores poderiam auxiliar na percepção e reflexão dos alunos sobre a indisciplina escolar em aulas de Educação Física.

4.2 PESQUISA-AÇÃO

Devido à investigação da pesquisa ser realizada dentro do contexto da própria realidade do professor-pesquisador, buscou-se um método de pesquisa que

puдesse dar um maior aprofundamento tanto das reflexões quanto das ações praticadas dentro do campo da realidade vivenciada entre o professor-pesquisador e seu processo de intervenção junto a seus alunos. Nesse sentido, a metodologia utilizada para a pesquisa, foi a pesquisa-ação, por acreditarmos ser ela um instrumento que possibilite uma investigação-ação profunda da realidade, promovendo uma maior confrontação dos dados com as vivencias praticas em campo, favorecendo um aprofundamento das discussões e das ações da presente pesquisa, portanto, cabe contextualizar a pesquisa-ação para melhor compreender a sua escolha dentro deste trabalho.

Tripp (2005, p. 447) define a pesquisa-ação, como “[...] uma forma de investigação-ação que se utiliza de técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. O mesmo autor (2005, p. 447) acrescenta “[...] que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar revisão por parte de seus pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade, etc.)”. E complementa afirmando que:

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da pratica e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora da sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 445-446)

Segundo Bosco Pinto (1989) *apud* Baldisseri (2001, p. 10):

A metodologia da pesquisa-ação é entendida em sentido mais restrito, como sequência lógica e sistemática de passos mais intencionados, ou seja, passos que se instrumentalizam através de instrumentos e técnicas. Assim, a pesquisa-ação inclui um momento de investigação, um de tematização e por último de programação/ação.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA E A ESTRATÉGIA DE ENSINO VIVÊNCIADA NAS AULAS: AS RODAS DE CONVERSA

A pesquisa compreende uma análise qualitativa através da intervenção do professor em uma unidade didática: Jogos sociomotrizes de cooperação, por um

período de dez aulas. Através das atividades propostas buscou-se compreender quanto esta intervenção pode colaborar com as questões da indisciplina escolar, nesta perspectiva surgiram duas hipóteses a serem observadas e analisadas pelo professor/pesquisador:

a) Práticas corporais que evidenciem em sua lógica interna a cooperação devem ser utilizadas e valorizadas como possibilidade de enfrentamento da indisciplina escolar;

b) Acredita-se que a intervenção por meio de tais práticas corporais pode contribuir como uma melhora da conscientização do outro.

Através da ação do professor discutimos a questão da indisciplina com os alunos e depois houve a intervenção através da proposta didática: jogos sociomotrízes de cooperação, por meio dos processos e das ações propostas o professor procurou promover durante as aulas situações que favoreciam o diálogo e a compreensão das situações de participação no coletivo.

O professor-pesquisador, durante todo o processo da pesquisa, fez uso de um diário de aula, no qual, foram descritas um total de dez aulas, foi usado um caderno em que eram feitas algumas anotações rápidas sobre os acontecimentos da aula e, posteriormente, com estas anotações eram feitas as descrições pormenorizadas no diário de aula (Apêndice D). Com o objetivo de registrar as ações e atitudes dos alunos para posterior análise das manifestações de indisciplina pelo grupo. O professor também fez uso no percurso da unidade didática de uma estratégia de ensino: as rodas de conversa, que eram realizados no início e no final de cada aula, compreendendo vinte rodas de conversa e que eram registradas posteriormente no diário de classe e que possibilitaram compreender através das falas dos alunos, se os mesmos conseguiram compreender a importância das atividades como forma de reflexão sobre a indisciplina, e, se eles perceberam ou não alguma melhora da postura quanto à ação individual dentro do contexto do coletivo.

Torna-se importante destacar o instrumento de coleta de informações utilizado que esteve presente durante o processo da pesquisa:

Diários de Aula: segundo Zabalza (2004, p. 14) os diários constituem “documentos pessoais” ou “narrações autobiográficas, de orientação basicamente qualitativa, que foram adquirindo um grande relevo na pesquisa educativa nos

últimos anos. Este mesmo autor aponta alguns dos conjuntos de operações que os diários ajudam a desenvolver na pesquisa:

- Recolher informações significativas sobre o processo de ensino e de aprendizagem que está sendo realizado e as particularidades circunstâncias em que fazemos.
- Acumular informação histórica sobre a aula e o que nela acontece, sendo que estas informações podem se referir a escola em seu conjunto, ou a algum de seus serviços.
- Analisar os dados e refletir sobre os fatos, momentos, problemas e assuntos.
- Imaginar explícita ou implicitamente soluções, hipóteses explicativas, causas dos problemas etc. Tratar o próprio texto do diário como um objeto de pesquisa a que são aplicáveis técnicas de análise de conteúdo, identificação e tratamento de indicadores, identificação de repetições, identificação de coerências e divergências entre diferentes diários etc.

E, também da estratégia de ensino utilizada durante o percurso da Unidade Didática, a *Roda de Conversa*: “[...] são consideradas um dispositivo para promover a aprendizagem. Elas promovem a democratização das comunicações na sala de aula, em busca de conhecimento. São momentos em que se priorizam a fala e a escuta de todos os participantes dispostos em roda em um mesmo ambiente” (SILVEIRA; BRITO, 2017).

Segundo Moura e Lima (2014, p. 25), a roda de conversa

É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo.

O desenvolvimento das Rodas de Conversa como estratégia de ensino, permite uma ação menos verticalizada por parte do professor, ou seja, pretende-se eliminar o papel do professor como agente que impõe as condições para o desenvolvimento da aprendizagem, o que se busca com esta estratégia é democratizar o espaço de ensino, dando aos alunos a oportunidade de dialogar,

sugerir e debater as opiniões, com o professor agindo como mediador entre os alunos e os conteúdos desenvolvido nas aulas.

4.4 UNIVERSO DA PESQUISA

A proposta do universo da pesquisa realizada nesta dissertação de mestrado profissional, incluiu a atuação do professor em uma escola pública da rede municipal de ensino de Matão, estado de São Paulo, com uma turma do 5º ano do ensino fundamental I. Sendo a pesquisa formalmente autorizada pela direção da escola (Anexo A).

4.5 PARTICIPANTES

O público-alvo da pesquisa foi composto por alunos de uma turma do 5º ano do ensino fundamental, com idades aproximadas entre 9 e 11 anos. As intervenções foram realizadas com uma classe da referida escola municipal, com um número 25 alunos. A escolha desta turma se deu, devido a sala ser considerada indisciplinada por boa parte dos professores que trabalharam com ela, com algumas reclamações constantes sobre o comportamento de determinados alunos e as dificuldades que os mesmos apresentam em manter um comportamento esperado por parte dos professores e da direção.

Destaca-se, que os alunos aceitaram participar ao assinaram o Termo de Autorização Livre e Esclarecido – TALE (APÊNDICE A e B), bem como, obteve-se a autorização dos responsáveis dos alunos na participação da pesquisa através da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE C).

4.6 A ESCOLA

No sentido de dar uma maior compreensão sobre o universo ao qual foi realizada a pesquisa, apresentamos algumas informações sobre a escola em que os participantes da pesquisa frequentam, afinal, ela é o palco das vivências dos estudantes, uma parte substancial da realidade de muitos do que lá frequentam.

A escola EMEF “Edeltrudes Neves Freire²” atende no ensino fundamental anos iniciais e anos finais, como também, o público EJA, no período noturno. Ela está localizada em um bairro da periferia da cidade de Matão/SP. Possui aproximadamente quinhentos alunos, distribuídos entre fundamental anos iniciais e anos finais e EJA. No ensino fundamental anos iniciais, até o 5º ano os alunos são atendidos em tempo integral, com aulas regulares durante a manhã, bem como Educação Física e artes neste período, no período da tarde, os alunos passam por diversas oficinas, sendo elas: dança, teatro, música, hora da leitura, experiências matemáticas, inglês, ginástica geral, artes, brinquedoteca, informática e natação. As crianças entram as sete horas da manhã e vão até meio dia no ensino regular, nos horários entre meio dia e treze horas, elas almoçam, e, iniciam as oficinas a partir das treze horas até as dezesseis horas e vinte minutos, no período das oficinas, a distribuição se dá em quatro aulas de quarenta e cinco minutos.

O fundamental anos finais, estuda somente no horário da tarde, entre as doze e vinte até dezessete e quarenta, e, o público EJA é atendido durante o período noturno, entre as dezenove horas até vinte e uma e cinquenta, a EJA oferece o ensino fundamental anos iniciais e anos finais, sendo que o ensino médio é oferecido em outra escola da cidade.

A escola possui uma área ampla, com quadra para as aulas de Educação Física e sua distribuição se dá em dois prédios: o primeiro com dois andares, com os banheiros, refeitório, secretaria, sala da direção e coordenação, sala dos professores, em baixo, e no andar de cima com as salas de aulas, do ensino regular, mais uma sala para os professores com dois computadores, e, que serve, também, como sala dos inspetores de alunos.

No segundo prédio que é localizado na parte detrás do primeiro prédio, este não possui nenhum andar, estão localizadas as salas das oficinas curriculares, bem como, uma sala de coordenação e o auditório, que também é utilizado para a oficina de Ginástica Geral, há uma biblioteca e banheiros distribuídos pelo prédio, contando um bebedouro de água.

É importante frisar que os alunos do ensino fundamental anos finais ficam com o primeiro prédio no período da tarde e os alunos do fundamental anos iniciais vão para o prédio de trás, ficando assim separados uns dos outros, pelo

² Devido a questões éticas relacionados ao anonimato, o nome da escola é fictício.

menos nos períodos de aulas, pois os mesmos podem se encontrar nos banheiros ou nos bebedouros de água, pois não há uma separação física (grades, portões etc.) entre as turmas.

Também, é importante destacar a participação na escola de alunos migrantes, vindo do estado do Piauí, muitos deles veem com seus pais para a safra de laranja, que ocorre, geralmente, no segundo semestre. Às vezes ocorre de alguns tomarem a cidade como local de moradia e acabam escolhendo-a para morar.

4.7 UNIDADE DIDÁTICA DESENVOLVIDA

Quadro 1 - Unidade didática: Jogos Sociomotrizes de Cooperação

DATA	ATIVIDADES	OBJETIVO	ESTRATÉGIAS
Aula 1	<p>Atividade 1: Criação do Checklist</p> <p>Atividade 2: Elaboração de Cartazes</p> <p>Atividade 3: Pessoa pra Pessoa</p> <p>Atividade 4: Nó Humano</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Levar os alunos a compreenderem a proposta da pesquisa; ✓ Promover o diálogo e o debate sobre o problema da indisciplina; ✓ Buscar a adesão dos alunos e a participação ativa nas atividades; ✓ Preparar um CHECKLIST com os principais problemas encontrados pelos alunos e pelo professor em relação aos problemas de indisciplina nas aulas de Educação Física. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Início com a roda de conversa feita pelos alunos ✓ O professor fala sobre a Unidade Didática ✓ Aborda o tema da indisciplina ✓ Os alunos discutem e dão sugestões ✓ Que serão registrados em um caderno de anotações ✓ Debatermos e organizamos (CHECKLIST) ✓ Com o checklist organizamos os combinados ✓ Criamos os cartazes que serão colocados na sala, para que possamos utilizá-los como referências sobre os problemas da indisciplina que possam vir a acontecer na aula e como instrumento de reflexão nas rodas de conversa ✓ Nos comprometemos com os combinados.
Aula 2	<p>Atividade 1: Elaboração das regras</p> <p>Atividade 2: Discussão sobre as infrações (Livro de Infrações)</p> <p>Atividade 3: Grupo Unido</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Promover a reflexão sobre as regras e sua importância dentro do contexto das aulas e no ambiente escolar; ✓ Dialogar sobre a criação de um conjunto de regras a serem cumpridas coletivamente; ✓ Discutir sobre as infrações quanto ao 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Iniciamos com a roda feita pelos alunos; ✓ O professor retoma as discussões da aula passada; ✓ Discussão sobre regras e atitudes individuais e do grupo; ✓ Elaboração de um “Livro de Infrações” criados coletivamente ✓ Elaborado através do que foi discutido no checklist e no

	Atividade 4: Passeio do Bambolê	<p>descumprimento das regras;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Promover uma melhora sobre a conscientização do cumprimento das regras, principalmente, quando as regras são construídas com a participação de todos. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ combinados com a classe ✓ São reforçados os combinados com os alunos para que os mesmos tenham consciência das possíveis punições quanto as infrações cometidas nas aulas.
Aula 3	<p>Atividade 1: Discussão em grupo</p> <p>Atividade 2: Correndo com balões</p> <p>Atividade 3: Mantendo os sonhos no ar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentar a Educação Física como uma aliada na resolução dos problemas de indisciplina; ✓ Levar os alunos a conhecerem os jogos sociomotriz de cooperação; ✓ Fazer com que os alunos reconheçam os objetivos dos jogos sociomotriz de cooperação dentro do contexto da indisciplina nas aulas de Educação Física; ✓ Promover através dos jogos vivências relacionadas ao respeito, colaboração e solidariedade. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inicia-se com a formação da roda pelos alunos; ✓ O professor promove a discussão: A Educação Física pode ajudar a promover uma melhora no comportamento dos alunos? Ela pode ajudar a melhorar a indisciplina? ✓ São discutidas quais atividades/conteúdos (jogos, esportes, dança etc.) que os alunos acreditam que podem ajudar a promover uma melhora nos problemas da indisciplina nas aulas? ✓ Apresentação dos jogos sociomotriz de cooperação: Vocês conhecem? Sabem o que é? Eles podem ajudar? ✓ O professor apresenta os objetivos propostos por estes jogos durante a unidade didática. ✓ Considerações sobre o checklist e/ou livro de infrações e/ou cartaz.
Aula 4	<p>Atividade 1: Criação de um “Varal” com os principais problemas de indisciplina</p> <p>Atividade 2: Tum-tum-cesta</p> <p>Atividade 3: Pinga-Pinga-Cesta</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Levar os alunos a reconhecerem e a refletirem sobre o problema da indisciplina no ambiente escolar e fora dele; ✓ Promover o reconhecimento destes problemas, e, o quanto ele pode afetar a boa convivência entre as pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formação da roda pelos alunos; ✓ Considerações sobre o checklist e/ou livro de infrações e/ou cartaz. ✓ Entrega de folhas e canetas para os alunos; ✓ Discussão sobre a indisciplina/violência no ambiente escolar, e, em outros ambientes fora da escola, como: nos esportes, na rua, em casa, etc.; ✓ Os alunos escrevem nas suas folhas e montamos um “varal” com os principais problemas de indisciplina reconhecidos por eles.
Aula 5	Atividade 1: Discussão sobre o trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Promover a consciência sobre a importância de 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Organização da roda pelos alunos; ✓ Discussão sobre a

	<p>em equipe</p> <p>Atividade 2: Sentar em grupo</p> <p>Atividade 3: Pirâmide Humana</p>	<p>trabalhar coletivamente e em equipe;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Levar os alunos a pensarem em ações conjuntas para solucionar determinados tipos de problemas nas atividades que precisam ser resolvidas em equipe; ✓ Fortalecer a cooperação e o companheirismo entre a classe. 	<p>importância do trabalho em equipe para melhorar aspectos relacionados à convivência;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ O professor aborda sobre as atividades propostas e relaciona com o trabalho em equipe. ✓ Considerações sobre o checklist e/ou livro de infrações e/ou cartaz.
Aula 6	<p>Atividade 1: História: O menino que queria Sonhar</p> <p>Atividade 2: Dança das cadeiras cooperativa</p> <p>Atividade 3: Travessia do rio</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Abordar a temática da indisciplina e suas consequências na vida das pessoas; ✓ Levar os alunos a refletirem sobre os problemas da indisciplina; ✓ Promover o diálogo sobre o tema da indisciplina e suas possíveis relação com a escola; ✓ Discutir situações de enfrentamento do problema da indisciplina dentro dos vários ambientes possíveis: sociedade, família e escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formação da roda pelos alunos; ✓ O professor conta uma estória: “O menino que só queria brincar” para os alunos; ✓ São discutidas as percepções e considerações dos alunos sobre a estória e seus posicionamentos sobre o assunto; ✓ O professor busca identificar com os alunos possíveis soluções para os problemas de indisciplina dentro do contexto da estória contada pelo professor; ✓ Considerações sobre o checklist e/ou livro de infrações e/ou cartaz.
Aula 7	<p>Atividade 1: Construção de frases relacionados ao tema da indisciplina</p> <p>Atividade 2: A raposa, a galinha e o milho</p> <p>Atividade 3: Passeio da bola com os pés</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Promover através da escolha das frases pelos alunos a importância da disciplina dentro do ambiente escolar; ✓ Fazer com que os alunos reconheçam a importância de respeitar as opiniões diferentes. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formação da roda pelos alunos; ✓ O professor pede para os alunos anotarem frases curtas, em uma folha de papel, com temas ligados à disciplina, como: respeite a fila, não corte a vez do outro, não grite na sala de aula, etc.; ✓ O professor diz aos alunos que serão escolhidas algumas das frases que eles escreveram; ✓ O professor e os alunos, escolherão as frases que considerarem mais importantes de serem respeitadas no ambiente escolar; ✓ Os alunos escrevem em cartazes as frases escolhidas; ✓ Depois de montado os

			<p>cartazes o professor diz aos alunos que na próxima aula os cartazes serão distribuídos em determinados pontos da escola.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Considerações sobre o checklist e/ou livro de infrações e/ou cartaz.
Aula 8	<p>Atividade 1: Discussão e encenação com os alunos sobre temas de indisciplina</p> <p>Atividade 2: Passeio-grudado</p> <p>Atividade 3: Ponte humana suspensa</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Debater a importância dos valores atitudinais durante toda a vida; ✓ Promover a conscientização do problema da indisciplina e como ela pode afetar as relações cotidianas entre os alunos, professores e a comunidade escolar; ✓ Criar laços de respeito, solidariedade e companheirismo entre os alunos; ✓ Desenvolver o sentido de cooperação nas relações em sala de aula e no ambiente escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Roda inicial formada pelos alunos; ✓ O professor fala sobre o fim do projeto com os alunos; ✓ São formados pequenos grupos com os alunos; ✓ O professor pedirá para que os alunos façam pequenos grupos e que discutam situações de indisciplina; ✓ Será feito então algumas encenações com situações de indisciplina discutidas pelos alunos; ✓ Nas encenações os alunos podem organizar situações com soluções para o problema ou discutir com os que estão assistindo possíveis soluções para solucionar o problema. ✓ Considerações sobre o checklist e/ou livro de infrações e/ou cartaz.

Fonte: elaborada pelo autor.

4.8 ASPECTOS ÉTICOS

Torna-se importante ressaltar que a presente pesquisa respeitou as normas do Conselho Nacional de Saúde (CNS), nas resoluções – 466 de 2012 e 510 de 2016. Principalmente, em relação aos princípios éticos que prezam pela dignidade e respeito à pessoa humana, a valorização dos participantes e a divulgação dos resultados aos envolvidos e à comunidade participante. A mesma foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos, sob CAAE 13114719.2.0000.5504, parecer 3.541.642 (ANEXO B).

5. INDISCIPLINA, JOGOS E CONSTRUÇÃO DE VALORES: CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS NO COTIDIANO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para a análise dos dados coletados durante a realização desta pesquisa foi utilizado o recurso da interpretação e confronto das informações (MINAYO, 1996). A escolha dessa forma de análise está relacionada ao fato de realizar uma interpretação que mais se aproxime da realidade. Segundo a autora, “[...] essa metodologia coloca a fala em seu contexto para entendê-la a partir do seu interior e no campo da especificidade histórica e totalizante, em que é produzida” (p. 231).

De acordo com Minayo (1996) esse tipo de análise envolve três passos:

1. Ordenação dos dados: Consiste no mapeamento de todos os dados, nas descrições dos diários de aula e das anotações feitas a partir das rodas de conversa, na leitura e releitura do material e organização dos dados.

2. Classificação dos dados: Através de repetidas leituras dos dados, constitui-se a configuração das categorias de análises. Gomes (2013) ao descrever essa fase afirma que: “Através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecemos interrogações para identificarmos o que surge de relevante (“estruturas relevantes dos atores sociais”). Com base no que é relevante nos textos, nós elaboramos as categorias específicas” (p. 78, grifos do autor).

3. Análise final: Articulação dos dados com o referencial teórico da pesquisa, procurando responder as questões da pesquisa de acordo com os objetivos, “[...] promovendo relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática” (GOMES, 2013, p.79).

Diante do exposto, foram criadas as seguintes categorias de análise:

1. A indisciplina nas aulas de Educação Física;
2. Regras e valores atitudinais: as assembleias de construção do pacto pedagógico;
3. Os jogos sociomotrizes de cooperação nas percepções dos alunos.

5.1 A indisciplina nas aulas de Educação Física

Nesta categoria buscamos analisar a indisciplina em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, a fim de compreender as suas manifestações dentro do contexto das aulas de Educação Física. Observamos que as aulas de Educação Física são muito desejadas pelos alunos. Fontoura (2013, p. 46) indica que as aulas de Educação Física geralmente são as aulas mais aguardadas pelos alunos nas escolas.

Grande parte dos alunos do ensino fundamental, principalmente, nos anos iniciais, esperam ansiosos pelas aulas de Educação Física, eles encontram neste componente curricular uma oportunidade de liberar as energias e de poderem se sentir “livres” do aprisionamento, que em muitos casos a sala de aula pode propiciar. Este desejo pela aula de Educação Física que poderia indicar uma facilidade na condução das aulas pelo professor, pode, ao contrário, ser um motivador dos problemas de indisciplina dentro das aulas de Educação Física.

Segundo Almeida (2012) *apud* Prandina e Santos (2016, p. 110)

[...] as aulas de Educação Física possuem muitos vícios e resistências por parte dos alunos, que possuem a ideia de que o momento da aula é um tempo livre para caminhar pelo pátio ou de apenas praticar jogos esportivos com bola, como o vôlei para as meninas e o futebol para os meninos. O professor tem papel-chave para interromper esse péssimo hábito de reafirmar a ideia que as crianças aprenderam sobre a disciplina.

Esses vícios e resistências por parte dos alunos podem ocasionar problemas quanto ao desenvolvimento da proposta pedagógica do professor, pelo fato de haver um choque de interesses entre o desejo dos alunos e a preocupação do professor em desenvolver os conteúdos propostos para as aulas. Na turma analisada pude constatar este fato, através dos excertos abaixo:

Ao descerem para a quadra, pedi para que os alunos se sentassem, para que pudéssemos conversar sobre as atividades propostas, quando se sentaram, um aluno disse se eu daria Basquete, argumentei que estávamos trabalhando com jogos cooperativos e, que eu já havia explicado isto várias vezes para a turma, ele reclamou dizendo que era “chato” e que não iria participar (Diário de Aula 07, p. 41).

Professor, vai ter futebol hoje? Então, eu disse: Que primeiro, bom dia! Tudo bem? Os alunos responderam: Bom dia! Retornei ao aluno e disse que não, que retomariamos ao que havíamos discutido na aula anterior. O aluno, então, resmungou: “Que chato!” (Diário de Aula 03, p. 13).

Problemas desse tipo acontecem por que muitas vezes há uma visão distorcida por parte tanto de alunos quanto dos professores em relação à Educação Física, já que muitos a veem como um momento de lazer e descontração.

Evidentemente, que muito desta imagem da área foi criada por alguns professores da própria Educação Física que, através das suas intervenções profissionais, estimularam uma visão negativa da área, principalmente, devido à prática do que Fensterseifer e Fernandes (2018) classificam de desinvestimento pedagógico ou o tão conhecido “rola bola”.

Para desconstruí-la é preciso que o professor atue junto aos alunos demonstrando que as aulas de Educação Física são importantes para o seu desenvolvimento e que a mesma é um componente curricular como os demais e, portanto, deve trabalhar os diversos saberes envolvidos.

Em minha opinião, os conteúdos não precisam ser impostos de forma autoritária, pois muito provavelmente levarão à resistência, ao desinteresse e à indisciplina dos alunos. Segundo Oliveira (2005, p. 69) “[...] para que os alunos tenham interesse pela matéria é preciso que o professor saiba qual a sua importância para a vida dos educandos e discuta com eles a razão de ser de cada conteúdo estudado”. É necessário conscientizar os alunos explicando sobre o tema da aula e, o quanto estas práticas podem promover benefícios para todos que dela participarem, deve-se estabelecer o diálogo com os alunos, estimulando a curiosidade e o interesse pelas aulas.

Para que isso ocorra o professor deve ter conhecimento e clareza sobre a proposta por ele desenvolvida, levando os alunos a terem confiança no conteúdo e nas atitudes do professor na aula.

Então, pessoal. Vocês viram que nestas atividades é muito importante trabalhar em grupo, não é? Vocês conseguiram compreender a importância de trabalhar em grupo? Que é importante? Uma aluna disse que sim, que ela tinha compreendido que era importante. Vocês todos concordam? Sim, responderam. (Diário de aula 08, p. 47)

Primeiro, perguntei: O que eles tinham achado da atividade? Uma aluna disse que “gostou” e uma outra disse que a atividade foi muito “legal”. Um menino falou que era muito difícil desfazer o nó, por que todo mundo soltava a mão. Falei que a atividade do nó era muito difícil e que se não conversassem entre eles seria difícil desfazer o nó. (Diário de aula 03, p. 16)

Outra característica da indisciplina observada na turma analisada, diz respeito à falta de respeito, bagunça e conversas paralelas que ocorriam durante o desenvolvimento das aulas. Este problema criava uma situação em que o desenvolvimento das aulas demorava a ser estabelecido, ou seja, havia um gasto muito grande de tempo tentando manter a classe quieta e prestando atenção ao tema que o professor queria desenvolver.

Chegando na sala, percebi que os alunos, como na aula anterior, estavam bem agitados, muitos entraram brincando, alguns mexendo com outros colegas, pedi para fazerem a roda, a qual, como da última vez, demorou um tempo para se formar, quando formada alguns alunos ao invés de sentarem na roda deitaram de barriga para baixo olhando os outros, um menino deitou sobre as pernas de outra menina, pedi para que sentassem direito, alguns que estavam deitados disseram que eles estavam sentados direito, disse para sentarem que não era para ficar deitado, alguns voltaram a posição, outros ficaram ali fingindo que não haviam escutado o que o professor disse, insisti com eles até que se sentaram, porém a conversa estava bastante animada entre eles (Diário de Aula 02, p. 07).

Depois que todos já estavam sentados, precisei chamar a atenção da turma, por que muitos se distraíam por qualquer coisa, começavam a falar com o vizinho, ou a xingar algum outro colega, por qualquer motivo banal. (Diário de Aula 04, p. 19).

Diante do primeiro excerto acima, cabe uma reflexão do pesquisador sobre o professor: quanto este pede para os alunos se sentarem direito, se embasa em uma postura de autoridade ou de autoritarismo? Essa questão é importante porque põe em xeque o posicionamento do professor em situações que não lhe parecem corretas, ou seja, ao cobrar uma postura do aluno, ele o faz no autoritarismo, os mesmos devem obedecer por que ele considera esta posição correta? Ou na autoridade, ele explica e conversa com os alunos sobre a importância de uma postura adequada para que haja uma melhor compreensão e participação na aula?

Na situação, vivenciada a posição adotada foi de autoritarismo, não que o professor adote esta postura sempre, mas fica evidente que, as vezes, em situações corriqueiras e em que haja um princípio eminente de desordem, o professor avance para o autoritarismo, se esquecendo de outras abordagens em relação aos problemas de conflito com os alunos, isso se deve porque em algumas situações o professor se sente inseguro ou impaciente em relação a atitude a ser tomada, querendo acabar logo com a desordem na aula. Porém, é preciso que o

professor sempre faça uma análise de sua postura. Uma vez que os alunos tendem a não cumprir as regras quando eles não entendem ou não encontram sentido ao que o professor lhes impõe (OLIVEIRA, 2005).

Segundo Silva (2010, p. 01) “[...] os comportamentos de indisciplina podem, dependendo da frequência que ocorrem em uma sala de aula, perturbar significativamente a relação pedagógica, afetando as aprendizagens e a socialização dos alunos.” Quando isso acontece professores e alunos devem buscar um caminho, este deve pautar-se no bom senso e no respeito às diferenças.

Dentro da categoria analisada podemos destacar algumas características de indisciplina da turma do 5º ano do ensino fundamental, sendo as principais: resistência quanto à proposta do professor, bagunça, conversas paralelas, agressões verbais e xingamentos.

Quanto à resistência dos alunos à proposta do professor isso ocorre porque, às vezes, grande parte dos alunos busca na Educação Física uma “válvula de escape” em relação ao processo metódico e rígido que existe dentro da sala de aula, como também, o fato de muitos alunos associarem a Educação Física com a prática de esportes, principalmente, aqueles que lhe são mais conhecidos, como o futebol, por exemplo.

Nesse sentido, a abrangência de conteúdos deve ser estimulada e promovida para que os alunos ao vivenciarem práticas diversificadas nas aulas de Educação Física as conheçam e as experimentem e, com isso, reconheçam as possibilidades oferecidas por este componente curricular.

A diversificação dos conteúdos deve sempre ser acompanhada de incentivos por parte do professor que devem estimular a participação dos alunos nas aulas, demonstrando que há outras possibilidades dentro da área de conhecimento da Educação Física que vão muito além dos conteúdos por eles já conhecidos e, que tradicionalmente acompanharam esta área de conhecimento.

Quanto aos outros aspectos causadores de indisciplina dentro das aulas de Educação Física, torna-se importante ressaltar que o professor da área deve, a todo momento amenizar e/ou resolver estas situações, tendo em vista, que a indisciplina ocorre dentro do contexto das aulas. É necessário que o professor busque estratégias metodológicas e didáticas que possam ajudar a combater este problema.

Torna-se importante que os conteúdos desenvolvidos durante as aulas consigam ser atraentes e que estimulem a participação de todos nas atividades. Outro fator importante, diz respeito à relação que o professor deve manter com os seus alunos, estar sempre aberto ao diálogo, evitando um autoritarismo exagerado que faça com que os alunos o vejam como um tirano a ser enfrentado ou a ser obedecido, deve colocar-se próximo aos alunos, sendo um facilitador dos conteúdos.

Os alunos precisam se conscientizar que a Educação Física possui conteúdos que são necessários e importantes de aprender, como todo componente curricular, ela tem a sua importância dentro do contexto da aprendizagem dos alunos e, precisa ser por eles valorizada. Para que isso ocorra o professor precisa ter organização quanto ao planejamento das aulas e confiança no que ele propõe ensinar, pois, os alunos ao reconhecerem no professor a legitimidade do componente curricular terão mais facilidade em valorizá-lo.

5.2 Regras e valores atitudinais: as assembleias de construção do pacto pedagógico

Destaca-se que na Unidade Didática desenvolvida durante a pesquisa-ação, ocorreu junto com os jogos sociomotrízes de cooperação, a construção de atividades coletivas que buscavam uma alternativa para o enfrentamento da indisciplina na turma pesquisada. As atividades desenvolvidas foram realizadas com os alunos e a mediação do professor-pesquisador, tinham como objetivo levar todos a refletirem sobre os problemas de indisciplina e a construir um conjunto de regras que pudesse ser seguido durante as aulas, bem como, a discussão das punições quanto ao descumprimento das mesmas.

A construção das regras e a determinação das punições quanto ao seu não-cumprimento, que aqui, chamaremos de “*assembleias de construção do pacto pedagógico*”, foram organizadas no início da Unidade Didática. A elaboração das regras e das punições encontram-se nas primeiras aulas, sendo que a primeira aula debate sobre o tema da indisciplina e criação de um checklist com os principais problemas da turma e, na segunda, há a definição das regras que seguiríamos durante o desenvolvimento da Unidade Didática, bem como, a criação do Livro de Infrações.

Nas demais aulas, demos seguimento a outras ações pedagógicas que pudessem contribuir para a reflexão e amenização da indisciplina nas aulas de Educação Física, todas as discussões foram organizadas através das rodas de conversa, realizadas sempre no início e fim de cada aula.

Em relação às regras, Oliveira (2005, p. 63) indica que

[...] as regras devem deixar transparecer o consenso entre professores e os alunos quanto ao comportamento dos mesmos, ou seja, do que deve ser considerado indisciplina e a definição das perspectivas de ação frente a esse comportamento. O importante é que os alunos tenham consciência da importância do estabelecimento de regras e que essas devem ser seguidas por eles na sala de aula e na escola para desenvolver um ambiente saudável para a aprendizagem.

Segundo Caetano e Pereira (2012, p. 04) o professor ao convidar seus alunos para estabelecer as regras da classe, estará guiando os mesmos no caminho da autonomia. O educador deve posicionar-se como um líder, de modo que os ajude na construção das regras e as consequências do não cumprimento delas.

No início, o professor e os alunos refletiram sobre os principais problemas de indisciplina da turma, com as discussões e decisões dos alunos, posteriormente, criamos um *checklist* para, em seguida, pensarmos sobre as regras que deveríamos construir coletivamente durante as aulas.

Comecei a escrever na cartolina o *checklist*, com aquilo que os alunos consideravam como principais problemas de indisciplina da sala. Fazia as anotações com as questões que eram mais faladas pelos alunos e perguntava se eles concordavam ou não com o que eu iria colocar, iniciei o *checklist* com: Falta de educação, falta de respeito. Ao qual, todos concordaram, perguntei o que mais eles acreditavam que precisava ser colocado, muitos começaram a falar a palavra *bullying* (Diário de Aula 02, p. 09).

Depois de discutido o *checklist*, chegamos aos principais problemas de indisciplina identificados pelos alunos e pelo professor:

- 1- Falta de respeito;
- 2- Falta de educação;
- 3- *Bullying*;
- 4- Conversas e brincadeiras paralelas;
- 5- Homofobia.
- 6- Falta de atenção.

Definido o *checklist* partimos para a construção das regras:

Continuaram dando opiniões para escrever no cartaz, muitas coisas foram sendo faladas e coloquei nesta lista três regras: Ser amigável, levantar a mão para falar e obedecer os professores, perguntei se eles estavam de acordo com o que eu havia escrito, mas muitos continuavam fazendo muito barulho quando eu tentava falar, comecei a perguntar se eles concordavam, pedi para que levantassem as mãos para que pudéssemos verificar se eles concordavam com o que estava sendo escrito no cartaz. Acabamos ficando em cinco regras:

- 1- Levantar a mão quando for falar;
- 2- Ser educado com todos;
- 3- Ser amigável;
- 4- Obedecer ao professor;
- 5- E não gritar (Diário de Aula 02, p. 10).

Caetano (2014, p. 790) aponta que “[...]para a formação do desenvolvimento moral e dos valores é preciso que o grupo construa conjuntamente suas regras, e que estas façam sentido para eles”.

Como as regras haviam sido estabelecidas, também propus à turma que criássemos um “Livro de infrações”, para o qual, o aluno que descumprisse as regras sofreria uma punição durante a aula ou na aula seguinte.

Disse nós que nos iríamos estabelecer um Livro de Infrações é que quem descumprisse não participaria da próxima aula, perguntei para eles o que poderia ser colocado como infração e quantas infrações seriam necessárias para ficar fora da próxima aula, perguntei o que seria uma infração, uma aluna respondeu que era quando não fazia o que o professor mandava, disse para ela que também seria isso, mas o que mais poderia ser definido como uma infração, ela então respondeu: “Faltar com respeito!” Outros começaram a entrar no meio dizendo: “Brigar”, “Bater”, “Xingar”, “Não respeitar o professor.” (Diário de Aula 04, p. 20).

A importância de se estabelecer com os alunos as punições é para que os mesmos se sintam comprometidos com as regras e não as tomem como arbitrarias, ou seja, uma imposição vinda do professor, mas sim, que compreendam que elas são importantes no desenvolvimento das relações de convivência entre as pessoas.

Durante as aulas, uma estratégia de ensino que foi muito importante para o desenvolvimento dos diálogos foram as rodas de conversa. Elas se constituíram como relevante meio para desenvolver e promover o diálogo entre os participantes. Sua introdução, entretanto, pode levar um tempo até que os alunos se familiarizem com ela, devido a um problema que é muito comum entre alguns

alunos: a ideia de que quando não estão em atividades corporais que envolvam a prática, eles estão perdendo a aula de Educação Física, que uma aula teórica ou uma aula que promova o debate ou alguma reflexão está, de certo modo, atrapalhando suas ambições de praticar as atividades desejadas por eles nas aulas.

Nós não vamos brincar? O professor só vai ficar falando de indisciplina? (Diário de aula n. 01, p. 03).

Alguns alunos ficaram me questionando se iríamos ficar ali conversando, se não íamos brincar (Diário de aula n.02, p. 08)

No entanto, apesar desses problemas iniciais, as rodas de conversa foram facilitadoras de discussões mais profundas sobre os problemas propostos pelo professor-pesquisador, ajudando os alunos a pensarem sobre os problemas de indisciplina que a classe e a escola apresentavam.

[...] Ela concordou, lancei a mesma pergunta para a roda, os alunos começaram a responder. Um aluno disse que era o bullying, o principal problema, outro que era falta de educação e as respostas foram surgindo: falta de respeito, falta de educação, bullying, homofobia, falta de respeito com o professor (Diário de aula n. 06, p. 33)

Quais casos de indisciplina vocês veem aqui na sala ou na escola?
 Uma aluna do grupo: Violência!
 Tem muita violência entre vocês?
 Sim.
 Quando?
 Quando um fica querendo bater no outro.
 Você acha isso legal?
 Tem gente que mexe.
 Mas é legal, isso?
 Não (Diário de aula n. 10, p. 59).

E, também, a refletirem e opinarem sobre as soluções que poderiam ser dadas aos problemas da indisciplina.

Professor: A indisciplina atrapalha as atividades? Como resolver?
 Aluna R.: Atrapalha, tem que ficar quietinho.
 Aluno J.: Precisa ter comportamento, mas a classe não tem.
 Professor: Não tem?
 Aluna R.: Não.
 Professor: E como melhorar?
 Aluna K.: Deixando de castigo, não trazendo mais para a aula.
 Professor: Entendo, isso é um jeito de acabar com a indisciplina?
 Aluna R.: Pode ser (Diário de aula n. 09, p. 53).

[...]Pedi para ela dar uma solução para este problema. Ela falou: ficar quieto e respeitar o professor. Olhei para todos e perguntei se eles concordavam,

todos concordavam. Voltei para a turma: Vocês concordam com esse grupo? Sim. Por que M.? Por que tem que respeitar, não pode atrapalhar o professor (Diário de aula n. 10, p. 57).

A necessidade de buscar soluções para os problemas da indisciplina tem como objetivo mostrar aos alunos a importância na participação nos assuntos coletivos. Apesar da sala de aula ser um micro espaço em relação ao universo maior que se apresenta a eles fora da escola, é neste mesmo local que se deve estimular as práticas democráticas, preparando-os para uma participação ativa e consciente na sociedade em que eles terão que tomar lugar em um futuro próximo.

Junto com as rodas de conversa e com os jogos sociomotrízes de cooperação foi construída, na aula n. 06, uma atividade que objetivou fazer com que a turma e os alunos da escola refletissem sobre alguns problemas de comportamento que podem estar presentes na sala de aula e no ambiente escolar. Foi criado pelos alunos um móbil com frases que combatiam atitudes que pudessem ser geradoras de indisciplina ou violência dentro da escola.

[...] Pude, então, explicar que a atividade consistia em discutir os principais problemas de indisciplina, tanto na sala como na escola, e que depois escreveríamos nas folhas sobre que atitudes podem ajudar a combater ou a prevenir a indisciplina...Continuei: Então, vamos agora fazer pequenos grupos, quando se organizaram em grupos distribuí as folhas e as canetinhas, pedi para eles conversarem sobre as frases que eles achavam que poderiam ajudar a combater a indisciplina. Distribuí o material, passei pelos grupos que na maioria das vezes me perguntavam se a palavra era escrita daquele jeito que eles haviam escrito no papel (Diário de aula n. 06, p. 33-34).

Discuti esta atividade com a coordenadora do período complementar quando fui pedir para que ela deixasse que os alunos pregassem em um corredor da escola, onde todos tinham que passar por ali, um mural com as frases criadas pelos alunos para a conscientização dos problemas atitudinais na escola. Neste momento, ela mostrou um modelo em que os alunos poderiam escrever as frases e disse que a professora de dança estava preparando uma apresentação e as frases poderiam ser introduzidas através deste móbil durante a dança. Havia uma estrutura móvel que a professora usaria durante a apresentação, na qual estas frases ficariam expostas e que os alunos participantes moveriam durante o espetáculo. Conversamos com a professora e ela muito gentilmente aceitou de pronto a proposta que lhe foi sugerida.

Depois da apresentação este móbile ficou exposto no corredor, para que os alunos que ali passassem lessem as frases e quando havia formação das filas naquele local, seja para ir para o refeitório ou para outra aula, eles pudessem ver e manipular as frases já, que elas estavam escritas em frente e verso na estrutura que ficou ali exposta.

Figura 1: Móbile



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 2: Apresentação de dança com móbile



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Outro fator a ser destacado, diz respeito à discussão sobre os valores atitudinais nas aulas. Temas essenciais como: respeito mútuo, companheirismo e orientação sexual estiveram presentes e foram discutidos e abordados pelos alunos durante as práticas ou na construção das regras pela turma.

[...] Mas vocês não acham que o respeito tem que ter com qualquer pessoa? E, não somente por causa da punição? Outra aluna respondeu: Sim, tem que ter mas, quando não tem. Tem que chamar os pais. Mas, não é importante o respeito sem ter que punir? Por que todo mundo merece respeito? Sim. Disse um menino e completou que tinha que ter com “todo mundo” (Diário de aula n. 10, p. 57).

Escrevi homofobia no cartaz e, perguntei o que seria homofobia para a classe, o aluno que havia dito homofobia, respondeu que é desrespeito com quem era gay, apontei no cartaz e disse se todos concordavam, todos concordaram (Diário de aula n. 02, p. 09).

O que chamou a atenção foi o debate produzido sobre o tema da homofobia que, inclusive, foi indicado pelos alunos como um problema de indisciplina na turma. Essa discussão colocou em destaque um tema que em muitos casos não é debatido pela escola, mesmo ele estando presente em documentos institucionais, como os PCNs (BRASIL, 1997). As discussões sobre este tema produziram um diálogo relevante durante as aulas.

Homofobia?! Então, perguntei para ele se havia isso na classe e, ele me disse que sim, que os meninos faziam homofobia com ele. Perguntei para a classe e, algumas meninas disseram que sim, outros meninos disseram que não (Diário de aula, n. 01, p. 05-06).

Perguntei aos alunos se eles achavam se existia homofobia na sala, devido eles terem colocado este tema em questão, ao que surgiu uma pequena disputa, uns diziam que “sim” outros diziam que “não”. Mudei, então, a pergunta, dizendo: Vocês cometem esse tipo de preconceito? Continuaram com as discussões entre sim e não, mas, nesse momento, um dos meninos se dizia vítima de preconceito, por que os meninos o chamavam de gay (Diário de aula, n. 02, p. 11).

A forma como uma aluna ofereceu uma solução ao tema indicou que muitos possuem consciência sobre a importância de combater os preconceitos existentes na sociedade sobre a temática em questão.

Direcionei a conversa para este menino, questionando: Você se sente discriminado, quanto te chamam assim? Ao qual, ele respondeu: Que sim. Insisti com a classe, dizendo se eles praticavam mesmo tais atitudes de preconceito, muitos responderam que sim. Então, eu disse: Como poderíamos acabar com esse tipo de preconceito? Uma menina, muito apegada ao aluno, disse: Respeitando o próximo! (Diário de aula n. 02, p. 11).

A dimensão atitudinal busca promover nos alunos a construção de valores, normas e atitudes que permitem a boa convivência e harmonia entre as pessoas dentro do ambiente escolar, ela precisa ser colocada em pauta de uma

maneira clara, haja vista que está temática em muitas situações fica restrita dentro daquilo que é chamado de currículo oculto.

Dar ênfase a esta temática, trazer à tona esta discussão e promover uma ação conjunta entre todos os membros da escola é fundamental para que a construção de valores possam tomar uma dimensão significativa dentro da escola, na qual todos tenham como premissa o respeito as diferenças e a valorização das suas personalidade.

5.3 Os jogos sociomotrizes de cooperação nas percepções dos alunos

Diante dos problemas de indisciplina nas aulas de Educação Física, torna-se necessário ao professor promover meios para que os alunos possam reconhecer este problema e que tenham a oportunidade de refletir e pensar sobre a indisciplina praticada tanto nas aulas de Educação Física quanto no ambiente escolar.

No enfrentamento dos problemas de indisciplina nas aulas de Educação Física alguns estudos utilizaram os conteúdos da cultura corporal como forma de promover uma melhora no comportamento dos alunos. Dentro dos conteúdos propostos, podemos citar: jogos e brincadeiras (SERIETA; BORGES, 2016), esporte (CANTÚ; PORTELA, 2009) e jogos cooperativos (URLIH; SANTOS, 2008; NETO; WALDON, 2010; WEILLER; TEIXEIRA, 2012; CANTATEN, 2013).

Nesse sentido, no amplo leque de possibilidades que a cultura corporal nos oferece, tomamos dela a parte dos jogos sociomotrizes de cooperação. Esta opção se deu pelo motivo de que tal proposta possui em sua lógica interna a interação de colaboração entre os participantes para atingir um objetivo comum, promovendo a cooperação e o trabalho em equipe (PEREIRA, 2019).

Para iniciar o processo de mobilização dos alunos para perceberem se a vivência com os jogos sociomotrizes de cooperação poderiam auxiliar na percepção e reflexão sobre a indisciplina.

Fiz uma pergunta: Se eles acreditavam que aqueles tipos de jogos, jogos de cooperação, poderiam ajudar a melhorar a indisciplina? Um menino respondeu que sim.”

Perguntei para outro menino. Ele respondeu que sim, porque eram jogos que todos tinham que participar.

Participar?

Sim, um ajuda o outro.

Vocês concordam?

A maioria disse sim, que concordavam (Diário de Aula 10, p. 61).

[...] e o comportamento era muito importante nestas atividades, por que quando realizamos atividades assim, precisamos cooperar um com os outros e, a indisciplina é algo que prejudica a boa realização destas atividades, o jogo cooperativo é quando todos se dispõem a realizarem juntos a melhor forma de conseguir um objetivo (Diário de aula, n. 07, p. 40).

Em um estudo realizado junto com o professor de Educação Física, Cantaten (2013) concluiu que as vivências com jogos cooperativos promoveram uma melhora no comportamento tanto nas aulas de Educação Física quanto na escola. Para o autor isso se deve à compreensão que as atividades com jogos de cooperação realizaram no entendimento dos alunos sobre a importância de cooperar.

Concordamos que a participação dos alunos em jogos de cooperação podem levar os alunos a refletirem sobre os problemas de comportamento. Porém, ressalta-se que esta relação direta jogos cooperativos/melhora do comportamento, pode ser questionada, no sentido de que outros fatores podem estar também envolvidos no período de intervenção com os jogos cooperativos nas aulas, como por exemplo, outros tipos de ações que podem estar ocorrendo paralelo ao desenvolvimento dos jogos durante as aulas e que podem envolver a escola ou a comunidade.

No trabalho realizado para esta pesquisa não houve uma intervenção colaborativa entre o professor-pesquisador a escola e a comunidade, toda pesquisa realizou-se nas aulas de Educação Física, apesar das trocas de conversas entre o professor-pesquisador e a professora da sala sobre os problemas da turma quanto à indisciplina. Não houve uma ação conjunta ocorrendo simultaneamente ao projeto de pesquisa, isso ocorreu devido às limitações do tempo de duração da pesquisa e a especificidade da proposta.

No entanto, defendemos a participação da comunidade escolar nas questões envolvendo o enfrentamento da indisciplina na escola, uma vez que quando há o empenho coletivo em buscar soluções ao problema maior será o comprometimento de todos em buscar soluções às dificuldades enfrentadas e melhores serão as chances de sucesso nos resultados esperados.

Muitos dos trabalhos lidos e analisados nesta dissertação sobre os jogos cooperativos e a indisciplina (URLIH; SANTOS, 2008; NETO; WALDON, 2010;

WEILLER; TEIXEIRA, 2012; CANTATEN, 20013) causam a impressão que a utilização destes jogos por si só já são capazes de mudar toda a realidade das aulas de Educação Física ou da escola. No entanto, não foi notada esta relação direta, de causa e efeito, no nosso trabalho. Apesar dos diálogos acima darem a impressão que os alunos assimilaram os jogos com cooperação e o relacionaram com a indisciplina, outros fatores precisaram acompanhar e andar juntos durante a unidade didática para que houvesse uma maior compreensão por parte dos alunos sobre os problemas da indisciplina nas aulas de Educação Física e na Escola, sendo estes fatores discutidos na categoria anterior: criação do *checklist* e a construção das regras pelos alunos e o professor, bem como, o Livro de Infrações. Ou seja, foram associadas outras situações para que houvesse uma sensibilização quanto ao problema da indisciplina nas aulas de Educação Física. Cabe aqui ainda uma ponderação de que, mesmo fazendo tudo isso, essa mudança de comportamento por parte dos alunos requer tempo, o que vai sinalizar para um número muito maior de aulas do que as que foram desenvolvidas em nosso estudo.

Outro fator importante de ser observado, diz respeito à participação de alguns alunos durante as atividades. Ainda que a lógica interna destes jogos apresente como característica principal a cooperação entre os participantes, muitas situações de conflito estiveram presentes durante a participação dos alunos, segundo Marques (2008, p. 27) “[...] os conflitos ocorrem nas relações entre pessoas e/ou grupos, em toda a sociedade, incluindo a Educação escolar e as aulas de Educação Física”.

Na primeira tentativa a bola foi jogada para fora e nas tentativas seguintes os alunos estavam tendo dificuldades para passar a bola de um lençol para o outro, começaram então a discutir uns com os outros, cada um querendo falar como deveria ser feito e alguns culpando os amigos que não conseguiam passar a bola (Diário de aula n. 07, p. 39).

Quando um aluno foi tentar subir e não conseguiu, um menino do grupo falou um palavrão para ele, pedi para ele não falar palavrão, mas sim, ajudar o seu amigo. Ele ficou olhando e disse que o outro era tonto, disse que não tinha ninguém tonto, mas se ele tentasse ajudar o seu amigo, ele conseguiria (Diário de aula n. 08, p. 45).

Muitos dos conflitos ocorridos durante as atividades aconteciam por motivos de discussões e, em alguns casos, havia ofensas pessoais a outro(s) colega(s). É importante destacar que os conflitos são importantes nas relações

humanas, principalmente, para o desenvolvimento do diálogo e da empatia, porém, torna-se necessário ao professor intervir quando os conflitos fogem dos limites que poderiam ser aceitáveis, como no caso das ofensas pessoais ou em algumas situações de exclusão. Nestes casos, é importante que o professor intervenha, levando os alunos a refletirem sobre suas atitudes e comportamentos.

Um princípio se de briga iniciou, com xingamentos da aluna a outros grupos, pedi para pararem e argumentei que todos tem que participar, que se a aluna L. fizesse alguma coisa nós parariamos a atividade e conversariamos com ela sobre o que havia acontecido (Diário de aula n. 04, p. 22).

Chamei os dois para conversar, falei sobre a necessidade de parar com esse tipo de comportamento e que era para eles serem amigos, bateu o sinal neste momento, um aluno saiu resmungando, pedi para ele voltar, conversei ainda um pouco com eles e pedi para todos levarem a cadeira de volta para a sala (Diário de aula n. 09, p. 53).

Para ajudar os alunos a refletirem sobre seus comportamentos e atitudes durante as aulas, o professor-pesquisador buscou durante as rodas de conversas levar os alunos a pensarem sobre a importância de colaborarem e a participarem coletivamente durante os jogos, dando destaque a dois objetivos que eram importantes na realização dessas atividades: a cooperação e o trabalho em equipe.

Tentei retornar a conversa para o assunto dos jogos cooperativos, perguntando se eles achavam importante trabalhar coletivamente, a maioria respondeu que sim. Continuei perguntando se eles achavam importante esse tipo de atividade em que um tem que ajudar ao outro para atingir um objetivo, uma aluna me respondeu que sim, que era importante trabalhar em equipe, perguntei: "Por que?" ela respondeu que era por que "um podia ajudar o outro (Diário de aula n. 05, p. 28).

Tentei fazer que falassem mais um pouco, perguntei a uma aluna se ela sabia o que era cooperação, então me respondeu: "que era ajudar o outro", perguntei também se era preciso cooperação nas atividades que fizemos, ela falou: "Sim, por que tem que todo mundo ajudar (Diário de aula n. 07, p. 41).

A discussão sobre estes temas tinha como premissa levar os alunos a refletirem sobre a importância da colaboração durante o desenvolvimento das atividades e, também, tinham o intuito de verificar se os alunos compreendiam que a indisciplina comprometia a participação no coletivo.

Você R. pode falar? É que tem muita bagunça e não dá para trabalhar em equipe, os meninos não ajudam, eles mexem com as meninas. Na sala vocês também tem dificuldade para trabalhar em equipe, tem muita bagunça? Sim! Ela respondeu.

Voltei a fazer a pergunta e a aluna respondeu que precisava trabalhar em equipe, perguntei que se para ela, eles haviam trabalhado em equipe, ela então disse: "que não". Perguntei o porquê e, ela me falou que: "havia umas pessoas que não sabiam brincar", perguntei para o grupo se eles concordavam e a maioria concordou que sim (Diário de aula n. 07, p. 40).

Destaca-se que apesar da lógica interna destes jogos favorecer a cooperação e a participação de todos nas atividades, não podemos excluir o fato de que, quando o aluno participa de tais atividades, ele carrega consigo uma maneira pessoal e subjetiva de participar, isto se deve a lógica externa, ou seja, o aluno traz para as suas práticas sociomotrizes, as considerações e percepções que recebeu das pessoas e do meio em que ele está inserido.

Nesse caso, as dificuldades de uma participação colaborativa pode ser ocasionada pelo fato de o aluno ter sido muito estimulado em um ambiente em que a competição é muito favorecida e valorizada, dificultando a compreensão da importância de se atingir objetivos comuns em que todos tem que ganhar e participar. Além de outros fatores, como poucas chances de participar em situações em que tem que opinar e ouvir sobre as opiniões dos outros. Pode haver ainda um egocentrismo exagerado e até mesmo por ainda não ter atingido uma maturidade suficiente para colocar-se no local do outro, não compreendendo o sentido da empatia nas relações pessoais.

Dentro desse contexto, os jogos sociomotrizes de cooperação são importantes para ajudar os alunos a pensarem sobre o outro e a importância de juntos resolverem os problemas que estes jogos oferecem. Para que isto ocorra o professor precisa estimular a cooperação entre os participantes, além de constantemente reforçar junto a eles o diálogo, dando oportunidade para que todos possam discutir e participar. O professor deve estimular através da prática dos jogos com cooperação nas aulas de Educação Física os valores importantes nas relações humanas, como, o respeito mútuo, a solidariedade e a cooperação entre as pessoas.

A escolha do conteúdo, os jogos sociomotrizes de cooperação, desenvolvido durante as aulas, se deu porque o professor-pesquisador acreditava que estes jogos poderiam estimular a participação e as reflexões nas aulas durante

as atividades e nas rodas de conversa, favorecendo o debate sobre o tema da indisciplina. Outro fator, também se relaciona com o objetivo de inserir um conteúdo novo, ao qual os alunos não estavam habituados, tentando estimular o interesse nestas atividades. Quando da apresentação destes jogos, o professor-pesquisador buscou, primeiro, verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as atividades e compreender se eles tinham conhecimento ou a noção sobre tais atividades.

Neste momento, perguntei aos alunos o que seria jogos cooperativos, se eles sabiam o que eram estes jogos. Alguns alunos responderam juntos e de forma desordenada a esta pergunta, alguns disseram: “que era para ajudar”, outros: “colaborar com cada um” (Diário de aula, n. 01, p. 02).

Dei um tempinho até que eles se acalmassem, perguntei de novo, se eles sabiam o que era jogos cooperativos, uma aluna respondeu que era quando um ajudava o outro, respondi que ela estava certa, tentei chamar a atenção de um aluno que estava distraído para mim, fiz a mesma pergunta para ele, acabou respondendo igual a menina, que era quando um ajudava o outro (Diário de aula n. 05, p. 26).

Notei que eles apresentavam a noção do que seriam jogos envolvendo a cooperação, principalmente, com a ideia de que estas atividades tinham como objetivo “ajudar o outro”, sempre tendo o verbo “ajudar” como elemento central nas respostas dos alunos.

Outro fator foi observar a reação dos alunos durante a prática deste novo conteúdo. No princípio, acreditei que eles teriam um pouco de dificuldade quanto a estas práticas, seja pela indisciplina da turma ou pelo motivo de terem tido poucas experiências com este tipo de atividade; observei que alguns alunos apresentavam certa resistência ao novo conteúdo, seja não querendo participar ou participando com pouco interesse na atividade.

Mas depois de um tempo alguns meninos decidiram sair da atividade e foram se encaminhando para fora da brincadeira, perguntei por que eles estavam saindo, um aluno me respondeu que não queria mais, insisti para ele voltar, mas ele disse que não queria mais, disse que se eles estavam cansados da brincadeira, que era para eles esperar que eu iria mudar de atividade dentro de pouco tempo, que era para eles aguentarem um “pouquinho” que íamos reiniciar uma nova atividade (Diário de aula n. 03, p. 15).

Quando isso ocorria buscava conversar com os alunos e tentava convence-los a participar, procurava não forçar a participação deles nas atividades, reforçava que seria importante para eles participarem e que as atividades podiam

ser bem divertidas e atraentes, porém, está resistência não durou muito e eles com o tempo retornavam para as atividades e se entusiasmavam. Isso se dava, em alguns casos, pela própria participação e pelo divertimento dos outros alunos durante as práticas.

Os meninos que estavam de fora quiseram participar, então eu disse que se eles voltassem era para participar sem atrapalhar. Eles responderam que não iriam atrapalhar. Acabaram também se empolgando com a brincadeira e, realmente, se entreteram com a atividade (Diário de aula n. 03, p. 16).

O aluno que pediu para jogar Basquete se empolgou com a atividade e acabou entrando em um grupo, falei com ele que se ele fosse participar da atividade, que ele deveria entrar e fazer as atividades da maneira correta e que não entrasse somente para atrapalhar a atividade, ele falou que ia fazer tudo e que não ia atrapalhar (Diário de aula n. 07, p. 37).

Quanto à aceitação dos jogos sociomotrizes de cooperação pelos alunos, grande parte deles gostou das atividades, com somente poucos alunos dizendo que preferiam outras atividades.

Perguntei sobre as atividades com jogos, se eles haviam gostado. A maioria disse que sim, mas alguns meninos disseram que “bola era mais legal”. Perguntei aos meninos, se as atividades que eles fizeram não foram legais. Ai, os meninos, mas não todos, responderam “mais ou menos” e um respondeu: algumas. (Diário de aula n. 10, p. 61).

A introdução de um conteúdo novo, principalmente, dentro de uma dinâmica envolvendo atividades somente cooperativas pode em princípio promover nos alunos um certo estranhamento, haja vista que as vivências dentro do contexto das aulas de Educação Física terem como abrangência a competição como fator estimulante.

Porém, é necessário que os alunos vivenciem atividades dentro de uma dinâmica diferenciada da competição para que compreendam certas diferenças quanto à lógica interna destas atividades e que possam refletir sobre elas. Com estas práticas não buscamos promover uma batalha filosófica que provasse a superioridade da cooperação em detrimento da competição, mas sim, buscamos estimular a curiosidade dos alunos sobre outras práticas corporais e como a participação colaborativa pode ser importante nas reflexões sobre os problemas de indisciplina que eram enfrentados nas aulas de Educação Física.

Quanto aos alunos não apresentarem um coerência relacionada ao gostar das atividades na proposta das aulas, pude notar que os mesmos se interessaram pelas atividades e mostraram-se participativos. Ainda que, em alguns casos a indisciplina tenha se mostrado um problema que fazia com que a proposta demorasse a ser concretizada dentro do tempo da aula, foi possível observar que o conteúdo foi bem aceito pelos alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos problemas de indisciplina nas aulas de Educação Física, observadas pelo professor-pesquisador, buscou-se a construção de uma proposta pedagógica com o intuito de colaborar para refletir sobre este problema.

No amplo campo das possibilidades de pesquisa, oferecidas pela Educação Física Escolar, foi gerada a seguinte questão inicial: Quais conteúdos desenvolver em uma proposta de enfrentamento da indisciplina nas aulas de Educação Física? Analisando as possibilidades, encontramos dentro do campo da cultura corporal os jogos sociomotrizes de cooperação.

Escolhemos este tipo de jogos pois, ao observarmos a lógica interna destas atividades, constatamos que a dinâmica exclusivamente cooperativa poderia servir para que os alunos pudessem refletir, analisar e construir caminhos que os levassem à conscientização dos problemas de indisciplina, atuando de forma dinâmica sobre as relações estabelecidas nas aulas entre os colegas e o professor.

Neste sentido, uma contribuição importante a este trabalho foi a descoberta da Praxiologia Motriz, ao tomar contato com esta proposta teórica, percebi que ela me ajudaria a melhor compreender a dinâmica das atividades propostas por mim nas aulas, principalmente, na possibilidade de ter um “novo olhar” sobre a classificação dos jogos escolhidos na proposta desenvolvida junto à turma pesquisada.

Esse contato me fez querer compreender melhor a gramática dos jogos e esportes e, em especial, dos jogos envolvendo a cooperação. Esse novo olhar, para mim, possibilitou um diálogo entre os jogos cooperativos, tão comentado em nossa área, mas nem sempre muito compreendido, estabelecendo-os como foco desta dissertação

Uma das dificuldades foi: todas as atividades que iríamos propor eram cooperativas dentro da classificação praxiológica? Essa questão foi importante para a busca das atividades que desejávamos desenvolver nas aulas, baseadas em uma dinâmica somente cooperativa.

Mantivemos a proposta de classificação elaborada pela PM que determina que os jogos sociomotrizes de cooperação ocorrem quando dois ou mais companheiros realizam alguma atividade com o objetivo de atingir um objetivo comum (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 19).

Essa opção ocorreu também, devido à possibilidade de mantermos um olhar mais profundo sobre a maneira com a qual os alunos desenvolveriam estas atividades nas aulas, avançando na compreensão da lógica interna e sua relação com os alunos que estavam participando dos jogos propostos pelo professor-pesquisador.

Em relação à turma escolhida para a pesquisa, uma sala classe do 5º ano do ensino fundamental, que apresentava problemas em relação à indisciplina, promovemos ações com o intuito de construir com eles uma proposta de enfrentamento da indisciplina, sendo os jogos sociomotrízes e as rodas de conversa os pilares centrais de nossa proposta.

Quanto à indisciplina na turma analisada, observamos algumas dificuldades, principalmente, relacionadas às brincadeiras e conversas paralelas, discussões e ofensas pessoais. Esses problemas dificultavam o bom andamento das aulas, tomando uma boa parte do tempo das aulas, tais dificuldades encontradas ocorriam, principalmente, em relação às rodas de conversa. Por outro lado, é compreensível que os alunos manifestem este tipo de dificuldade, já que a escola, enquanto uma instituição social, tende a reproduzir os comportamentos presentes nas nossas relações sociais mais amplas. Além disso, a educação escolar brasileira não costuma incentivar o diálogo entre os alunos e os professores; tem uma arquitetura que mais se preocupa em controlar e aprisionar do que libertar e promover autonomia.

Essas atitudes dos alunos demonstram o quanto à indisciplina pode prejudicá-los no desenvolvimento dos conteúdos, tornando o ensino e a aprendizagem um processo demorado e que, em muitos casos, pode se desenvolver com dificuldades. Cabe ao professor conduzir o processo com responsabilidade e paciência, evitando em muitos casos o risco do autoritarismo, que não se confunde com autoridade, esta dá ao professor o papel de condutor no processo de aprendizagem.

Na construção das regras com os alunos, torna-se importante destacar a necessidade de reforçar o que ficou combinado pois, muitas vezes, as regras construídas são aceitas pela maioria, mas não necessariamente interiorizadas por eles, ou seja, alguns alunos podem aceitar as regras apenas da boca para fora e depois de um tempo buscam quebrar os combinados estabelecidos.

Junto com as regras foram determinadas as punições que, foram também construídas pela turma com a ajuda do professor, buscando despertar nos alunos o compromisso e a responsabilidade em relação aos combinados, alertando-os que as sanções estão sempre presentes e fazem-se necessárias, no sentido, que ajudam a organizar as relações de convivência que são estabelecidas através do respeito às decisões individuais e coletivas.

Em relação aos jogos sociomotrizes de cooperação, acreditamos que é importante a introdução destes jogos no planejamento dos professores de Educação Física, deve-se estimular este tipo de experiência para que os alunos possam vivenciar práticas cooperativas nas aulas. Mas, para que estas práticas não se tornem apenas reproduções descompromissadas no momento de jogar, o professor precisa promover a reflexão sobre as atividades realizadas pelos alunos, introduzindo conceitos importantes como: respeito mútuo, solidariedade, empatia e muitos outros relacionados aos valores atitudinais.

Quanto à participação nas atividades, podemos observar que alguns alunos em determinados momentos, apresentaram resistências, mas com o tempo foram se tornando mais participativos. Isso indica que as atividades foram capazes de promover nos alunos o desejo de participar, fortalecendo a ideia da necessidade de estimular novos conteúdos para que os alunos não se limitem a apenas algumas experiências que por eles são constantemente revisitadas.

A promoção de uma proposta de enfrentamento em relação à indisciplina não deve vir acompanhada da ilusão de que os conteúdos propostos em si vão resolver os problemas da indisciplina na turma, principalmente, quando se está trabalhando com jogos de caráter cooperativo. É importante que o professor tenha claro que os resultados demandam tempo, exigindo paciência em relação aos resultados.

Entendemos ser importante, pois muitas vezes há uma tendência em quantificar estas ações com o intuito de estabelecer uma prova entre as atividades cooperativas e os resultados esperados pelo professor ou pesquisador, como algumas outras pesquisas demonstraram.

Destacamos a importância de um trabalho que trate da indisciplina através dos conteúdos da Educação Física e que tenha continuidade ao longo do tempo para que não se torne apenas uma experiência momentânea. Para isso, o

professor deve continuar desenvolvendo os meios para que o enfrentamento do problema. Mesmo porque, há um caminho a percorrer que não se resolve de maneira imediata e simples, principalmente, quanto às resoluções das dificuldades da indisciplina imposta nas aulas e na escola.

Mais do que quantificar os resultados seria importante construir com os alunos uma proposta através dos jogos envolvendo cooperação, dando oportunidades de reflexão e ações que podem contribuir para a tomada de consciência em relação aos problemas da indisciplina nas aulas. Estimular a participação nos diálogos com a turma, dar voz aos alunos, promovendo o protagonismo e estimulando a participação democrática em alguns momentos das aulas são fundamentais para a construção da participação ativa e consciente nas decisões tomadas em grupo.

Acreditamos que os jogos sociomotrizes de cooperação são um conteúdo que deve ser estimulado nas aulas, pois, se trabalhados de forma consciente e objetiva, podem permitir a compreensão de que há possibilidades diferenciadas de participar das atividades corporais que não estejam somente ligadas ao caráter competitivo. Quando acompanhadas de reflexões sobre os valores atitudinais, tendem a ajudar na resolução/amenização em relação aos problemas de indisciplina nas aulas de Educação Física.

Para finalizar, informamos que além do presente estudo, desenvolvemos como resultado desta pesquisa um Produto Educacional, que chamamos de "*Unidade Didática: Jogos Sociomotrizes de Cooperação*". É um material didático que apresenta, aula a aula, a unidade didática desenvolvida sobre os jogos sociomotrizes de cooperação. Este material pode ser encontrado no repositório da UFSCar, e seu endereço eletrônico está no Apêndice E.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J.A. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, v. 24, n.2, São Paulo, jul./dez., 1998.
- BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. *Sociedade em debate*. Pelotas, 7(2):5-25, agosto, 2001.
- BRASIL. Decreto-lei nº 10.004, de 05 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, n. 1, p. 1-7, 05 set. 2019.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, C.S. Indisciplina na Educação Física: uma investigação qualitativa. In: **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE**, 9, 2009, Curitiba, p.6044-6056.
- BROTTO, F.O. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como exercício de convivência. 1999. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- CAETANO, A. O jogo nas aulas de Educação Física e suas implicações no desenvolvimento moral. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 783-799, jul./set., 2014.
- CANDATEN, A.P. **Educação Física Escolar**: Jogos cooperativos como conteúdo para 4º série do ensino fundamental. 2013. 40f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Educação Física) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2013.
- CANTU, C.J.; PORTELA, B.C. **O esporte como um meio para redução da indisciplina e violência**. O professor PDE e os desafios da escola pública Paranaense, Cadernos PDE, V. 1, 2009.
- CASTARLENAS, J.L. *et al.* Estudio praxiológico de las prácticas desportivas, expressivas, lúdico-recreativas y apreensivas. **Educación Física y Deportes**, (32), p.27-36, Lleida, Espanha, 1993.
- CORREIA, M.M. Jogos cooperativos: Perspectivas, possibilidades e desafios na Educação Física Escolar. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v.27, n.2, p.149-164, jan.2006.
- CRUZ, Z.A.C.; FREIRE, E.S. Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física: o envolvimento dos alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** São Paulo, v. 13, n.1, p. 109-123, ago., 2014.
- DARIDO, S.C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes. **Revista Bras. Ciênc. Esporte**. v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar.,2004.
- DARIDO, S.C.; GONZÁLES, F.J.; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF – Disciplina: Problemáticas da Educação Física, 2018.

DÍAZ, R.M. Los juegos cooperativos y su incidência en los estados de ánimo y las emociones escolares. Emásf – **Revista Digital de Educación Física**. v. 7, n. 41, jul./ago., 2016.

ESTRELA, M.T. Para uma cooperação entre a escola e a família na prevenção dos problemas de indisciplina na escola *In: Revista de Psicologia, Educação e Cultura*. Carvalhos, V. 6, n. 1 2002, p. 27-48.

ESTRELA, M.T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2° ed. Porto Editora. Porto, 1994.

FERREIRA, L.A.; RAMOS, G.N.S. Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz: lógica interna e os universais ludomotores nas relações com a cultura corporal de movimento. *In: FERREIRA, L.A.; RAMOS, G.N.S. (Orgs.). Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz: compreendendo as práticas corporais*. Santa Maria: Ed. UFSM, V. 22, 2017, p. 13-31.

FILHO, A.L.; LIMA, B.C.M.T.; GUIMARÃES, G.H.E. Um diálogo entre as concepções de disciplina de Kant, Dewey e Freire. **Impulso**. v. 23, n. 56, p. 61-72, Piracicaba, 2013.

FONTOURA, M.F. Análise dos processos de interação social dos alunos durante o jogo de regras e sua relação com a indisciplina nas aulas de Educação Física. *In: SEMINÁRIO INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA*, 8.; 2012, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UTP, 2012. p. 300-312.

FREIRE, E.S.; OLIVEIRA, J.G.M. Educação Física no Ensino Fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 141-151, set./dez., 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia saberes necessários a prática educativa**. 25° ed. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FURLAN, M. B.; PERI, M. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. *In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE*, 9, 2009, Curitiba, p.2390-2403.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.95, jan./abri. 1999, p. 101-108.

GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.8, nº1, p.10-32, dez. 2006.

GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da Educação Física escolar. **Cadernos de Formação Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis-SC, v. 1, n. 1, p. 9-24, set/2009. Disponível em: <https://goo.gl/CVgx6H>>. Acesso em: 16 out .2018.

GUIMARÃES, M.R.V. A Educação Física no enfrentamento da violência em uma escola da rede municipal de ensino de Pelotas/RS. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 14, n. 21, p. 25-35, 2011.

GUIMARÃES, P.C.P.; LAMOS, R.A.C. Militarização da rede estadual de Goiás: a nova onda conservadora. **Revista pedagógica**. v. 20, n. 43, p. 66-80, jan./abr., 2018.

JAQUEIRA, A. R. *et al.* Educando para la paz jugando: género emociones em la pratica de juegos cooperativos competitivos. **Educatio Siglo XXI**, v. 32, n. 2, p. 155-32, 2014.

KOLARIK, K.; RODRIGUES, J.F., DE MATOS, T.J.F. Indisciplina no cotidiano escolar. **Projeção e Docência**, v. 8, n. 1, p. 33-45, 2017.

LAVEGA, P. Educar las conductas motrices: um desafio para la educacion física del siglo XXI. **V Simposium Internacional de Actividad Física, Educación física, deporte e turismo Activo**, 2004.

LAVEGA, P.; PLANAS, A.; RUIZ, P. Juegos cooperativos e inclusión em educación física. **Rev. int. med. cienc. act. fís. deporte**. v. 14, n. 53, p. 37-51, 2014.

LOVISOLO, H.D.; BORGES, C.N.F.; MUNIZ, I.B. Competição e cooperação: na procura por equilíbrio. **Revista Bras. Ciênc. Esportes**. v. 35, n. 1, p. 129-143, jan./mar., 2013.

MALDONADO *et al.* As dimensões atitudinais e conceituais dos conteúdos na Educação Física Escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.17, n. 2, p. 546-559, 2014.

MARQUES, R. G. V. **Conflitos nas aulas de Educação Física Escolar: Reflexões assentadas na pesquisa-ação e na praxiologia motriz**. 2019. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

MARTINS, C.D.; FREIRE, E.S. Conteúdos atitudinais nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.77, n. 3, p. 21-28, 2008.

MEDEIROS, C.R. **Jogos cooperativos: uma abordagem crítica**. 2011.38 f. (Curso de Educação Física – Licenciatura) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

MELO, M.C.H.; CRUZ, G.G. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço dialógico no ensino médio. **Imagens da Educação**. V. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 8° ed. Vozes, Petrópolis, 1996.

MOURA, A.B.F.; LIMA, M.G.S.B. A reinvenção da roda: um instrumento metodológico possível. **Interfaces na Educação**, Parnaíba, v. 5, n. 15, p. 4-35, 2014.

MUNIZ, I.B. **Os jogos cooperativos e os processos de interação social**. 2010, 262f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.

NETO, I.B.; WALDOW, J.N.C. Jogos cooperativos em uma 5ª série do ensino fundamental. **Cadernos de Educação Física**, v.9, n. 16, p. 85-96, 1º sem., 2010.

NORA, D.D. *et al.* Praxiologia motriz, trabalho pedagógico e didática na educação física. **Movimento**, v.22, n.4, p. 1365-1378, out./dez., Porto Alegre, 2016.

OCÁRIS, U.S. *et al.* Emociones positivas y educación de la convivencia escolar. Contribución de la expresión motriz cooperativa. **Revista de Investigación Educativa**, v. 32, n.2, p. 309-326, 2014.

OLIVEIRA, D. M. C. *et al.* A sistematização do handebol e as contribuições da praxiologia motriz nas aulas de Educação Física Escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, vol. 11, n.1, 2012.

OLIVEIRA, G.T.; RIBAS, J.F.M. Articulações da Praxiologia Motriz com a Concepção Crítico-Emancipatória. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 131-148, jan./mar., 2010.

OLIVEIRA, M.I. **Indisciplina escolar**: determinações, consequências e ações. 1ª edição. Brasília: Liber livro Editora, 2005.

OLIVEIRA, M.T.G.M. **A indisciplina em aulas de educação física**: estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de educação física do 2º e 3º ciclos do ensino básico. Tese de doutorado. Universidade do Porto. Faculdade de ciências do desporto e educação física. Porto, 2001.

OMEÑACA, J.V.R.; BUENO, D.; BUENO, I. Influencia de um programa de cooperación en Educación Física sobre las competencias sociales. **La poenza – Revista de Educación Física**, n. 10, p. 45-64, 2015.

PAIXÃO, J.A.; OLIVEIRA, E.C.; PAULA, E.S. Suspensão das aulas de Educação Física como forma de punição: a perspectiva discente. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 18, n.2, abr./jun.2015.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Contexto. São Paulo, 2008.

PEREIRA, M.R.; CAETANO, L.M. A construção das regras e o desenvolvimento moral da criança: o papel do educador. *In*: **ANAIS DA SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM**. 2012, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-12.

PEREIRA, T.P. **Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de educação física**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. Faculdade de Desporto. Porto, 2006.

PRANDINA, M.Z.; DOS SANTOS, M.L. A Educação Física Escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes – Revista de Educação**. Dourados, v. 4, n. 8, jun./dez., 2016.

REIS *et al.* Militarização de escolas públicas e o governo Bolsonaro. **Tecnia**. v 4, n. 2, p. 227-235, 2019.

RIBAS, J.F.M. **Contribuições da praxiologia motriz para a Educação Física escolar - ensino fundamental**. 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas.

RIBAS, J.F.M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.2, p. 113-120, mai./ago., 2005.

RIBAS, J.F.M.; DE MARCO, A. Conteúdos da Educação Física na Escola: novas propostas de investigação e compreensão. **Kinesis**, Santa Maria, n. 21, p. 163-176, 1999.

RODRIGUES, B.; NEVES, R. Os jogos cooperativos e a participação dos alunos nas aulas de Educação Física no 1º ciclo do ensino básico – um estudo de investigação. **Desenvolvimento Curricular e Didática, Indagatio Didactica**, v. 9 (4), dez. 2017. INSS: 1647-3582.

RODRIGUES, H.A.; DARIDO, S.C. As três dimensões dos conteúdos na prática pedagógica de uma professora de educação física com mestrado: um estudo de caso. **R. da Educação Física**. Maringá, v. 19, n. 1, p. 51-64, 2008.

SANT'ANNA, A.S.S. **A indisciplina na Educação Física Escolar**, 2012, 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

SANT'ANNA, A.S.S.; NASCIMENTO, J.V. AZEVEDO, E.S. Fatores associados à indisciplina nas aulas de Educação Física. **R. Bras. C. e Mov.** V.20, n.1, p. 78-87, 2002.

SANTOS, A.A.T. Discurso, memória e corpos dóceis: a (in)disciplina sobre o olhar dos professores. **Palimpsesto**. n. 19, ano 13, p. 476-494, 2014.

SANTOS, O.N. **Expressão das emoções em jogos de cooperação segunda a perspectiva de gênero em contexto universitário**: considerações qualitativas. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra.

SANTOS, O.N.; SILVA, P.G.; SANTOS, H.B. **Fundamentos metodológicos da pedagogia das condutas motoras como projeto pedagógico na educação física escolar**. Disponível em: www.fiepbulletin.net, acesso em: 21 de outubro de 2019.

SIEROTA, A.M.D.; BORGES, G.A. **Indisciplina nas aulas de Educação Física**: jogos e brincadeiras como estratégia de intervenção. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**. Paraná, V. 1, 2016.

SILVA, L.C. Os professores e a problemática da indisciplina na sala de aula. *In*: **ANAI DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO**. Perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte, p. 1-15.

SILVEIRA, T.A.; BRITO, R.G. A dinâmica das rodas de conversa em aulas de ciência no ensino fundamental. *In*: **X CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE INVESTIGACIÓN EM DIDÁCTICA DE LAS CIENCIAS**. 2017, Sevilla, p. 253-258.

TABORDA, D.S. **Aproximações teóricas entre a Praxiologia Motriz e a Proposta Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**: Por um diálogo da possibilidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-466, set./dez.,2005.

UHLIG, J.M.; DOS SANTOS, S.L.C. **Vencendo a indisciplina por meio dos jogos cooperativos**.

VASCONCELLOS, C.V. **Indisciplina e disciplina escolar fundamentos para o trabalho docente**. 1º ed. Cortez. São Paulo, 2009.

WEILER, G.M.A.; TEIXEIRA, R.T.S. **A contribuição da Educação Física na mediação da indisciplina e dos conflitos escolares**. Programa de Desenvolvimento Educacional PDE, v.1, 2012.

ZABALZA, M.A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Artmed. Porto Alegre, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TALE para responsável

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -
ProEF

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Responsável

São Carlos, ____ de _____ de 2019.

O/a menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa intitulada “A Praxiologia Motriz em jogos de cooperação e suas implicações na (in)disciplina discente”. O objetivo do trabalho é analisar a influência dos jogos de cooperação sobre a (in)disciplina dos alunos participantes da pesquisa.

A participação dele/a irá ajudar na compreensão de como os jogos de cooperação podem ser importantes para o enfrentamento do(s) problema(s) da indisciplina nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar, contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de colaborar no desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam atuar no enfrentamento da indisciplina nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar.

Ele/a irá participar de rodas de conversa sobre indisciplina e jogos de cooperação. Também serão observadas aulas de Educação Física nas quais ele/a esteja participando, por um período aproximado 01 mês (8/10 aulas). As rodas de conversa serão realizado em momentos que não comprometam as aulas dele/a e com a autorização do/a seu/sua professor/a. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará seu comportamento, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para responder as questões do questionário (e/ou da entrevista) ou para ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá lhe oferecer todo o suporte necessário.

Ele/a não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito dele/a. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo sobre as rodas de conversa, não goste de qualquer situação que identificar durante as observações ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar o professor Glauco Nunes Souto

Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (XX) XXXXX-XXXX.

O nome/identificação dele/a não será citado em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que ele/a fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Ele/a não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os direitos dele/a como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Eu,

_____, CPF _____, o/a autorizo a participar da pesquisa.

Assinatura do/a responsável

Assinatura do/a pesquisador/a

Nome do Coordenador da pesquisa: Glauco Nunes Souto Ramos

Professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar

Fone: (XX) XXXXX-XXXX

E-mail: glauco@ufscar.br

Contato do Comitê de Ética – Pesquisa com Seres Humanos/UFSCar

E-mail: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE B: TALE para menor

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -
ProEF

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Menor

São Carlos, ____ de _____ de 2019.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa com o nome “A Praxiologia Motriz em jogos de cooperação e suas implicações na (in)disciplina discente”. O objetivo do trabalho é analisar como os jogos de cooperação podem ajudar nos problemas de indisciplina dos alunos participantes da pesquisa.

A sua participação irá ajudar a entender como os jogos de cooperação podem ser importantes para a diminuição do(s) problema(s) da indisciplina nas aulas de Educação Física e na escola, contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de colaborar no desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam atuar na diminuição da indisciplina nas aulas de Educação Física e na escola.

Você irá participar de rodas de conversa, que é um jeito de nos conversarmos sobre indisciplina e jogos de cooperação. Também serão observadas aulas de Educação Física nas quais você esteja participando, por um período aproximado 01 mês (8/10 aulas). As rodas de conversa serão realizadas em momentos que não prejudiquem suas aulas e com a autorização do seu professor ou professora. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer participação nas aulas e nem avaliará seu comportamento, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa está em possíveis desconfortos para responder as perguntas na roda da conversa ou para ser observado. Em caso destas situações o pesquisador irá lhe oferecer toda a ajuda necessária.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo sobre as rodas de conversa, não goste de qualquer situação coisa durante as observações ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (16) 99712-1272.

Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador.

Você não vai receber nenhum tipo de dinheiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Eu,

_____, CPF
_____, aceito participar da pesquisa.

Assinatura do/a participante da pesquisa

Assinatura do/a pesquisador/a

Nome do Coordenador da pesquisa: Glauco Nunes Souto Ramos

Professora do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar

Fone: (XX) XXXXX-XXXX

E-mail: glauco@ufscar.br

Contato do Comitê de Ética – Pesquisa com Seres Humanos/UFSCar

E-mail: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE C: TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

São Carlos, ____ de _____ de 2019.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada “A Praxiologia Motriz em jogos de cooperação e suas implicações na (in)disciplina discente”. O objetivo do trabalho é analisar a influência dos jogos de cooperação sobre a (in)disciplina dos alunos participantes da pesquisa.

A sua participação irá ajudar na compreensão de como os jogos de cooperação podem ser importantes para o enfrentamento do(s) problema(s) da indisciplina nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar, contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de colaborar no desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam atuar no enfrentamento da indisciplina nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar.

Você irá participar de rodas de conversa sobre indisciplina e jogos de cooperação. Também serão observadas suas aulas de Educação Física, por um período aproximado 01 mês (8/10 aulas). As rodas de conversa será realizada em momentos que não comprometam suas atividades profissionais. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará seu comportamento, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para responder as questões relacionadas na roda de conversa ou para ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá lhe oferecer todo o suporte necessário.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo sobre a rodas de conversa, não goste de qualquer situação que identificar durante as observações ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (XX) XXXXX-XXXX.

Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Eu, _____, CPF _____, aceito participar da pesquisa.

Assinatura do/a participante da pesquisa

Assinatura do/a pesquisador/a

Nome do Coordenador da pesquisa: Glauco Nunes Souto Ramos
 Professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar
 Fone: (XX) XXXXX-XXXX
 E-mail: glauco@ufscar.br
 Contato do Comitê de Ética – Pesquisa com Seres Humanos/UFSCar
 E-mail: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE D: DIÁRIOS DE AULA

Diário de Aula – Intervenção n° 01

Depois de um período de observações para identificar os problemas de indisciplina da classe, iniciei o processo de intervenção com a turma. Na primeira aula, tínhamos como objetivo apresentar a pesquisa aos alunos, discutir com eles o problema da indisciplina e ouvir suas opiniões sobre o que os alunos compreendiam sobre o que seria indisciplina e se eles identificavam esse problema na classe e nas aulas de Educação Física, também, havia a intenção de elaborar um checklist com as respostas dos alunos sobre os principais problemas de indisciplina, bem como, discutir com os alunos possíveis soluções que os mesmos poderiam dar para ajudar a combater os problemas de indisciplina identificados por eles, depois elaboraríamos um cartaz sobre o checklist discutido e, outro com as possíveis soluções que poderiam ajudar a melhorar o problema de indisciplina nas aulas de Educação Física.

Portanto, neste primeiro dia de intervenção, dei início as intervenções propostas na Unidade Didática, elaborada para a construção da pesquisa. Fui com os alunos até o auditório da escola, um espaço amplo e longe do barulho, sendo também um local usado para a prática da Ginástica Geral, no período da tarde.

Ao chegar à sala, percebi que os alunos estavam bem agitados, chegaram brincando e conversando, fazendo brincadeiras de empurrar e alguns começaram a correr na sala, como se estivessem fazendo um pega-pega. Pedi para que os alunos fizessem uma roda, para iniciarmos a aula, tive muita dificuldade para que os alunos sentassem, alguns alunos corriam pelo espaço, perseguindo um ou outro colega da classe, precisei chamar a atenção várias vezes, inclusive, tendo que parar em frente a um aluno e pedindo para que ele sentasse na roda.

Depois de um bom tempo, tentando fazer os alunos pararem as brincadeiras para irem sentar-se na roda, eles finalmente sentaram, quando os mesmos estavam sentados, senti que muitos conversavam bastante, principalmente, provocando outros colegas que se encontravam ao lado. Pedi para que abrissem mais a roda, pois, estavam muitos espremidos um em cima do outro, fiquei falando para abrirem a roda, mas eles ficaram pouco atentos ao que eu dizia, alguns alunos

ficaram ali conversando e brincando com outros colegas, com algum custo, conseguimos formar a roda.

Neste momento, iniciei tentando falar sobre a pesquisa, disse aos alunos que iríamos começar uma pesquisa na sala sobre indisciplina e que iríamos utilizar os jogos sociomotrizes de cooperação durante as aulas, tentando descobrir se estes tipos de jogos poderiam ajudar a melhorar a indisciplina, ou se os alunos conseguiriam perceber se estes jogos podem ajudar na melhora da indisciplina nas aulas. Notei, que alguns alunos não estavam prestando atenção ao que eu dizia, pois, continuavam brincando ou falando com os colegas. Tentei chamar a atenção para mim, dizendo:

“Que era para eles, me ouvirem agora, que depois iríamos conversar sobre o que o professor estava falando”.

Mas, as brincadeiras continuaram, pedi para que os alunos fizessem silêncio, pois faziam dez minutos que eu estava tentando falar e não estava conseguindo. Neste momento, perguntei aos alunos o que seria jogos cooperativos, se eles sabiam o que eram estes jogos. Alguns alunos responderam juntos e de forma desordenada a esta pergunta, alguns disseram: “que era para ajudar”, outros: “colaborar com cada um”. Insisti com alguns alunos que estavam conversando, com a mesma pergunta, se eles sabiam o que era, estes olharam e não disseram nada, continuei a conversa e precisei parar devido a uma aluna estar fazendo muita bagunça, disse a ela que se ela continuasse assim ficaria muito difícil para ela participar das atividades, pois, a bagunça estava atrapalhando os colegas.

Um aluno disse que: “que ia participar!” Disse a ele que ficaria muito feliz se ele participasse, tentei elogia-lo para ficar com a atenção do aluno, pois, este aluno ficou sentado, sem muito interesse no que eu estava dizendo.

Falei que eu iria discutir com eles um assunto que é um problema não somente na escola, mas, em muitos outros lugares, este problema, era chamado: indisciplina. Perguntei, neste instante se alguém saberia me dizer, o que seria indisciplina.

Um aluno disse:

-Aquele que não tem disciplina.

Perguntei, então ao aluno que eu havia elogiado, se ele saberia o que seria indisciplina. Neste momento o aluno não respondeu, porque um aluno chamado G. entrou no meio e disse:

- Aquele que não tem disciplina. Perguntei o que seria disciplina, então? O que ele respondeu que é quando a pessoa não tem educação. Disse a ele o que mais poderia ser indisciplina, um aluno neste momento, entrou no meio e disse:

- Inteligência!

Disse: “inteligência? E, Continuei, e o que mais? Algumas meninas na roda, estavam deitadas, então disse para elas sentarem direito. Continuei a conversa, que mais? Quem sabe o que é indisciplina? Um aluno que estava na roda quis brincar dizendo:

-Parar de ser burro!

Em princípio, fingi não ter ouvido e continuei os questionamentos, e o aluno continuou: “parar de ser burro!” O que eu disse: “parar de ser burro? e o que mais?” Continuei com outro aluno, e, você, T. o que você acha? Neste momento, a grande parte da turma estava fazendo uma algazarra, falando todos ao mesmo tempo e de forma desconexa, precisei chamar a atenção de uma aluna que não parava de mexer com os colegas. Num destes momentos um aluno disse:

- Obedecer o professor. Eu respondi fazendo uma pergunta com sua resposta: “obedecer o professor?”

Tentei, então explicar o que era indisciplina, dizendo que era o desrespeito às regras que são estabelecidas, quando alguém não consegue cumprir com o que está combinado, faltando com o respeito as pessoas, tentei dar como exemplo o caso da aluna que não prestava atenção ao que estava acontecendo e que brincava na aula, quando o combinado era para que todos ouvissem e discutissem o problema da indisciplina, mas, neste momento outros alunos também estavam fazendo barulho e falando com outros colegas. Disse a um destes alunos, que estava falando com outros colegas, se ele identificava um problema de indisciplina que estava acontecendo naquele momento, ele disse:

- Que tinha uns “cara” brincado de slime. Nisto, um aluno entrou no meio e disse:

- Nós não vamos brincar? O professor só vai ficar falando de indisciplina? Esclareci ao aluno que eu estava tentando conversar, mas que estava muito difícil falar com os alunos hoje. Tentei puxar a conversa para um grupo de meninas que estavam ali sentadas, conversando baixo entre elas, insisti com a pergunta: “se elas sabiam o que era indisciplina?” Nisto, chamei um aluno que estava conversando e desatento, perguntando:

- G.! Você, sabe me falar qual o problema de indisciplina que você percebe aqui nesta classe? Você acha que está sala tem problemas de indisciplina? No final desta pergunta, os alunos quase todos disseram: “Sim!” Ao, que eu disse: “quais são?” Neste momento, um aluno tomou à frente e disse:

- Falta de respeito com os amigos, falta de respeito com os professores.

Neste momento tentei levar o debate a todos, dizendo:

- O J. pontuou, alguns itens aqui. Falta de respeito. Agora vocês vão me confirmar se é verdade ou não. Falta de respeito com os amigos? Ao que todos disseram: “Sim”. Neste momento, um aluno falou:” nós vamos ficar aqui parado?” Tentei argumentar que eu gostaria de levar eles para fazerem as atividades, mas que eu estava tentando conversar com eles, se conseguíssemos conversar com certeza iríamos fazer as atividades propostas. Continuei tentando conversar com eles, porém, as conversas paralelas dificultavam que a conversa corresse com naturalidade, sem tropeços, estava difícil manter a conversa com a turma. Ainda, insisti por mais um tempinho. Até que disse que estava muito difícil conversar com eles na aula. Neste momento, disse que se continuassem assim, iríamos voltar para a sala. Pois, a bagunça estava muito grande.

O efeito destas ameaças não provocaram muito intimidação na turma. Até que acabei me irritando e fui até a porta do auditório, disse para todos virem para a porta que iríamos voltar para a sala, muitos ficaram reclamando: “Ah! Não!” Ao que eu disse, que já havia tentado conversar, mais que estava muito difícil, e, que nos iríamos subir para a classe.

Os alunos vieram, muitos reclamando de outros alunos e dando nomes. “O G. não para de brincar.” “Por causa de você, nós vamos voltar para a sala”. E, assim, foram saindo e retornando a sala, esperei um tempo até que todos voltassem, isto parece ter deixado eles um pouco mais quietos. Encontrei a

professora na sala, disse que havia voltado por que eles estavam fazendo muita bagunça e não havia conseguido conversar com eles, o que a professora, disse que realmente eles estavam muito “terríveis!”

Quando todos estavam sentados retornei a conversa que havíamos deixado para trás, nisto a professora disse se eu gostaria de sentar, disse que não, que ela poderia ficar à vontade, que eu ficaria de pé mesmo, retomei a conversa dizendo:

“Infelizmente, ficou muito difícil falar com vocês, por isso voltamos para a sala. Mas, como temos ainda um tempinho vamos retornar a nossa conversa, agora espero que vocês participem e que não precisemos ficar tendo que parar a conversa por causa da bagunça”. Muitos alunos ficaram acusando outros alunos ou falando que a classe fazia muita bagunça e não respeitava o professor.

Recomecei falando à classe, que eu iria elaborar com eles um checklist e que a professora podia participar também, então reiniciei a pergunta:

- O que é indisciplina para vocês?

Um aluno respondeu:

- Não fazer bagunça!!!

Outro:

-Ficar quieto.

Percebi que alguns alunos faziam uma confusão entre as palavras disciplina e indisciplina, achando que eram a mesma coisa. Nesse momento, disse que seria o contrário disso que eles haviam falado. E, então os alunos começaram a responder:

- Bagunça.

- Desrespeito.

- Não respeitar os professores.

- Brigar.

- Falar palavrão.

Neste momento, comecei a fazer algumas perguntas para alguns alunos individualmente, perguntei a aluna A.:

- E, pra você? O que é indisciplina?

O que ela respondeu:

- É, quando a gente desrespeita o professor, fica brigando, fala palavrão.

Disse, então, que era tudo isso que eles haviam falado, que indisciplina é quando nós não conseguimos cumprir as regras construídas coletivamente, levando a situações como estas que eles haviam falado. Então, retornei perguntando:

- E, na classe? Quais são os principais problemas de indisciplina?

Peguei um giz e falei que iria começar a marcar na lousa o que eles iam apontando como problemas de indisciplina da classe. Comecei então instigando os alunos a falar: “E ai, pessoal?”

Um aluno falou que era falta de respeito com o professor, um outro que era bullying, e as respostas começaram a surgir, então eu ia marcando na lousa algumas dessas respostas e perguntava se eles achavam que havia ou não havia estes problemas na sala. A grande maioria concordou com o que foi sendo falado pelos alunos, chegamos então as seguintes respostas:

Falta de respeito;

Falta de educação;

Bullying;

Muita conversa.

A que um aluno falou: “homofobia”. Então perguntei para ele se havia isso na classe e ele disse que sim, que os meninos faziam homofobia com ele. Perguntei para a classe, e, algumas meninas disseram que sim, outros meninos disseram que não, mas, nesse momento pelo horário da aula que estava acabando acabei deixando para a próxima aula, caso o assunto retornasse. Nesse momento, vi que o horário estava terminando, falei para os alunos que na próxima aula nos iríamos colocar o que eles disseram em um cartaz, por que hoje não daria tempo para escrevermos nos cartazes, também falei que ficou faltando de nos conversarmos sobre como faríamos para resolver a situação da indisciplina na sala de aula e que também faríamos um cartaz para fixar na sala ou na quadra para que pudéssemos lembrar e nos comprometer com o que havíamos combinado, também falei com a professora que se ela quisesse dar alguma dica de como poderíamos ajudar a resolver este problema que ela poderia participar.

Aguardei por mais um minuto até que o sinal tocasse, quando o sinal tocou, disse aos alunos que na próxima aula gostaria que todos participassem. Agradei a professora e sai.

Diário de aula - Intervenção nº 02

Para a aula que se iniciaria, eu tinha como objetivo retornar aos pontos que haviam faltado na aula anterior, além de reforçar os que já haviam sido expostos, retornando ao checklist e discutindo com os alunos sobre quais atitudes poderiam ajudar a melhorar o comportamento da classe quanto a indisciplina, fazer os cartazes e realizar as atividades de jogos sociomotrizes que acabaram não sendo realizados na aula anterior.

Depois que bateu o sinal do intervalo, me dirigi aonde a classe costuma ficar, todas as salas tem um local depois do intervalo aonde os professores vão buscar os alunos, eles esperam por ali o professor e depois sobem para a sala de aula. Fui até o local, alguns alunos já se encontravam ali e outros vinham retornando do intervalo, dei um tempo até que todos chegassem. Neste momento, um aluno chegou e me disse se iríamos para a quadra, ao que eu disse que não, nós iríamos para a sala de ginástica para terminar os cartazes e retornar a nossa conversa da aula anterior. Quando percebi que todos os alunos estavam por ali, disse a eles para irem a sala de ginástica.

Chegando na sala, percebi que os alunos, como na aula anterior, estavam bem agitados, muitos entraram brincando, alguns mexendo com outros colegas, pedi para fazerem a roda, ao qual, como da última vez, demorou um tempo para se formar, quando formada alguns alunos ao invés de sentarem na roda deitaram de barriga para baixo olhando os outros, um menino deitou sobre as pernas de outra menina, pedi para que sentassem direito, alguns que estavam deitados disseram que eles estavam sentados direito, disse para sentarem que não era para ficar deitado, alguns voltaram a posição, outros ficaram ali fingindo que não haviam escutado o que o professor disse, insisti com eles até que se sentaram, porém a conversa estava bastante animada entre eles, pedi para que eles me ouvissem por um momento, para que pudessemos começar a aula.

Insisti para que ficassem quietos para começar a aula, porém, muitos estavam conversando e atrapalhando a aula. Um aluno falou que um outro colega havia sentado sobre sua cabeça, fiquei pedindo silêncio para a turma. Depois de um bom tempo, insistindo, disse que quem não quisesse participar da aula iria voltar

para a sala, ficaria com a professora, por que não era justo atrapalhar a aula de outros alunos que queriam participar, que quem não quisesse participar poderia ficar de fora, sem incomodar os que gostariam de participar.

Reiniciei falando com a sala que iríamos retornar a falar sobre o que havíamos discutido na aula anterior, mas, a sala ainda estava muito agitada, reforcei que os alunos que continuassem a falar e a mexer com os outros colegas iriam sair da aula e não participariam das atividades, o que acabou não resultando em uma melhora significativa. Depois de um tempo insistindo para que ficassem quietos, os alunos foram se acalmando e então pude retornar a conversa, disse que na aula anterior nós havíamos falado sobre indisciplina, fiz a pergunta aos alunos: “você lembram o que é indisciplina? Alguns alunos começaram a responder: “falta de respeito”; “bullying”, outros começaram a falar sobre o respeito ao colega e aos professores, recordando o que era necessário para evitar a indisciplina. Porém, a classe continuava ainda com muitas conversas paralelas, chamei a atenção de dois alunos pedindo para eles saírem da sala, que se não queriam participar que poderiam sair e ficar na sala de aula, ao que um dos alunos chamado Q. disse que queria participar, então falei para ele colaborar, porque ele e o aluno F. estavam atrapalhando a turma.

Depois de conversar com os alunos, acabei repetindo o que eu havia dito anteriormente, para os alunos relembrem o que eles disseram sobre o que era indisciplina na aula anterior. Alguns alunos começaram então a falar e um deles disse:

- “Não saber falar”. Ao qual, eu respondi: “Não saber falar?” Um outro aluno, chamado J. disse que era não respeitar os amigos, então alguns alunos começaram a falar sobre alguns pontos que eles sugeriram na aula anterior: não ter educação, não respeitar os professores. Disse que tem algumas condutas que são difíceis de serem respeitadas, como não mexer com as coisas dos outros, disse isso por que um dos alunos começou a mexer com o material de ginástica, pedi para que o aluno colocasse o material de volta no local, alguns alunos continuaram falando: “falta de educação”, “falta de respeito”, enquanto eu chamava a atenção do aluno que estava mexendo no material.

Alguns alunos ficaram me questionando se iríamos ficar ali conversando, se não íamos brincar, eu disse que estava muito difícil, que enquanto

eu falava os alunos faziam o que não era certo fazer, como mexer nas coisas dos outros.

Retornei dizendo que iríamos estabelecer algumas regras e que seria legal, para que pudéssemos começar a ajudar a resolver o problema da indisciplina, pequei uma cartolina e disse que iria reiniciar com o checklist, disse que o checklist é uma lista com os principais problemas que nos consideramos que a classe tem em relação a questão da indisciplina, disse que iríamos decidir coletivamente e colocar no checklist. Neste momento, os alunos começaram a disser o que pensavam sobre o problema, uns diziam: “falta de respeito”, outros diziam: “falta de educação”, “Gritaria”.

Comecei a escrever na cartolina o checklist, com aquilo que os alunos consideram como principais problemas de indisciplina da sala. Fazia as anotações com as questões que eram mais faladas pelos alunos e perguntava se eles concordavam ou não com o que eu iria colocar, iniciei o checklist com: Falta de educação, falta de respeito. Ao qual, todos concordaram, perguntei o que mais eles acreditavam que precisava ser colocado, muitos começaram a falar a palavra bullying, escrevi a palavra no cartaz, nisto um menino que conversava com outras meninas disse: “homofobia”.

Escrevi homofobia no cartaz e perguntei sobre o que seria homofobia para a classe, o menino que havia dito homofobia, respondeu que é desrespeito com quem era gay, apontei no cartaz e disse se todos concordavam, todos concordaram. Disse que para mim tinha um problema que eles praticavam muito e que eu considerava muito complicado, que eram as conversas paralelas, os alunos disseram que sim, perguntei se poderia colocar este item, eles também concordaram. Repeti o que havia listado no checklist, perguntando se todos concordavam. Na escolha destes temas a classe permaneceu muito agitada, com todos querendo falar e fazendo perguntas quando não entendiam alguma palavra que algum colega dizia.

Perguntei sobre o checklist, se o que apresentava já estava suficiente, alguns ainda tentaram falar o que já estava no cartaz, disse que estava bom o que tínhamos, e que agora nos iríamos passar a falar sobre as regras que iríamos determinar para amenizar os problemas de indisciplina, disse também a eles que problemas eles apresentavam naquele momento e que estava no checklist, um

aluno disse: “conversas paralelas”, e, eu disse que sim, que estávamos tendo muitas conversas paralelas naquele momento.

Tentei começar um novo cartaz, agora sobre quais atitudes poderiam ser tomadas para que nos melhorássemos os problemas que havíamos tendo em relação a indisciplina nas aulas, um aluno que estava ao meu lado começou a dizer: “amizade”. Começaram a falar de forma desordenada e todos juntos, determinamos em um primeiro momento como uma regra primeira, a de levantar a mão para falar, o aluno que havia dito “amizade” ficou insistindo nesta palavra, então eu disse para ele que iria colocar amizade, e, ele me disse que era para melhorar a amizade. Dei um sinal de legal para ele.

Disse para a sala que o aluno J. havia dito que era preciso levantar a mão quanto for falar, nisto o aluno continuou falando: “amizade”, disse a ele que teríamos que definir melhor esta palavra para ela se tornar uma regra. Os alunos continuaram, e, um falou: “não ser competitivo”, e disse a ele que o problema não era ser competitivo, mas sim, quando tomamos a competição como algo exagerado.

Continuaram dando opiniões para escrever no cartaz, muitas coisas foram sendo faladas e coloquei nesta lista três regras: Ser amigável, levantar a mão para falar e obedecer os professores, perguntei se eles estavam de acordo com o que eu havia escrito, mas muitos continuavam fazendo muito barulho quando eu tentava falar, comecei a perguntar se eles concordavam, pedi para que levantassem as mãos para que pudéssemos verificar se eles concordavam com o que estava sendo escrito no cartaz. Acabamos ficando em cinco regras:

Levantar a mão quando for falar, ser educado com todos, ser amigável, obedecer ao professor e não gritar.

Como as conversas ainda estavam atrapalhando, disse a eles para irem para a porta e que iríamos subir para a sala, alguns começaram a reclamar, dizendo que nós não havíamos brincado, disse que estava muito difícil falar com eles e que iríamos conversar na sala, eles foram saindo e começaram a ir para a sala, acompanhei a turma até o retorno a sala, eles foram voltando, mas na sala também continuaram ainda muito falantes.

Pedi para que eles sentassem em suas cadeiras, e tentei começar uma conversa com eles. Disse: “que era já era a segunda aula que nós não havíamos conseguido fazer as atividades de jogos sociomotrizes de cooperação, que

estávamos perdendo muito tempo devido as conversas que dificultavam a realização da aula, a bagunça estava atrapalhando a aula e que somente quando voltávamos para a classe é que eles pareciam diminuir um pouco as conversas, mas que não era isso que eu queria que acontecesse”.

Reiniciei tentando retornar com os alunos sobre o que havíamos discutido na sala de ginastica, felizmente, na sala de aula eles ficavam menos falantes e mais atentos ao que eu dizia, comecei revisando o checklist com a turma, disse que iríamos rever os pontos que havíamos colocado no cartaz e que levantassem a mão se concordavam com que tínhamos escrito, iniciei com: falta de educação, ao qual todos levantaram a mão, menos um aluno que por brincadeira não quis levantar a mão, então perguntei se ele achava que não havia falta de educação na classe, ele ficou resmungando e não respondeu o que eu perguntei para ele.

Continuamos o checklist e quando chegamos na palavra bullying tentei abordar com mais clareza o significado desta palavra, falando com eles sobre esta questão, sobre as dificuldades da pessoa que sofre Bullying e que eles precisavam reconhecer o bullying tanto para que não pratiquem como para que saibam ajudar quando alguém estiver passando por um problemas deste.

Entramos em seguida na palavra homofobia e tentei conversar com eles se eles sabiam o que era homofobia, apesar de já ter abordado este tema na sala de ginástica, retornamos a ele por que estávamos discutindo o que eles haviam escolhido no checklist e também aproveitei este momento para discutir melhor o que eles sabiam sobre o assunto, aproveitando-se do momento de eles terem voltado para a sala de aula, menos barulhentos e mais atentos as conversas que estávamos tendo. Percebi que alguns alunos ainda ficaram em dúvida sobre o que seria homofobia, uma aluna me perguntou o que era isso, disse que era o preconceito contra pessoas que gostavam de pessoas do mesmo sexo, preconceito contra gays e lésbicas, também percebi que minha resposta estava incompleta e que precisaria ser melhorada, mas na correria do momento acabou sendo o que saiu na hora.

Perguntei aos alunos se eles achavam que existia homofobia na sala, devido a eles terem colocado este tema em questão, ao que surgiu uma pequena disputa, uns diziam que “sim” outros que “não”. Mudei então a pergunta dizendo: “Vocês cometem este tipo de preconceito?” continuaram com as discussões entre

sim e não, mas, neste momento um dos meninos se dizia vítima desse preconceito, porque os meninos os chamavam de gay.

Então, direcionei a conversa para este menino, questionando: “Você se sente discriminado, quando te chamam assim?” Ao qual, ele respondeu que sim. Insisti com a classe, dizendo se eles praticavam mesmo tais atitudes de preconceito, muitos responderam que sim, então disse: “Como poderíamos acabar com este tipo de preconceito”. Uma menina, muito apegada ao aluno, disse: “Respeitando o próximo!”

Respondi que ela estava correta, falei com a classe se todos estavam dispostos a seguir o que a aluna havia dito, muitos disseram que sim, porém, uma turma de meninos, disse alto que não, fizeram isso para brincar. Argumentei que o respeito era algo fundamental e que todos deveriam sempre respeitar as pessoas. Uma aluna disse: “É, verdade!”

Pelo horário vi que estava acabando a aula, falei para os alunos que nos retornaríamos as questões que tínhamos discutido na aula e que eu retornaria com os cartazes para colocarmos na sala, em um local que fosse visível, pedi para eles pensarem nos problemas de indisciplina que eles haviam sugerido e que estavam no cartaz, disse que retornaríamos a esta questão na próxima aula, mas, também, que eles pensassem o que seria possível fazer para combater os problemas de indisciplina que eles tinham sugeridos e colocamos no cartaz.

Nisso terminei dizendo: Beleza, pessoal! Na próxima aula continuamos.

Diário de Aula – Intervenção nº 03

Mal entrei na sala de aula, um aluno me perguntou: “Professor, vai ter futebol hoje? Disse, que primeiro: “Bom dia, tudo bem?” Ao que os alunos responderam: “Bom dia!” Retornei ao aluno e disse que não, que nos iríamos retornar ao que tínhamos discutido na aula anterior, o aluno então resmungou: “Que chato!”

Continuei e disse a professora que se encontrava na sala, se poderia colocar alguns cartazes na parede em um local que fosse bem visível, ela gentilmente, respondeu que sim. Agradei e voltei para os alunos: “Pessoal, vocês lembram sobre o que discutimos na aula passada?” Um aluno respondeu: “bullying!” Falei para ele: “E o que mais?” Ele então disse: “Só”.

Olhei para a classe e disse: “Vocês não lembram?” Uma aluna, então, respondeu: “Indisciplina”. “Parabéns!” Eu disse a ela. Continuei: “Vocês na aula anterior definiram um checklist com os principais problemas de indisciplina, vocês lembram?” Alguns responderam que sim. Falei então que nos iríamos recapitular, olhei para a professora e disse que se ela quisesse participar, concordando ou não com o que estava no cartaz, que ela poderia falar.

Abri o cartaz e disse que eu ia repassar o que estava escrito ali, e que nos iríamos ler, para recordar o que tínhamos posto ali. Um aluno entrou então no meio, dizendo: “Nos de novo vamos ficar aqui na sala”, respondi: “Não. Vamos rever e depois iremos sair”. Repeti a primeira frase que estava no cartaz do checklist: “Falta de respeito”. Perguntei então para a classe: “Vocês concordam!” Eles responderam: “Sim!” E você professora, ela me olhou dando um pouco de risada e falou: “Muito! Falta muito respeito nesta turma”.

Continuei: “Falta de educação!” Os alunos então disseram: “Sim!” Continuei com os outros itens que estavam no cartaz: Bullying, homofobia, conversas e brincadeiras paralelas e falta de atenção. Cada vez que eu repetia uma destas frases e perguntava aos alunos, eles respondiam bem alto: “Sim”. Sempre que fazia esta pergunta, olhava para a professora da sala e perguntava se ela concordava, ela concordava em todas as vezes.

Depois de ter lido o checklist, pedi para que um aluno me ajudasse a colar o cartaz na parede, muitos se levantaram querendo ajudar, falei que o aluno G.

iria me ajudar, peguei o Durex e com a ajuda do aluno G. comecei a colar o Durex no cartaz, durante esse tempo a classe começou a ficar mais agitada com muitas conversas paralelas entre os alunos, a professora em um destes momentos pediu para a classe fazer silêncio, depois voltou-se para mim e pediu desculpas, ao qual, eu disse que estava tudo bem.

Coloquei junto com a ajuda do aluno o cartaz em um canto visível da sala, depois retornei e peguei o outro cartaz, este continha as regras que havíamos estabelecidos na aula anterior, ao qual, foi discutido que nós nos comprometeríamos a seguir. Fiz do mesmo jeito que fiz no primeiro cartaz, pedindo para os alunos lerem comigo o que eles haviam sugerido, o que foi colocado como regras para as aulas de Educação Física.

Sempre que terminava de ler alguma das regras dizia para os alunos se seria possível seguir o que havíamos combinado, todos então falavam bem alto: “Sim!” Ao final da última regra lida, fiz uma brincadeira com a professora, olhei para ela e disse: “Tomara! Depois de nos termos lido as regras e discutido um pouco sobre elas, os alunos começaram a ficar impacientes e começaram a questionar se eles não iam sair da classe, disse que iríamos colar o cartaz das regras e que depois nos desceríamos para a quadra.

Eles ficaram insistentes, então fiz questão de lembra-los que agora nós tínhamos regras a seguir e que seria importante que todos ajudassem a seguir para que as nossas aulas ficassem sempre bem organizadas e participativas. Depois de colocado os cartazes e conversado com os alunos pedi para que eles descessem para a quadra e que lá nos iríamos continuar conversando.

Os alunos saíram para a quadra, meio desordenadamente, uns já foram rápido para a porta e ficaram me esperando, outros iam devagar e batendo papo, acelerei a turma e quando a maioria já estava do lado de fora da classe descii com eles até a quadra.

Na quadra, os alunos sentaram na arquibancada e ali, eles começaram a ficar agitados, uns empurravam e alguns meninos começaram a mexer com as meninas, pedi para eles pararem as brincadeiras, uma menina veio e me disse que o menino G. estava enchendo o saco dela, pedi para que o menino parasse de mexer com a colega.

Depois de um tempo organizando a bagunça, falei para os alunos me acompanharem até a quadra, quando lá chegamos pedi para que eles fizessem uma roda, alguns alunos ficaram demorando para entrar na roda, pois, estavam brincando de empurrar um ao outro, falei para eles pararem, por que senão a aula iria acabar e não haveria tempo para fazer a atividade, um aluno disse: “Vai ser futebol!”

Com custo a roda foi formada, precisei falar muito com os alunos para que eles entrassem na roda e parassem com as brincadeiras e conversas paralelas. Quando consegui que ficassem quietos, falei que nos iríamos fazer uma atividade que se chamava pessoa pra pessoa, expliquei que era uma atividade cooperativa, perguntei se eles sabiam o que era cooperação, um aluno respondeu: “Ajudar o outro!” Falei que ele estava certo, mas um aluno entrou no meio e disse: “Só vai ter conversa hoje!”

Acabei não me prolongando muito no assunto, por que percebi que os alunos começaram a ficar mais agitados, e, como eles haviam ficado duas aulas sem nenhuma pratica corporal decidi deixar qualquer aprofundamento mais para a próxima aula. Expliquei as regras da atividade e iniciamos a prática.

No começo os alunos foram bem, participaram com entusiasmo, mas depois de um tempo alguns meninos decidiram sair da atividade e foram se encaminhando para fora da brincadeira, perguntei por que eles estavam saindo, um aluno me respondeu que não queria mais, insisti para ele voltar, mas ele falou que não queria mais, disse que se eles estavam cansados da brincadeira que era para esperar que eu iria mudar de atividade dentro de pouco tempo, que era para eles aguentarem um “pouquinho” que íamos reiniciar uma nova atividade.

Eles não se importaram muito com o que eu disse, e ficaram de fora da atividade, foram para um canto e se reuniram ali, conversando baixinho. Os que continuaram na atividade, mantiveram o entusiasmo. Depois de um tempo, terminei a atividade e disse para os alunos formarem grupos de cinco e que quando formados os grupos eles deveriam formar uma roda.

Começou, então, as discussões sobre quem iria ficar com quem, as vezes, um aluno tentava entrar em um grupo, algum membro do grupo dizia que não, então o aluno vinha até mim para reclamar o fato de ele ter sido excluído do grupo, neste momento, eu ia até o grupo e tentava negociar a entrada do aluno, os

alunos no fim, acabaram aceitando a entrada desses que foram excluídos. Em um grupo, um dos alunos ficou discutindo com o aluno que havia entrado no grupo, mas no fim todos acabaram entrando em acordo.

Expliquei para eles a atividade chamada de nó humano, que consiste em desfazer um “nó” de braços que ficam entrelaçados até a formação de uma roda com o nó desfeito, percebi que eles ficaram interessados com a atividade, começaram com uma certa dificuldade, por que eles não se comunicavam entre eles, queriam desfazer o nó soltando a mão um do outro, o que não era permitido pela regra, deixei que eles ficassem assim um tempo, depois parei a atividade e disse a eles por que eles não conversavam entre si, ao invés de ficar soltando a mão do outro.

Me pareceu que eles acabaram entendendo o que eu queria dizer e começaram a falar e discutir mais entre eles, porém, ainda, apresentavam bastante dificuldade, por que acabavam de novo cometendo o erro de soltar a mão um do outro, nisso comecei a ir até os grupos e dava algumas dicas para eles, depois de um tempo um grupo conseguiu desfazer o nó e comemorou muito.

Os meninos que estavam de fora, quiseram participar, então eu disse que se eles voltassem era para participar sem atrapalhar. Eles então responderam que não iam atrapalhar. Eles acabaram também se empolgando com a brincadeira e realmente se entreterão com a atividade.

Depois de um tempo, pedi para os alunos formarem uma roda, eles então foram parando a atividade, uma aluna me falou que a atividade era “legal!” Agradei, e pedi para ela ajudar a formar a roda. Foi, um pouco complicado coloca-los de novo em roda, por que alguns alunos começaram com brincadeiras paralelas, como correr atrás do outro, ou ficar fingindo que estavam fazendo uma luta.

Precisei chamar várias vezes a atenção da classe, até que conseguisse coloca-los em roda e quando na roda que sentassem para conversarmos, e, mesmo depois, quando estavam na roda e sentados, ainda demorou um pouco para conseguir que eles prestassem atenção ao que eu queria falar.

Perguntei, primeiro o que eles tinham achado das atividades, uma aluna disse que “gostou” e uma outra disse que foi “legal” a brincadeira. Um menino falou que era muito difícil desfazer o nó, por que todo mundo soltava a mão. Falei

que a atividade do nó humano era difícil e que se não conversassem entre eles seria difícil desfazer o nó. Ai ele disse que no grupo dele, eles só queriam puxar a mão do outro.

Depois, fiz uma outra pergunta relacionada a atividade do nó humano, que era: “O que é importante na atividade do nó humano? O que é necessário para que ela dê certo?” Um aluno que não entendeu o sentido do que eu havia dito, disse: “não soltar a mão!” Então perguntei a ele: “O que mais era possível?” Ele não me respondeu à pergunta, ficou me olhando e não disse nada.

Continuei com a pergunta, ao qual, uma aluna disse que para desfazer o nó eles precisavam conversar um com o outro, parabeneizei-a pela resposta, e disse que era preciso de uma palavra que eu havia dito no começo das atividades: “Cooperação!” E, retornei perguntando para eles o que era cooperação? Uma aluna me disse que cooperação era ajudar os outros, um menino pegou e disse que era preciso conversar com os outros.

Também, uma outra menina disse que era ajudar os outros, nisso começou uma bagunça entre os meninos, precisei parar para chamar a atenção deles, mas não resolveu muito, por que continuaram bagunçando, tentei perguntar a uns dos meninos que estava na bagunça o que era cooperação? Ao qual, ele me disse que era “fazer bagunça!”

Respondi que esta resposta que ele havia dado estava errada, que era justamente o contrário, era ajudar um ao outro, nisto alguns meninos que estavam no grupo deste aluno começaram a mexer com o colega dizendo que ele era burro, precisei chamar a atenção e relembrá-los do que era bullying e que eles haviam se comprometido em não praticá-lo mais, por que estava no checklist que eles haviam feito.

Continuaram, então eu disse que na próxima aula nos iríamos estabelecer um “Livro de Infrações” que todos que desrespeitassem as regras iriam para este livro e dependendo do que eles fizessem não poderiam participar da próxima aula. Falei que nós íamos discutir na próxima aula sobre este assunto, mas que agora era para eles ficarem quietos que a aula estava acabando e nós íamos voltar para a sala.

Continuaram ainda com a bagunça, pedi então para que todos fossem ao banheiro e nós voltaríamos para a sala, alguns alunos ficaram reclamando que

eles não tinham feito nada, então respondi que não era o que eles haviam feito, mas que estava na hora de subir, por que o sinal ia bater, então eles insistiam para mim pegar uma bola para eles brincarem, argumentei que já tinha acabado a aula, que era para todos beberem água e irem ao banheiro antes de subir na sala.

Os alunos então foram saindo da quadra e dirigindo-se para os bebedouros e para o banheiro, dei um tempo ali esperando que eles terminassem de beber água e ir ao banheiro, então depois disso subimos para a classe, esperei que todos se acomodassem e disse que na próxima aula, nos discutiríamos sobre o “Livro de Infrações”.

Diário de Aula – Intervenção nº 04

Me encontrei com a professora da sala de aula durante o intervalo, ela me perguntou se estava tudo bem, respondi que sim, então ela me disse que se precisasse de alguma coisa que eu podia contar com ela. Comecei a discutir com ela sobre a classe e disse que havia muitas dificuldades quando ao comportamento dos alunos. A professora confessou que estava sendo muito difícil, os alunos estavam sendo muito indisciplinados e também uma pequena turma estava tendo também muita dificuldades quanto ao aprendizado. Conversamos mais um tempo, até que bateu o sinal, e, eu fui até o encontro da turma para iniciar a aula.

Peguei a turma no pátio e subi com eles para a sala, esperei até que todos sentassem, muitos chegaram fazendo algazarra, como entrar correndo e gritando dentro da sala de aula. Pedi para que se acalmassem que se não ia demorar muito para sairmos da sala de aula, como de costume veio a famosa pergunta: “O que vai ter hoje?” Respondi que continuaríamos com o projeto sobre indisciplina e o mesmo aluno que sempre fazia esta pergunta, também dava sempre a mesma resposta: “É, chato!”.

Como demoraram um pouco para se acalmar, alguns alunos começaram a pedir para sair, eu disse que teríamos que sentar e se acalmar um pouco para que pudéssemos sair, uma aluna começou a pedir para os alunos ficarem quietos, por que senão eles não iam sair, reforcei que era para eles se acalmarem, demorou um pouco, mas, acabaram se acalmando.

Então, comecei a dizer que nós íamos sair e que lá na quadra retornaríamos ao assunto da aula passada, que era a construção de um Livro de Infrações. Esse livro seria usado para que a gente pudesse ter uma maior organização, impedindo que a bagunça atrapalhasse a aula e que também todos teriam que dar ideias para sua formulação.

Falei para os alunos descerem para a quadra e sentarem na arquibancada, dei um tempo na porta para que a maioria se juntasse, e, então, desci com eles, alguns saíram na frente correndo e outros quando passaram pelo bebedouro e banheiro começaram a tomar água e alguns entraram no banheiro, dei uma checada para ver se estava tudo bem. Acompanhei a maioria que estava comigo até a quadra.

Na quadra os alunos foram sentando na arquibancada, esperei um pouco para começar a falar, por que teve alguns alunos que demoraram a chegar, ficaram dando uma “enrolada” antes de ir para a quadra. Acabei chamando a atenção deles, dizendo que se eles demorassem muito a aula ficaria mais curta e poderia não dar tempo de fazer as atividades.

Alguns alunos, os mesmos que chegaram atrasados, começaram a mexer com os colegas e a falar alto, um entrou na quadra e ficou lá no meio, pedi para ele ir sentar, ele me disse se eu ia dar a bola para eles, falei que precisaríamos conversar, ele, então, veio para a arquibancada e ficou resmungando que eu não dava nada e que a aula era chata.

Depois que todos já estavam sentados, precisei chamar a atenção da turma, por que muitos se distraíam com qualquer coisa, ou começavam a falar com o vizinho, ou a xingar algum outro colega, por qualquer motivo banal. Falei que se continuassem assim iríamos voltar para a sala e que ficaríamos lá, e, ao invés de fazermos a atividade prática, iríamos ficar conversando sobre o comportamento deles.

Precisei repetir essas ameaças algumas vezes, até que diminuíram a bagunça, e deu então para começar a conversar com eles, falei para eles irem comigo até o centro da quadra, quando lá chegamos pedi para que formassem uma roda, o que precisou que eu intervisse com novas ameaças de voltar para a sala, por que um menino começou a correr atrás de outro menino, como em um pega-pega, precisei ir até eles e ameaçar que iria coloca-los sentados e eles não mais participariam das atividades.

Formada a roda disse que nas aula anteriores nós havíamos discutido sobre o problema da indisciplina e como faríamos para tentar resolvê-la ou amenizá-la, reforcei que tínhamos feito o checklist e colocado as regras que havíamos de seguir na parede, perguntei se todos se lembravam, eles disseram que sim, mas o menino que corria atrás do outro, gritou: “Não!”. Falei: “J. você não lembra do que falamos nas ultimas aulas? Ele começou a dar risada e não respondeu nada, perguntei então a uma menina que era a mais participativa da sala, se ela lembrava o que tínhamos discutido, ela respondeu que era sobre a indisciplina, ai olhei para o J. e disse: “Tá vendo! Parabéns R.!” Ela sorriu.

Tentei iniciar a discussão na roda de conversa, mas estava muita bagunça e conversas paralelas, chamei a atenção dizendo que nós havíamos construído um conjunto de regras, mas que ninguém parecia estar querendo cumprir, e, assim, ficaria difícil realizar as atividades, teríamos que passar a ficar na sala discutindo o comportamento deles até melhorarem, para só depois descermos para a quadra, alguns alunos começaram a pedir para que os que estavam fazendo bagunça ficassem calados, estes retrucavam dizendo que eles eram chatos, ou faziam xingamentos aos outros colegas.

Então, disse que era para todos levantarem, que voltaríamos para a sala, neste instante, todos começaram a falar que não, que eles iam parar, falei que daria esta chance e mais nenhuma. Pedi para sentarem na roda, alguns já estavam sentados, mas alguns alunos ficavam levantando e saindo do lugar, mas, depois acabaram sentando.

Comecei a dizer que nos iríamos estabelecer um Livro de Infrações é que quem descumprisse não participaria da próxima aula, perguntei para eles o que poderia ser colocado como infração e quantas infrações seriam necessárias para ficar fora da próxima aula, perguntei o que seria uma infração, uma aluna respondeu que era quando não fazia o que o professor mandava, disse para ela que também seria isso, mas o que mais poderia ser definido como uma infração, ela então respondeu: “Faltar com respeito!” Outros começaram a entrar no meio dizendo: “Brigar”, “Bater”, “Xingar”, “Não respeitar o professor”.

Pedi para que um falasse de cada vez, e, que, como havíamos colocado nas regras que levantassem a mão antes de falar, vários levantaram a mão juntos, pedi a um menino que estava mais próximo de mim que falasse, ele então disse que era desrespeitar o professor. Fui até outra aluna e perguntei para ela o que era uma infração, ela falou: “Ser sem educação”, continuei com outro menino que falou que era xingar.

Ouvi ainda mais algumas opiniões dos alunos e a grande maioria se referia a falta de respeito e a xingamentos, neste instante, fui até a minha bolsa, por que na correria esqueci de pegar o caderno (um brochura pequeno), voltei com a caneta e o caderno. Falei para os alunos que quem cometesse falta de respeito com o professor ou com outros alunos teria o nome colocado no caderno e se houvesse

alguma ou briga que também escreveria o nome de quem participou no caderno, perguntei se eles concordavam, a grande maioria concordou.

Reforcei se alguém estava contra ao que eu disse, mas ninguém se manifestou, perguntei quantas infrações deveriam ser cometidas para que o aluno ou alunos ficassem sem a próxima aula, uma aluna disse que somente uma vez, outro falou que duas estava bom, mas, um menino que estava sempre agitando a turma, gritou: “Mil!”

Perguntei se também havia infrações leves ou graves, um aluno respondeu que: “Sim, tinha sim.” Então falei: “Quais são leves e quais são graves?”, ele ficou me olhando e pensando, olhando para o teto, respondeu: “Não sei!” Alguns amigos começaram a dar risada, ele então se irritou e começou a querer a brigar com um colega que estava perto dele, pedi para parar, fui e perguntei a este menino que estava perto: “E, você? Tem infração grave ou não?” Ele disse que sim, que bater era grave, mas empurrar não era, então argumentei: “E se machucar?” Ai, ele me falou que sim, que machucar não podia. Um aluno entrou no meio e disse que as vezes era sem querer. Olhei e perguntei: “Sem querer, pode machucar?” Ele ficou pensativo e disse: “Acho que não!”

Como eles começaram a ficar agitados, por que estavam ali parados, começaram a conversar e a pedir para brincar, percebi que logo eles iam começar a não mais prestar atenção e começariam a bagunçar, então para ser rápido disse para eles que quem tivesse o nome no caderninho três vezes ou que fizesse alguma coisa muito grave, não iria participar da próxima aula, pedi para levantar a mão quem concordasse, a grande maioria concordou, somente alguns alunos que estavam mais distraídos não levantaram a mão, reinforcei a pergunta para eles e eles fizeram que sim.

Terminei dizendo que “estávamos combinado”, um aluno entrou no meio e disse: “Professor, não vai ter nada!” Falei que ia explicar a atividade para eles agora e que começaríamos, mas que eles precisavam ficar quietos para ouvir o que eu ia dizer, fizeram que sim, que iriam prestar atenção, mas um grupinho de meninos já se mostravam agitados, pedi então para que formassem duplas, expliquei que a brincadeira chamava passeio grudado, que eles tinham que formar duplas um de costas com o outro e o braços cruzados e que não poderiam soltar,

usei um aluno como exemplo de como deveriam fazer na atividade e eles foram então formando os grupos.

A atividade consistia em um passeio “grudado”, em que o objetivo era passear pelos locais indicados pelo professor sem soltarem os braços, primeiro pedi para eles irem do meio da quadra até o fim e voltassem, eles então começaram a atividade, uma menina que ficou ali, sem se preocupar com a atividade, veio até mim e disse que estava sem parceiro, falei que iria arrumar um parceiro para ela, que era só deixar eles voltarem que eu arrumaria um parceiro para ela participar, ela falou que ninguém queria ir com ela, pedi então que ela esperasse que eu iria arrumar um parceiro para ela.

Quando voltaram pedi para aumentarem para três, fui até um grupo e falei que iria colocar a aluna L. com eles, ficaram então reclamando que não queriam ela, perguntei o porquê e eles me disseram que ela só briga e que era muito chata, disse para eles que ela ia se comportar e que se ela fizesse alguma coisa eu conversaria com ela, ficaram reclamando falando que não, ai reforcei que eu olharia ela, neste instante, a menina começou a recusar de participar daquele grupo, falando que não iria mais.

Insisti para ela ir, mas ela não quis ir, pedi para ela ficar do meu lado que eu arrumaria um grupo para ela, mas ela ficou falando que ela não participaria, alguns começaram a se manifestar que não queriam que ela fosse com eles. Um princípio de briga iniciou, com xingamentos da aluna a outros grupos, pedi para pararem e argumentei que todos tem que participar, que se a aluna L. fizesse alguma coisa nos pararíamos a atividade e conversaríamos com ela sobre o que havia acontecido. Nisso, ela foi para o canto e não quis mais brincar, enquanto os outros alunos ainda ficavam falando que ela não sabia brincar e que só queria bater nos outros.

Esta menina era uma criança com muitas dificuldades quando ao comportamento, com muita reclamações dos professores, dei início a atividade mostrando um percurso que eles deveriam fazer, então eles reiniciaram a atividade, aproveitei o momento e fui até a aluna, perguntei: “Você não vai participar?” Ela respondeu que não queria, que a classe era muito chata, argumentei que ela poderia participar, mas que se parasse de ficar brigando com a turma, eles parariam de

implicar com ela, me disse então que todos eram chatos e que não queria mais participar, falei: “Vamos, participar, sim! E só não ficar brigando!”.

Dei um abraço nela, e quando chegou os outros grupos pedi para um grupo onde estavam algumas crianças que eram mais bem comportadas que deixassem ela entrar, eles ficaram resmungando, mas eu disse que eu ficaria olhando, acabaram aceitando que a menina entrasse no grupo, pedi para ela entrar no grupo, ela foi, e, reiniciei a atividade.

Percebi que ela participou bem das atividades e que todos estavam gostando, repetimos ainda mais algumas vezes, até que pedi para os alunos formarem uma roda novamente, para conversarmos, notei que demorava muito tempo discutindo com os alunos e tentando organizá-los, o que deixava a aula com pouco tempo para as atividades corporais, pensei que precisaria arrumar uma maneira de resolver este problema.

Eles ficaram perguntando se “ia ter outra atividade”, então eu disse que não, que já estava na hora de subir para a sala, começaram então a reclamar. Falei que era para eles formarem a roda para conversarmos, eles ficaram resmungando e começaram a ficar mais agitados, consegui que formassem a roda, mas na roda ficaram conversando e mexendo com os amigos. Falei para eles sentarem, que eu iria conversar com eles, um menino olhou para mim e disse: “De novo!” Respondi: “De novo!”

Eles sentaram, tentei começar a conversa dizendo que todos tem direito a participar das atividades, que ninguém deveria ficar de fora, por que é importante que todos participem, um aluno então disse: “Que a L. não participou por que não quis”. A aluna falou que ele não sabia de nada que era um tonto, falei para ela parar, que não adiantava ficar ofendendo uns aos outros que isso não ajudava em nada. Perguntei se ela gostaria que alguém a ofendesse, ficou me olhando e não disse nada.

Continuei que na próxima aula todos deveriam participar e que conversaríamos mais sobre isso, perguntei se eles notaram algum caso de indisciplina durante a aula, a maioria disse que “tinha percebido.” Perguntei, então, quais eram estes casos, um aluno disse que era bagunça e outro que era conversa, uma menina, então, falou que os meninos não tinham respeito e foi vaiada por eles.

Continuei questionando se a indisciplina era um problema que prejudicava a aula, quase todos disseram que sim, argumentei que deveríamos prestar mais atenção a isto, para que a gente pudesse ter aulas melhores. Depois questionei sobre o Livro de Infrações se todos estavam de acordo e achavam que era certo, a aluna R. falou que sim e que na primeira já deveria ficar de suspensão, os meninos ficaram então provocando. Ela, pedi para que eles parassem. Apontei para um aluno que estava provocando a aluna. Disse: “E você? Concorde?” Ele olhou para mim e disse: Não sei!” retruquei: “Não sabe?” Ele me falou “não sei” e ficou me olhando com cara de bravo.

Disse que a partir das próximas aulas o Livro de Infrações começaria a valer, olhei para a hora e vi que estava perto do sinal, pedi para irem ao banheiro e beberem água, acompanhei-os e depois subi com a turma, parei em frente a porta da classe, vi que a professora estava lá dentro, ela perguntou se estava tudo bem, disse que sim, os alunos foram entrando, dei uma olhada para ver se a maioria estava ali, nisso o sinal tocou me despedi da professora e dos alunos e descii, observando se não havia deixado ninguém para trás.

Diário de Aula – Intervenção nº 05

Cheguei na sala e percebi que a classe se encontrava bem agitada, eles estavam fazendo uma atividade que a professora propôs, relacionada a matemática, ela estava passando algumas contas de somar e os alunos iam com ela respondendo. Pedi licença e ela perguntou se ela podia tomar um pouquinho da aula, disse que sim, fui para um canto e sentei em uma cadeira, fiquei a partir daí observando o comportamento da classe.

A professora fazia as perguntas aos alunos relacionadas a adição, eles ficavam muito agitados, querendo responder. A professora pegava, às vezes, um aluno que estava um pouco mais perdido com a conta e chamando-o pelo nome perguntava o resultado que daria aquela soma, levaram neste tempo aproximadamente uns dez minutos.

A professora, me pediu desculpas por ter tomado um pouco da minha aula, falei que estava tudo bem. Depois voltei-me para os alunos e perguntei se estava tudo bem com eles, então gritaram bem alto: “Sim!” Respondi que era uma ótima resposta, um aluno entrou no meio e disse: “Professor, não vem não, hoje vai ter bola”. Disse que iríamos descer para a sala de ginástica que íamos fazer uma atividade lá.

Uma menina ficou curiosa: “O que vai ser?” Fiz um charme e disse que lá ela ia saber, o aluno que me questionou, foi falando que ele não ia participar, falei que tudo bem, mas que se ele não participasse teria que ficar na classe, ele me olhou e disse que não ia ficar e que ia pegar a bola quando chegasse na quadra, respondi que ninguém ia pegar a bola, por que não iríamos para a quadra, mas sim, para a sala de ginástica para fazer a atividade, ficou emburrado e foi sentar em uma cadeira mais longe.

Outra menina insistiu na pergunta: “O que vai ter hoje na aula?” Respondi que faríamos uma atividade com balões, ela começou a gritar: “O que, o que?” Respondi que lá na sala de ginástica eu iria explicar melhor, mas ela ficou insistindo na pergunta, também percebi que alguns meninos da sala estavam agitados, ficavam falando com seus colegas e mudando de carteira, um menino foi e mexeu com outra menina.

Pedi para eles organizarem-se do lado de fora da classe para que nós pudéssemos descer para a sala de ginástica, fui até a porta e fiquei esperando todos ficarem juntos, a menina que insistia na pergunta ficou próximo de mim e perguntava da atividade, me pediu uma bexiga, disse que na sala eu daria.

Chegamos na sala e os alunos entraram correndo e pulando, dei um tempinho para que todos chegassem, alguns entravam na sala e tiravam os sapatos, colocando-os em um canto, falei para eles colocarem os sapatos de volta, mas eles insistiram para ficar sem, respondi que tudo bem, mas que eles tinham que guardar certinho, por que senão poderiam sumir e eles iam ficar sem.

Esse dia percebi que a classe estava bem agitada, muitos estavam correndo dentro da sala de ginástica, os meninos brincando de luta entre eles, e as meninas conversando entre elas, alguns meninos vinham e entravam no grupo das meninas com a intenção de participar da conversa. Tentei reuni-los para formar a roda, mas eles, bem desatentos, precisei chamar a atenção deles várias vezes, mas eles pareciam não se importar, fiquei pedindo para formarem a roda e eles pulando e conversando alto.

Acabei tendo que falar também muito alto chamando a atenção de alguns que não paravam de correr dentro da sala, fui até a minha bolsa e peguei o caderninho com uma caneta e falei que agora ia começar a marcar o nome de quem ia voltar para a sala, continuaram na bagunça, ameacei mais algumas vezes e fui pegando alguns alunos pelo braço, pedindo para eles formarem a roda, uma menina pediu para que parassem, por que o professor queria falar, ela pegou e me disse: “Manda para o diretor, professor!” Respondi que se continuassem assim voltaríamos para a sala de aula.

Demorou um bom tempo até que todos formassem a roda, precisei chamar a atenção várias vezes, até que eles ficassem calmos e formassem a roda, depois dela formada pedi para eles sentarem, comecei falando se eles não lembravam da última aula, que quem fizesse algo que não fosse de acordo com as regras não iria participar da próxima aula. Um aluno ficou mexendo com outro aluno, pedi para ele parar, ele continuou, precisei chamar a atenção dele novamente e ele começou a querer me enfrentar respondendo com pouca educação tudo que eu dizia a ele.

Abri o caderninho e fiz que ia escrever o seu nome, ele falou que ia parar, falei que se ele continuasse, iria por seu nome no caderninho e ele não poderia participar da próxima aula, acabou ficando um pouco mais quieto. Depois disso, quando todos estavam já sentados na roda, falei que nós iríamos conversar sobre indisciplina e a Educação Física, um aluno começou a reclamar: “A gente não faz nada! Só fica conversando!”

Argumentei que iríamos conversar um pouco, mas que depois faríamos a atividade, mas ele ficou resmungando, que era só conversa na aula e que não tinha nada para fazer. Tentei justificar que íamos fazer a atividade, que era para ele esperar um pouquinho, que começaríamos em breve. Perguntei para a classe se eles sabiam o que era jogos cooperativos, um aluno entrou no meio e respondeu: “É futebol!” Algumas meninas que estavam perto começaram a rir dele, ele olhou e ficou intimando as meninas que começaram a provoca-lo dizendo que ele não sabia nada. Ele ficou retrucando o que elas diziam, e, elas tentando tirar sarro dele, intervi e disse que era para eles pararem, que se continuassem a brigar não teria mais a atividade e colocaria os nomes deles no caderninho por descumprirem as regras que tínhamos estipulado.

Perguntei, se eles lembravam que na última vez, nós havíamos criado um Livro de Infrações e tínhamos combinado que quem fosse chamado a atenção por não cumprir as regras teria o nome no caderninho e ficaria sem a próxima aula, alguns falaram que lembravam, uma menina pediu para colocar o nome do aluno J. Perguntei por que ela queria colocar o nome dele, ela disse que era por que ele era muito chato.

Respondi que isso não era motivo para ele parar no caderninho que teria que ser algo que fosse contra as regras e não somente por que o aluno era chato. Ai, ela pegou e falou para mim que o menino era chato por que não cumpria as regras, que só fazia bagunça. Virei para o aluno que estava sendo chamado de chato pela menina e perguntei: “Por que você não para e tenta ser amigo da R.?” Ele ficou bravo e disse que ela era muito chata.

Acabei tendo que parar a conversa com o aluno, deixando o assunto pendente, por que a classe retornou a bagunça, começaram a falar alto e saíram do lugar para conversar ou mexer com outros colegas. Acabei chamando a atenção deles, ameaçando de voltar para a classe se eles não parassem com a bagunça.

Deu um tempinho e eles se acalmaram, perguntei de novo se eles sabiam o que era jogos cooperativos, uma aluna respondeu que era quando um ajudava o outro, respondi que ela estava certa, tentei chamar a atenção de um aluno que estava distraído para mim, fiz a mesma pergunta para ele, acabou respondendo igual a menina que era quando ajudava o outro, disse para ele que a resposta dele tinha sido “legal!”

Comecei a explicar o que eram jogos cooperativos e o porquê da sua importância, mas precisava parar no meio do assunto para chamar a atenção da classe, eles não estavam prestando atenção em mim e eu ficava tentando falar com eles, mas estava difícil estabelecer uma relação de diálogo.

Tentei fazer perguntas para alguns alunos sobre o que eu havia falado, alguns responderam outros apenas ficaram me olhando e não respondiam as perguntas, continuei fazendo algumas perguntas, mas, eles me respondiam sem muito interesse, uma aluna entrou no meio e disse com voz meiga: “Vamos brincar!” Argumentei que eu queria que eles brincassem, mas que estava muito difícil conversar com a classe, outros alunos também começaram a insistir que queriam brincar, acabei concordando com eles.

Peguei o pacote de bexigas e todos ficaram alvoroçados, ficavam tentando chamar a atenção para mim entregar a bexiga para eles, falei que primeiro eu ia explicar a atividade e que depois eu entregaria a bexiga, mas eles ficaram insistentes, disse que eu entregaria as bexigas, mas que quem estragasse eu não daria outra.

Pedi para eles encherem as bexigas, fui explicando a atividade e ajudando os que não conseguiam dar nó na ponta da bexiga, realizamos uma atividade chamada “mantendo os sonhos no ar” que consistia em jogar as bexigas para cima, os alunos deveriam tentar manter a bexiga no ar o mais tempo que fosse possível sem que ela caísse no chão.

Começaram a atividade muito animados, pareciam estar gostando bastante da brincadeira, entrei também no meio com uma bexiga e comecei a participar juntos, foi muito divertido. E, eles se empolgaram bastante, ficaram um bom tempo brincando entusiasmados e distraídos com a atividade.

Quando deu o tempo da atividade, pedi para eles sentarem na roda e segurarem as bexigas, perguntei se tinham gostado da brincadeira, todos disseram

que sim, e pediram se não poderiam brincar mais um pouco, reparei que o tempo já estava meio apertado e acabei dizendo que se desce tempo a gente faria mais uma rodada.

Comecei a falar que aquela atividade era uma atividade cooperativa, por que todos tinham que colaborar um com o outro para que as bexigas não caíssem no chão, perguntei aos alunos se eles tinham ajudado um ao outro para que a bexiga não caísse, a aluna R. me disse que não, perguntei o porquê deles não ajudarem, ela me respondeu:

“Uns meninos ficavam chutando a bexiga e então ela caia no chão.”

Outro aluno respondeu que sim, que ele tinha ajudado, elogiei a sua atitude e dei parabéns, disse que o importante seria que todos deveriam trabalhar para manter as bexigas no ar o mais tempo possível. Nisso, ouvi o estouro de uma bexiga, alguns tomaram um susto outros começaram a dar risada. Olhei tentando achar quem havia estourado a bexiga, mas não precisei procurar muito por que os alunos começaram a acusar o menino que tinha estourado o balão e ele começou a dar risada e a falar que tinha sido sem querer.

Pedi para eles não estourarem as bexigas porque poderíamos usar de novo, então percebi que um grupinho começou a dar atenção para um aluno, perguntei: “O que foi?” Acabei de fazer a pergunta e já reparei o que estava acontecendo, um aluno pegou a bexiga e colocou-a por dentro da camisa e ficou imitando uma mulher como ela estivesse grávida, perguntei para ele: “Que foi, G.?” Ele respondeu: “Tô grávido!” Os alunos começaram a dar risada, pedi para ele guardar a bexiga, ele então começou a brincar: “Meu nenê!” Disse a ele: “Que legal, mas guarda a bexiga agora, depois você brinca com ela.” Ele fingiu que não escutou. Pedi para ele prestar atenção no que eu ia falar, que era para ele guardar a bexiga, que depois ele poderia ficar com ela, mas que agora eu queria que ele ficasse quieto para que eu pudesse falar, acabou parando de brincar e ficou com a bexiga na mão fingindo que não estava prestando atenção em mim.

Tentei retornar a conversa para o assunto dos jogos cooperativos, perguntando se eles achavam importante trabalhar coletivamente, a maioria respondeu que sim. Continuei perguntando se eles achavam importante esse tipo de atividade em que um tem que ajudar ao outro para atingir um objetivo, uma aluna me respondeu que sim, que era importante trabalhar em equipe, perguntei: “Por que?”

ela respondeu que era por que “um podia ajudar o outro”, argumentei que era mesmo importante um ajudar o outro, perguntei se eles achavam que a Educação Física poderia ajudar a combater a indisciplina, a maioria respondeu que sim, perguntei para um aluno que respondeu sim, por que ele achava aquilo, ele falou que “na Educação Física tem coisas legais.”

Busquei dar continuidade a conversa, porém o grupo começou a ficar um pouco agitado e falante, tentei chamar a atenção de alguns que estavam com conversas paralelas, mas percebi que eles não queriam mais conversar sobre os assuntos que estavam sendo tratados na roda de conversa, não estavam mais prestando atenção. Insisti em chamar a atenção do grupo, mas não adiantou muito, falei que voltaríamos para a classe, ao que alguns começaram a falar: “Não, professor!”

Argumentei que estava na hora de acabar a aula, uns começaram a pedir se eles poderiam ficar com a bexiga, disse que sim, mas que era para eles tomarem cuidado para não estourar a bexiga, porque não havia mais nenhuma para dar. Uma menina veio até mim e perguntou se teria outra aula com bexiga, por que ela queria outra aula assim, acabei dizendo que “iria ver”, falei que eu tinha ficado contente por ela ter gostado da aula.

Pedi para os que estavam descalços colocarem os sapatos, por que voltaríamos para a sala, falei para todos se organizarem para sairmos, fui até a porta e pedi para saírem devagar, que fossem ao banheiro e tomassem água, saímos e alguns alunos ficaram um pouco mais para trás, estes estavam “enrolando”, tentando demorar para entrar na sala, voltei até onde eles estavam e pedi para irem rápido, por que ia bater o sinal, e a professora estava esperando por eles na sala, comecei a acompanhá-los, mas eles andavam devagar fingindo estar com sono e com preguiça, tentei acelerá-los, mas eles continuaram devagar, por fim subi até a sala, cumprimentei a professora, esperei um tempo até que todos chegassem, expliquei para a professora das bexigas e perguntei se eles podiam ficar com as bexigas. Ela me respondeu que sim, que não havia problema, agradei, me despedi dos alunos e sai.

Diário de Aula – Intervenção nº 06

Eu tinha como objetivo para a próxima aula, organizar com os alunos um mural com frases que poderiam ajudar a combater ou a conscientizar sobre o problema da indisciplina, nós iríamos discutir os problemas de indisciplina vivenciados por eles e depois faríamos frases que ficariam expostos em um local onde todos poderiam ver.

Conversando com a coordenadora sobre isso, ela deu a sugestão dos alunos fazerem as frases, e, depois nós montaríamos em um estrutura que seria usada por uma professora para uma apresentação de Dança. A professora de dança estava ensaiando para uma apresentação que ocorre todo o final de ano na escola, e na sua apresentação havia uma estrutura móvel que ela iria usar com as crianças durante a dança.

A coordenadora achou interessante colocarmos estas frases nesta estrutura que poderia ser visto durante a apresentação e depois ficaria exposta em um local onde as crianças passam como mais frequência, em um corredor de acesso a ala onde são realizadas as aulas do período complementar, concordei com a ideia e ao falarmos com a professora de dança, ela também achou a ideia muito boa.

Para a aula, a coordenadora, que é professora de arte, fez os moldes, onde seriam escritas as frases, este mural acabou se tornando um mobile, onde as frases ficavam presas por cordinhas, uma debaixo das outras, e, dava um aspecto visual mais bonito.

Na aula, cheguei com os moldes e uma aula que estava na primeira fila, me perguntou o que era aquilo, disse que era para uma atividade que nós faríamos, ela ficou curiosa e ficou perguntando que atividade seria, falei que, eu já explicaria, coloquei o material em cima, na mesa da professora, e, fui dar bom dia aos alunos.

Um aluno perguntou o que nós íamos fazer e outro aluno veio até a mesa pedindo se podia ver o que era aquilo, pedi para ele sentar de volta que eu iria explicar para que eram aqueles materiais, ele me perguntou se era de escrever, por que se fosse de escrever ele não participaria, por que hoje ele queria jogar basquete, começou a falar que “todo dia só fica conversando e não faz nada.” Tentei

argumentar que estávamos realizando um projeto sobre a indisciplina. Ele, porém, saiu resmungando e falando que não ia participar, nesse momento, disse que tudo bem que ele não participasse, mas, se não participasse ele não poderia descer para atrapalhar os outros, a professora que estava na classe, disse que se eu quisesse, que eu poderia deixar os mais bagunceiros na sala, por que eles estavam faltando muito com o respeito.

Disse que não seria uma má ideia, por que, quem não quisesse participar poderia ficar, e, assim não atrapalharia os outros que queriam participar, falei isso no “calor da hora”, mas em seguida fiquei meio arrependido do que eu havia dito, por achar que talvez aquilo que eu disse não fosse muito apropriado. Enfim, continuei, procurei dar uma explicação aos alunos do que aconteceria na aula, antes de descermos para a sala de ginástica.

A classe estava bem agitada com todos conversando alto e saindo do lugar, alguns saíam da cadeira para mexer e brincar com outros colegas, outros somente para conversar com os colegas que não estavam próximos. Pedi para eles sentarem, falei que se eles não sentassem, demoraria mais tempo para sairmos da sala e nossa aula ficaria mais curta, mas eles continuavam falando, tentei começar a explicação e enquanto eu estava expondo o que iríamos fazer, alguns alunos começaram a reclamar, tentei conversar com eles, mas, eles ficavam falando que não iam participar.

Comecei a dizer que todos deveriam participar, por que era importante discutir a indisciplina, principalmente, por que a indisciplina também era um problema que havia na sala, falei que a maioria da sala estava comportando-se de maneira indisciplinada, e, que com isso ficaria difícil realizarmos qualquer tipo de atividade, percebi que com as recusas e o barulho das conversas paralelas, eu estava meio sem saber dar uma resposta exata ao problema, me senti um pouco atordoado pela situação, comecei então a falar sobre a indisciplina, mas este falar acabou que se tornando um “sermão”, os alunos acabaram ficando quietos, mas, era perceptível que eles estavam quietos, mas pouco interessados no meu discurso.

Depois que falei sobre a importância da disciplina para a classe e o quando a indisciplina atrapalhava nossas aulas, uma aluna entrou no meio e me disse: “A gente não vai sair, professor?” Confesso que aquilo me irritou um pouco, tentei argumentar que eu estava querendo sair, mas, que quem não queria sair eram

eles, por que não paravam de falar e que por causa disso, eu tinha que ficar na sala falando sobre a indisciplina deles.

Perguntei a mesma aluna: “Você não acha que a classe é muito indisciplinada? Ela fez que sim com a cabeça e sugeriu que eu mandasse para a diretoria, argumentei que ninguém precisava ir para a diretoria, que nós poderíamos resolver nossos problemas conversando na sala. Ela, então, falou que não adiantava que os meninos não paravam de falar, chamei pelo nome um destes meninos e perguntei se ele achava que só resolveria mandando para a diretoria, ele em vez de responder falou que as meninas também bagunçavam, que não eram somente eles.

Acabei dizendo que todos bagunçavam, mas, era por que ninguém queria seguir as regras que eles próprios haviam estabelecido, fui até o cartaz das regras e disse: “você não colocaram esta regras para a gente seguir?” Alguns alunos responderam que sim, então, eu disse: “Vamos todos rever as regras que combinamos, o que está escrito aqui: “Respeitar a todos!”

Então, eu disse: “Vocês fazem isso?”

Uma aluna que estava mais próximo de mim disse: “Não!”

Perguntei: “Por que não?”

Ela falou: “Por que ninguém respeita os outros na sala”.

Olhei para um aluno que estava conversando e perguntei se ele também pensava assim, ficou olhando para mim e disse que não, que somente alguns eram assim. Perguntei o que seria possível fazer para melhorarmos o respeito na sala, ele baixou a cabeça e disse: “Não sei!” Continuei:

“E você R. você sabe o que fazer para ter mais respeito na sala?”

Ela começou a dizer que todos deveriam ser mais amigos e que não deveriam fazer tanta bagunça. Olhei para a sala e perguntei se eles concordavam, eles disseram que sim, que concordavam. Argumentei que seria legal se todos seguirem esta regra, pois, se todos nos começássemos a nos respeitar ficaria mais fácil nossa convivência e as nossas aulas seriam mais produtivas e todos acabariam ganhando.

Eles acabaram ficando quietos, forcei ainda uma última pergunta para dar ênfase ao que eu havia dito, e disse: “E aí? vamos respeitar o nosso próximo?” Eles responderam: “Sim!” Disse que queria ver se o que eles estavam falando era verdade, que agora eles podiam descer para a sala de ginástica para fazer a

atividade, e, que na atividade eu poderia comprovar se eles seguiriam realmente a regra do respeito ao próximo que havíamos combinado.

Pedi para eles se organizarem na porta para descermos, eles foram saindo e formando uma fila do lado de fora da sala, descemos para a sala de ginástica e quando chegamos lá falei para formarem uma roda, começou então a dificuldade de sempre, eles entravam correndo e brincando, precisei pedir algumas vezes para eles pararem de correr na sala, fui organizando a roda, até que todos ficassem e sentassem na roda para ouvir o que eu estava falando.

Quando consegui que todos se sentassem, os alunos começaram com conversas paralelas, que estavam atrapalhando a explicação da atividade, sai da roda e fui até minha bolsa, peguei o caderninho (Livro de Infrações) e voltei com ele no meio da roda, disse se eles lembravam que quem não respeitasse as regras iria ficar sem aula, responderam que sim, então eu disse que estava de olho e que agora eu marcaria os nomes e a infração, e, que quem fosse para o caderninho, nos iríamos conversar depois.

Acalmaram um pouco, pude então explicar que a atividade consistia em discutir os principais problemas de indisciplina, tanto na sala como na escola, e, que depois escreveríamos nas folhas sobre que atitudes podem ajudar a combater ou a prevenir a indisciplina, perguntei para uma aluna, qual, o principal problema de indisciplina que ela achava que havia na sala ou na escola. Ela me respondeu que era a bagunça, e devolvi com outra pergunta: “Qual seria a solução para este problema?” Ela respondeu que seria obedecer o professor, falei que o respeito ao professor era importante, mas que também deveria haver respeito com todos, inclusive dos professores com os alunos.

Ela concordou, lancei então a pergunta na roda, os alunos começaram a responder. Um menino disse que era o bullying, o principal problema, outro que era a falta de educação e as respostas foram surgindo: falta de respeito, falta de educação, bullying, homofobia, falta de educação com o professor.

Precisei acalmar os alunos, por que todos estavam respondendo de uma vez e estava difícil escutar a todos juntos, pedi calma, e fui perguntando individualmente.

“J. e para você qual o principais problemas de indisciplina?”

“Falta de respeito e de educação”.

“A. e você?”

“Desrespeito aos professores”.

Bem e agora as soluções: “L. o que pode ser feito para combater a indisciplina?”

“Não fazer bullying”

“Você acha que tem muito bullying na escola?”

“Sim, tem bastante”.

E, você M. o que você acha?”

“Não fazer homofobia”.

“Tem muita homofobia na escola?”

“Sim, os meninos fazem bastante”

“Você acha isso certo?”

“Não, as pessoas não podem fazer isso, tem que respeitar”

“Legal, vocês concordam?”

“Sim!” Responderam.

Continuei: “Então agora vamos fazer pequenos grupos e escrever frases que podem ajudar a conscientizar sobre o problema da indisciplina. Beleza!”

Pedi para eles formarem pequenos grupos, quando se organizaram em grupos distribuí as folhas com algumas canetinhas, pedi para eles conversarem e escreverem as frases que eles achavam que poderiam ajudar a combater a indisciplina. Distribuí o material, passei pelos grupos que na maioria das vezes me perguntavam se a palavra era escrita daquele jeito que eles haviam colocado no papel.

Um grupo dos que, continham apenas meninos, começaram depois de um tempo a brincar, saindo dos grupos e correndo pela sala, fui chamar a atenção deles e pedia para eles voltarem de novo a formar a roda, eles voltavam, mas depois de um tempo retornavam a correr pela sala, precisei ameaça-los dizendo que não iriam participar mais, eles então voltavam pegavam as canetinhas e começavam a escrever de novo.

Os mesmos alunos tentavam a toda hora correr na sala, peguei o caderninho e registrei o nome deles, alguns vieram dizendo que iam parar, falei que agora não adiantava e que eu já tinha falado com eles, mas eles não pararam. Um aluno me disse que não estava nem ai, respondi que tudo bem, mas que ele não ia

participar nem agora e também não participaria da próxima aula, ele fez que não ligava levantando o pescoço para cima e para baixo, pedi para ele sentar em um canto da sala e ficar ali até acabar a aula.

Depois de um tempo, recolhi o material e pedi para os alunos fazerem a roda de novo, falei que ficaria um mobile muito bonito com o que eles haviam escrito e que depois eles, a tarde, montariam com a ajuda da coordenadora, o móbile. Estava no fim da aula, perguntei na roda se eles achavam que as frases podiam ajudar, a maioria respondeu que sim, somente o grupo de meninos gritou que não. Perguntei: “Não?” Eles então ficaram quietos e não falaram nada.

Pelo horário percebi que não daria mais para continuar a conversa, pedi para eles formarem a fila na porta para que a gente pudesse beber água, ir ao banheiro e subir para a classe. Eles foram se arrumando, cheguei perto do aluno que tinha ido para o canto e perguntei se ele ia se comportar nas próximas aulas, ele nervoso disse que não, tentei conversar com ele, mas ele foi saindo da sala e não me respondeu.

Depois de um tempo subi com eles para a sala, comentei com a professora sobre as frases e sobre o móbile, ela disse que tinha achado legal a ideia, aproveitei para dizer que alguns alunos não iam para a próxima aula por que não conseguiam cumprir as regras, ela respondeu que achava certo e que a classe estava mesmo muito fora dos limites. Virei para a classe e disse: “Vocês estão vendo? Vocês acham legal isso?”

Ninguém respondeu. Continuei dizendo que nos iríamos conversar mais sobre isso, mas que era importante uma melhora no comportamento, por que era muito ruim toda aquela bagunça, atrapalhava a aprendizagem e dificultava a boa convivência, mas, que nos iríamos melhorar. Falei isso e olhei para a professora, que sorrindo me disse: “Tomara”.

Diário de Aula – Intervenção nº 07

Fui buscar os alunos depois do intervalo, encontrei com eles no pátio, estavam esperando para subir para a sala de aula, esperei um pouco até que todos chegassem e subi com eles até a classe. Chegando na sala, perguntei se estava tudo bem com eles, ao qual, alguns alunos foram me perguntando o que teria hoje na aula, se ia poder jogar futebol, respondi que não, que não iria ter futebol. Então, alguns meninos ficaram reclamando. Lembrei-os que na última aula alguns alunos tiveram os nomes marcados no Livro das Infrações e que por este motivo iriam descer, mas não participariam da aula com a turma.

Peguei o caderno, depois o giz e comecei a colocar os nomes na lousa, muitos começaram a reclamar, argumentando que outros também haviam feito bagunça e que não tinham o nome na lousa, falei que aqueles que estavam ali cometeram as infrações mais graves e que não haviam respeito quando eu tinha pedido para não correr na sala de ginástica.

Ficaram resmungando, uns vieram tentar me convencer do contrário, que eles haviam respeitado, mas uns dois meninos ficaram falando que não queriam mesmo participar, por que a aula era muito chata. Disse que tudo bem, e, já que eles não gostavam mesmo da aula poderiam ficar sentados. Ficaram bravos. Aproveitei para lembra-los que era importante seguir as regras e cumpri-las, para que assim não ocorreria mais nenhuma infração deste tipo. Pedi que se organizassem na saída da porta para descermos para a quadra, eles desceram, com os meninos ainda bravos por não participarem, saíram da sala reclamando.

Ao descerem para a quadra, pedi para que os alunos se sentassem, para que pudéssemos conversar sobre as atividades propostas, quando se sentaram, um dos alunos disse se eu daria Basquete, argumentei que estávamos trabalhando com jogos cooperativos, e, que eu já havia explicado isso várias vezes para a turma, ele reclamou dizendo que era “chato” e que não iria participar. Falei: “que tudo bem!” Mas que se ele não fosse participar deveria ficar sentado na arquibancada, e que agora não havia a possibilidade de jogar Basquete, porque nos iniciáramos as atividades com jogos cooperativos.

Fomos para o meio da quadra e expliquei que iríamos fazer uma atividade que chamei de “tum-tum-cesta”. Alguns ficaram na roda conversando, pedi

para que parassem para que eu pudesse explicar a atividade, demorou um pouco para que eu conseguisse a atenção dos alunos, somente quando eu peguei uma sacola que continha alguns TNTs foi que eles ficaram um pouco mais quietos. Começaram a perguntar para que servia os TNTs e o que eles iriam fazer com aquilo, disse que era para a atividade que iríamos fazer, e, que eu explicaria a atividade, mas que para isso acontecesse, eles precisariam me ouvir, pois, com as conversas e brincadeiras ficaria difícil eles ouvirem a explicação.

Iniciei a explicação da atividade para a turma, disse que eles iriam pegar os TNTs e formar grupos de quatro alunos, sendo que cada um deveria pegar na ponta do TNT (os TNTs estavam cortados em formatos quadrados de aproximadamente 1,50 cm x 1,50 cm), os grupos deveriam formar uma única fila em direção a cesta de basquete, então eu pegaria uma bola de vôlei colocaria a bola em cima do lençol do último grupo e esse grupo deveria jogar a bola para que ela caísse encima do lençol do grupo da frente, até que chegasse no primeiro grupo que estava mais perto da cesta, então este grupo deveria arremessar a bola para tentar fazer a cesta, e, se, conseguisse deveria ir para o fim da fila, e, o que estivesse atrás do grupo deveria vir para a frente, somente quando completasse uma volta inteira na fila, teríamos realizado o objetivo da atividade.

Tive um pouco de dificuldade para organizar a atividade, principalmente, para organizar os grupos, os alunos ficavam querendo escolher com quem queriam ir, e, nisso começavam as discussões e pequenas brigas, disse a eles que se continuassem assim nós teríamos que interromper a atividade e eles teriam que sentar para nós organizar novamente, acabaram que entrando em acordo entre eles, sobrando somente um menino, que falou que queria ficar com a bola, falei que ele podia pegar em uma parte do lençol com algum grupo que ele se identificasse, porém, ele insistiu que queria ajudar com a bola, se ele poderia colocar no lençol e depois pegar quando ela fosse para a cesta, concordei que ele ajudasse dessa forma, disse também que depois de um tempo, ele poderia mudar com outro colega, mas ele disse que não queria.

O aluno que pediu para jogar Basquete se empolgou com a atividade e acabou entrando em um grupo, falei com ele se ele fosse participar da atividade que ele deveria entrar e fazer as atividades da maneira correta e que não entrasse

somente para atrapalhar a atividade, ele falou que ia fazer tudo e não ia atrapalhar, disse a ele que queria ver.

Iniciamos a atividade com os alunos bem empolgados, o aluno que ficou responsável em cuidar da bola, colocou a bola no ultimo lençol do grupo, e dei um sinal para que iniciassem a atividade. Na primeira tentativa a bola foi jogada para fora e nas tentativas seguintes os alunos estavam tendo dificuldades para passar a bola de um lençol para o outro, começaram então a discutir uns com os outros, cada um querendo falar como deveria ser feito e alguns culpando os amigos que não conseguiam passar a bola.

Acalmei a turma, pedi para que parassem um pouco e pensassem qual seria a melhor forma de passar a bola, se jogando ou rolando por sobre os lenções, a maioria achou que passando pelos lenções seria mais fácil, então disse, que agora que eles acharam a melhor maneira deveriam trabalhar em equipe para conseguir fazer a cesta.

Começamos de novo, mas mesmo assim eles tiveram dificuldades com o passar a bola, depois de um tempo conseguiram passar a bola, então o que ficou difícil foi fazer a cesta, eles não conseguiam direcionar a bola para a cesta, tentei coloca-los mais próximos, mas mesmo assim eles tiveram dificuldades, depois de um tempo tentando, um grupo começou a brincar, quando a bola chegava neste grupo ao invés deles rolarem a bola eles pegavam e jogavam para o alto com força, sem a intenção de passar a bola para o outro grupo, simplesmente, querendo ver a bola ir para bem longe.

Parei a atividade e disse que eles não iam conseguir atingir o objetivo de acertar a bola na cesta, reiniciamos a atividade e um grupo continuou com a brincadeira, então disse que se continuassem assim eu teria que tirar eles da atividade por que eles não estavam colaborando e tampouco estavam pensando no grupo todo.

Voltaram a realizar a atividade, mas estava muito difícil para eles acertar a cesta, vi que eles não iriam conseguir atingir o objetivo da atividade de todos os grupos acertarem uma vez na cesta até completar uma volta inteira. Perguntei para eles por que estava tão difícil acertar a cesta, uma menina disse que era muito difícil e que por que ninguém fazia certo.

Perguntei pra ela como seria fazer o certo, ela disse que o grupo tinha que mirar a cesta antes de jogar, olhei para a classe e disse se eles concordavam com o que ela estava falando, então alguns falaram que sim, outros disseram que eles não acertavam por que tinha alguns que eram muito ruins. Argumentei com eles qual seria a melhor maneira de conseguir a cesta? A mesma menina disse que teria que trabalhar em equipe, sorri e falei que a resposta tinha sido muito boa, ela fez que sim com a cabeça e sorriu.

Tentamos realizar a atividade mais algumas vezes, percebi que estava muito difícil acertar a cesta, decidi mudar a atividade, pedi para que os alunos fizessem uma roda, disse que iríamos mudar a atividade por que ela estava muito difícil, os alunos concordaram que realmente estava muito difícil conseguir fazer a cesta.

Pedi para que os alunos fizessem uma roda sem desmanchar os grupos, eles começaram a se organizar, porem tinha um grupo de meninos que não ficava na roda, saia e ficava brincando com o TNT, mexendo ele para cima e para baixo. Falei para eles pararem e voltarem para a roda para iniciarmos a atividade, eles ficaram balançando o TNT, fui e disse que se continuassem assim não iam poder participar, por que estavam atrapalhando a aula e os amigos que queriam participar, voltaram para a roda, então, arrumei a roda dentro de uma distância que considerava boa para a atividade.

Pedi para o menino que estava com a bola para que escolhesse um grupo para iniciar a atividade, ele foi até um grupo e jogou a bola com força no meio do TNT que o grupo estava segurando, a bola acabou caindo e os alunos ficaram reclamando do aluno, fui até ele e pedi para que colocasse a bola devagar, ele deu uma risadinha, falei que se ele fizesse assim não iríamos conseguir fazer a atividade. Ele então disse que não iria fazer mais, pedi para colocar a bola novamente em um grupo, ele então foi e colocou a bola no TNT de um grupo que ele havia escolhido.

Então instrui os alunos que eles deveriam jogar a bola de um grupo para outro sem que ela caísse no chão, como no vôlei, iríamos tentar manter a bola o mais tempo possível sem derrubar ela no chão. Pedi para o grupo que estava com a bola lançar para outro grupo, eles tentaram e não conseguiram lançar, acabaram jogando para o alto e caindo para fora da roda, nisto o menino que estava

encarregado de ajudar com a bola foi pega-la, quando pegou devolveu a bola na roda com um chute, pedi para ele não fazer assim que poderia machucar alguém. Ele pegou a bola e colocou em um grupo que estava perto.

Houve várias tentativas, mas poucas vezes conseguiram passar de um ou dois acertos, na maioria das vezes, geralmente, a bola caía no chão já na primeira tentativa, isto, porém não estava frustrando os alunos, eles estavam participativos na atividade, mas, o aluno responsável em ajudar, começou a sempre colocar a bola em um mesmo grupo, isso começou a irritar os outros grupos e muitos começaram a reclamar, pedi para ele iniciar a bola em grupos diferentes, mas ele iniciava a bola sempre no mesmo grupo, precisei dizer que ele ia parar de ajudar e que eu iria trocar de ajudante, então ele falou que ia parar de fazer isso, mas depois disso colocou a bola na mesma turma. Um grupo começou a reclamar com mais intensidade e o menino começou a brigar com este grupo, falando que ele não ia dar a bola para eles, disse a ele que eu agora iria escolher onde a bola deveria começar.

Reiniciamos a atividade, o menino ajudante sempre que a bola caía e ele ia pegar, ele ficava brincando com a bola e demorava para trazê-la de volta, fui até e pedi para que ele ajudasse, e não atrapalhasse a turma, ele me olhou e ficou falando algo que não entendi, mas percebi que ele me retrucava, pedi então para ele ir sentar, ele falou que ia parar.

Realmente, o aluno ficou um pouco mais tranquilo, ficamos por mais uns minutos na atividade, com todos participando, depois de um tempo, encerrei a atividade e pedi para que os alunos formassem uma roda para conversarmos.

Eles formaram a roda e o aluno do Basquete pediu se ele poderia jogar Basquete agora, já que atividade tinha acabado, eu disse que agora não por que iríamos conversar sobre a atividade e que também a aula estava acabando, ele então ficou bravo e ficou falando que não iria mais participar de aula nenhuma. Perguntei aos alunos se eles haviam gostado da atividade, o aluno ajudante disse que: “não”, perguntei: “Por que não?” Ele respondeu com que a Aluna R. era muito chata, então eu disse que o que isso tinha a ver com a atividade, ele não respondeu e ficou dando algumas risadinhas para a colega que ele havia comentado, ela também olhava para ele e dizia que ele era bobo.

Voltei a fazer a pergunta e a aluna respondeu que precisava de trabalhar em equipe, perguntei que se para ela eles haviam trabalhado em equipe,

ela então disse: “que não”. Perguntei o porquê e ela me falou que: “havia umas pessoas que não sabiam brincar”, perguntei para o grupo se eles concordavam e a maioria concordou que sim.

Perguntei novamente a turma o que precisava para aquela atividade da cesta ser realizada, querendo estimular o debate, um aluno disse: “Pontaria!” outro entrou em seguida e disse: “Amizade”, então todos começaram a querer falar ao mesmo tempo e várias respostas foram sendo dadas, como: “Trabalho em equipe”, “organização”, “respeito”, etc.

Argumentei se eles acreditavam que a indisciplina era um problema para a realização daquelas atividades e uma menina disse: “que sim!”, o menino do Basquete disse que não e quando eu perguntei o porquê, ele me disse: “por que não!” Percebi que ele estava querendo atormentar com as respostas que ele estava dando, somente para me ver irritado, tentei estimular outros alunos a responderem as perguntas que foram feitas, mas muitos apenas olhavam e falavam: “não sei”, ou davam respostas monossilábicas e não aprofundavam na resposta, mesmo que eu os estimulasse a responder.

Comecei a falar que como era difícil realizar uma atividade coletiva se todos não participassem de maneira correta, e o comportamento era muito importante nestas atividades, porque quando realizamos atividades assim, precisamos cooperar um com os outros e a indisciplina é algo que prejudica muito a boa realização destas atividades, o trabalho cooperativo é quando todos se dispõem a realizarem juntos a melhor forma de conseguir um objetivo. Nisso, perguntei aos alunos se eles concordavam que a cooperação era importante e se eles sabiam o que era cooperação.

Perguntei ao aluno P, se ele sabia o que era cooperação e para que ela era importante, o aluno me respondeu que: “Cooperação é ajudar o outro”, Ai eu reforcei a pergunta: “Por que então a cooperação era importante?” Ele respondeu: “Que um podia ajudar o outro, que ai as coisas ficam mais fáceis de fazer”. Respondi: “Muito bem!

Fui fazendo as mesmas perguntas para outros alunos, mas muito respondiam somente com frases curtas, como: “Ser amigo”, “Respeitar” ou “Ajudar”, sempre era muito difícil fazer com que os alunos falassem, eles preferiam responder com frases curtas e quando eu tentava aprofundar sobre os temas, alguns

começavam a querer brincar, ou a não querer falar mais e os alunos mais “bagunceiros”, começavam a responder com palavras que não condiziam com a pergunta, apenas para fazer os outros amigos rirem.

Tentei fazer que falassem mais um pouco, perguntei a uma aluna se ela sabia o que era cooperação, então me respondeu: “que era ajudar o outro”, perguntei também se era preciso cooperação nas atividades que fizemos, ela falou: “Sim, por que tem que todo mundo ajudar”. Percebi que o aluno que foi ajudante estava querendo começar a tumultuar, pois, começou a mexer com os colegas e a provoca-los, chamei-o: “G., e para você o que é cooperação? Ele, então respondeu: “Não sei!”, E, eu disse: “Não sabe?”. Ele falou que não sabia, tentei tirar uma frase dele e ele me falou: “Que chato, a gente não vai jogar bola”? Disse que não.

Busquei finalizar o tema da cooperação, tentando explicar o que era a cooperação e para que ela poderia ser importante, os alunos ficaram me olhando e quando perguntei se eles haviam entendido, disseram que sim. Percebi que somente alguns estavam realmente dando atenção ao que eu havia falado, tentei chamar a atenção de alguns alunos perguntado se eles tinham entendido, eles respondiam que sim. Acabei falando que tínhamos que praticar a cooperação na Escola, por que ela é muito importante e pode promover uma melhora nas nossas relações tanto dentro como fora da escola. Terminei perguntando quem iria ser mais cooperativo: ao que alguns alunos responderam: “Eu”, mas o menino do Basquete, falou que “ia pensar”. Disse que seria ótimo ele pensar sobre isso.

Percebi que estava no fim da aula, disse para eles irem ao banheiro e subirem para a classe, acompanhei a turma de volta para a sala, encontrei a professora na sala e ela me perguntou se estava tudo bem, respondi que sim, agradei a professora. Falei para os alunos: “Até a próxima aula!”. Um falou: “Na próxima aula, vai ter jogo!”, dei um sorriso para ele e sai.

Diário de Aula – Intervenção nº 08

Entrei na sala de aula, dei bom dia aos alunos e à professora, que me perguntou como estava o projeto com os alunos, disse que estava tudo bem, devolvi com a pergunta de como eles estavam hoje, ela me disse que hoje os alunos estavam tranquilos, devido a algumas faltas de alunos, que por ela eram considerados como os que davam mais trabalho na sala.

Voltei-me para os alunos e pedi para eles se organizarem para descermos para a sala de ginástica, uma menina me perguntou se iríamos ficar escrevendo, disse que hoje não, que conversaríamos e faríamos as atividades que eram bem legais. Ela ficou curiosa quando eu disse que as atividades eram legais e começou a me perguntar o que era, brinquei que quando chegasse lá eu contaria para ela, ficou insistindo e eu disse que eram atividades de trabalho em equipe, ela ficou me olhando e falou: “Tá bom!”

Nós organizamos e descemos para a sala de ginástica, antes eles pediram para ir ao banheiro, falei que eles podiam tomar água também e seguimos para a sala.

O objetivo da aula era discutir a importância do trabalho em equipe e como ele pode ajudar na melhora da convivência. Quando chegamos na sala, pedi para os alunos formarem a roda. Depois de organizada a roda, disse aos alunos que era para eles sentarem. Diferente do que acontecia na maioria das vezes, os alunos sentaram e ficaram esperando eu começar a falar.

Iniciei dizendo que na aula de hoje, nós discutiríamos sobre o tema do trabalho em equipe. Perguntei se eles sabiam o que era trabalho em equipe, o aluno L. disse que era ajudar os outros, uma aluna deu a mesma resposta. Comecei direcionar a pergunta para alguns alunos, em específico, por que eles começaram a falar todos juntos e alto.

Perguntei para o aluno P. o que era trabalho em equipe para ele. Me respondeu que não sabia, insisti na pergunta e ele falou que era: “Amigo.” Reforcei que ser amigo era importante para o trabalho em equipe, perguntei se ele achava que sim. Fez que sim com a cabeça. Voltei para outra aluna e repeti a pergunta. A aluna K. falou: “Ajudar os amigos.” Perguntei se era somente ajudar os amigos, ela disse que não, que tinha que ajudar todo mundo, direcionei a pergunta para a

vivencia que ela tinha na sala, perguntando: “E na classe vocês sabem trabalhar em equipe?”

Ela falou que: “Às vezes, mas não toda a hora.”

Fiz a mesma pergunta para a classe, alguns disseram que não, outros ficaram olhando e não responderam, a aluna T. começou a dizer que na sala tinha muita bagunça e por isso era difícil trabalhar em equipe. Perguntei o que seria trabalho em equipe para ela. Iniciou dizendo que era “Quando as pessoas se ajudam, quando todo mundo faz junto.”

“Na classe ninguém faz junto as coisas?”

“Só de vez em quando, quando eu faço com as meninas.”

“E com os meninos?”

“Com os meninos é difícil por que eles bagunçam muito”.

“Mas não seria legal compartilhar com os meninos?”

“Professor, por que você fica escrevendo no caderno”. Me perguntou um dos meninos.

“É para lembrar da nossa roda de conversa”.

“Por que?”

“Por que é tipo uma entrevista.”

“De serviço?”

“Não, é para saber as opiniões de vocês sobre o que a gente discute.”

“Pensei que era de serviço.”

“Não”.

Voltei a pergunta para a aluna T.: “Então, é muito ruim trabalhar em equipe com os meninos?”

“Sim, professor”.

“E as meninas também são muito chatas”. Retrucou um menino.

“Mas se todos começarem a trabalhar em equipe agora, não será melhor para vocês? Não é legal um ajudando o outro para conseguir realizar um objetivo? O que você acha N.”

“Acho que sim”.

“Só isso?” E, como a gente consegue isso?”

“Conversando”.

“Legal!”

“A gente não vai brincar?”

“Sim, vamos! Vamos, então fazer uma atividade e depois a gente volta a falar sobre o trabalho em equipe”.

Pedi para os alunos levantarem e formarem trios, expliquei que a atividade que faríamos se chamava “Pirâmide”. Expliquei que dois alunos ficariam na base e um terceiro aluno colocaria os pés sobre as coxas dos meninos e subiria formando uma pirâmide, disse que iríamos começar com três, mas, que depois aumentaríamos até formar uma pirâmide com bastante gente.

Os alunos começaram a atividade e eu percorri alguns grupos dando dicas de como seria melhor para eles subirem, colocando os pés perto do quadril dos outros dois colegas, eles tentavam e começavam a conversar sobre como realizariam a atividade, falei que eles tinham que trocar, para que todos praticassem.

Uma aluna veio dando risada para mim e dizendo que doía a perna, fui ver como eles estavam fazendo, e dei algumas dicas, o grupo ficou tentando, e parecia que estavam muito empenhados em conseguir realizar as atividades, fizemos em trio por um período de tempo, com todos participando e se divertindo bastante.

Somente um grupo, que quando um aluno foi subir e não conseguiu, um do grupo falou um palavrão para ele, pedi que era para ele não falar palavrão, mas sim ajudar o seu amiguinho. Ele ficou olhando e falando que o outro era tonto, disse que não tinha ninguém tonto, mas que se ele tentasse ajudar o amigo ele conseguiria subir, com ele explicando.

Depois de um tempo, pedi para que todos formassem uma roda, quando a roda foi formada, comecei a contar: “ímpar, par”. Disse que quem fosse “par” era para formar uma roda e os ímpares que ficassem por fora da roda, expliquei que os ímpares teriam que subir apoiando-se nas pernas dos “pares” e que quando lá em cima deveriam um apoiar a mão no ombro do outro.

Os alunos fizeram várias tentativas e se empenharam em realizar a atividade, estavam bem animados e concentrados em tentar formar a pirâmide, também me empolguei e entrei na brincadeira, participei com eles em várias tentativas. Depois de um tempo realizando a atividade, falei para eles formarem a

roda novamente que iríamos mudar de atividade, um aluno me perguntou: “O que vamos fazer?”

“Mudar de brincadeira”. Respondi.

“Já vou explicar, fica na roda para eu mostrar como que é a atividade.”

“Pessoal, agora vamos fazer uma roda e todos vão virar para a direita, certo?”

Fiquei arrumando a roda e explicando o que eles deveriam fazer, quando eu desse o comando: “Senta!” Eles deveriam tentar sentar nos joelhos de quem estivesse atrás, como se fosse sentar em uma cadeira. Neste instante, um menino ao perceber o que era a brincadeira saiu e falou: “Se é loco! Não vou sentar não!” Perguntei o porquê. E, ele me disse: “Sai fora, sentar no colo!” Outros meninos começaram a sair também. Perguntei qual era o problema de sentar nos joelhos do amigo. Um menino falou: “É de gay, essa brincadeira!”

Argumentei que a brincadeira não tinha nada de gay e que ninguém ia virar gay por causa disso, mas eles ficaram irredutíveis e foram sentando fora da roda, tentei convencê-los de que eles poderiam brincar e que não havia essa história de brincadeira que deixasse alguém gay. Mas, eles sentaram e ficaram falando que não iam brincar, insisti que participassem, dizendo que eu ia brincar também e que era uma atividade divertida, fiz uma vez a brincadeira com quem ficou no grupo e os que ficaram acharam graça de eu ter entrado na brincadeira.

Os alunos ficaram sentados, fizemos a brincadeira por mais algumas vezes, mas os alunos não estavam conseguindo fazer-la muito bem, eles demonstravam receio em sentar sobre os joelhos do amigo que estava atrás, acabavam agachando mas, faziam força com a perna, somente encostavam de leve no joelhos do amigo de trás. Expliquei para eles qual poderia ser a melhor forma de sentar, mas eles não conseguiram fazer do jeito que eu esperava que seria feito, porém, eles se esforçaram em realizar a atividade e participaram com entusiasmo.

Quando voltamos a formar a roda, depois de terminada a brincadeira, perguntei o que era importante para conseguir realizar as atividades propostas. Um aluno disse: “Equilíbrio!”. Falei que também o equilíbrio era importante, perguntei o que mais era importante. Outro aluno disse: “Confiança!”

“E, qual atividade vocês acham que precisa mais de confiança?”

“A segunda, professor”.

“Por que?”

“Por que para sentar precisa ter confiança no amigo.”

“Muito bem! E, vocês acham que é preciso ter confiança em um trabalho em equipe?”

“Não!” Disse um aluno dando risada.

“Não? Por que?” Perguntei.

Ele não respondeu, ficou olhando para mim sem falar nada, insisti para que ele respondesse, mas ele nada falou.

Continuei perguntando na roda, se eles achavam que confiança era importante para o trabalho em equipe, a maioria disse que sim, que era importante. Voltei para o grupo e perguntei: “Essas atividades que fizemos precisa de trabalho em grupo?”

Uma aluna falou que sim, que precisava para realizar a atividade, por que senão não ia dar certo a brincadeira. Outro aluno também falou que sim. Perguntei: “Quem acha que sim, levanta a mão”. Todos levantaram.

“Legal” Respondi.

Comecei explicando que trabalho em equipe era quando todos trabalham para atingir um objetivo comum, cada um tentando ajudar o outro para realizar a atividade. Perguntei se eles achavam que tinha acontecido isso durante a atividade, a grande maioria disse que sim.

“A. você acha que sim?”

“Acho, professor.”

“Então, pessoal. Vocês viram que nestas atividades é muito importante trabalhar em grupo, não é? Vocês conseguiram compreender a importância de trabalhar em grupo, que é importante?”

Uma aluna disse que sim que ela tinha compreendido que era importante.

“Todo mundo concorda?”

“Sim”. Responderam.

“Beleza, então de agora em diante vamos começar a trabalhar mais em equipe.”

“Pessoal, vamos agora para a porta da sala se organizar para voltar para a sala, tudo bem?”

Uma aluna chegou perto de mim e disse que a aula tinha sido muito legal, fiquei contente com o que ela falou, ela me perguntou se a próxima aula teria essas brincadeiras de novo, por que ela tinha gostado. Respondi que não, mas que teriam outras melhores e que ela também ia gostar.

Os alunos foram beber água e ao banheiro, depois subimos para a sala, comentei com a professora que a aula tinha sido muito boa e que eles tinham ido muito bem. Voltei para a classe e brinquei: “Continuem assim!”

Diário de Aula – Intervenção nº 09

O objetivo principal desta aula era continuar a debater com os alunos as questões de indisciplina relacionadas ao ambiente escolar e fora dele, apesar de já ter abordado isto direta ou indiretamente dentro das aulas anteriores, esse tema era para mim ainda muito importante, porque eu acreditava que não havia conseguido atingir com os alunos um bom entendimento sobre esta questão.

Portanto, cheguei na sala com a intenção de aproveitar o tempo, não me demorar e ir rápido para a quadra para que pudéssemos ganhar tempo, também imaginava que a atividade corporal que tinha preparado para a aula seria empolgante e que eles iriam gostar. Cumprimentei a professora, trocamos algumas palavras e me dirigi para a classe pedindo que todos se organizassem para descermos para a quadra e que cada aluno levasse sua cadeira junto.

Começaram, então, a perguntar o porquê de levarem as cadeiras, o que iam fazer com elas, disse que era para uma atividade, pedi que tomassem cuidado com a cadeira, quando descessem, para não se machucar. A ideia de descer com a cadeira criou uma algazarra, todos começaram a pegar a cadeira e tentavam tirá-la de qualquer jeito, arrastando e fazendo o maior barulho, acabou que eu e a professora precisamos intervir, pedindo calma e menos barulho.

Fui para a porta e fiquei organizando a turma que estava saindo com as cadeiras, depois de algumas broncas e pedidos para que se organizassem, conseguimos descer para a quadra. Quando lá, chegamos alguns alunos, pegavam a cadeira e saiam correndo com ela, como se estivessem empurrando um carrinho, outros pegaram as cadeiras e colocaram nos degraus da arquibancada e sentavam para ver a bagunça ou ficar conversando com os colegas.

Precisei de um bom tempo para organizar a turma, quando enfim, consegui que todos aquietassem, percebi que estava sem o rádio para a dança das cadeiras cooperativa, cheguei um pouco em cima da hora e acabei esquecendo do rádio, me reprimi por isso um tempinho, pedi para a turma ficar em roda sentado na cadeira e fui buscar o rádio. Por sorte, ele estava na sala da direção, um local próximo e acabei voltando rápido para a quadra.

Quando retornei os alunos ainda se encontravam organizados, com todos sentados, alguns conversando, apenas dois fora da roda, pedi para que

voltassem para a roda, mas eles vieram ao meu lado e ficaram dizendo que queriam cuidar do rádio, falei que eles poderiam, mas primeiro, precisam voltar a sentar na roda para que eu pudesse conversar com a turma e depois explicar a atividade, ficaram insistindo que queriam cuidar do rádio e que eles iam ficar ali, para ninguém mexer.

Retornei na roda e busquei, novamente, abrir um discussão sobre o trabalho em equipe, existiam dois pontos que eu acreditava que precisava ser mais discutido e conversado, que eram: trabalho em equipe e cooperação. Pensava que esses assuntos precisavam ser mais discutidos, por que acredita que não havia ainda conseguido tirar muito dos alunos sobre estes assuntos e pensava que eles eram importantes na discussão sobre a temática da indisciplina.

Perguntei se eles lembravam que tínhamos discutido sobre o trabalho em equipe, que havíamos conversado sobre este tema, a maioria respondeu que sim, que se lembravam. Como já era de costume, um aluno entrou no meio da conversa e perguntou que horas que eles iam brincar, respondi que só depois que a gente conversasse é que poderíamos brincar. Então, eu disse: “Quem lembra o que é trabalho em equipe?” Quase todos responderam que era ajudar os outros, somente um aluno entrou no meio e disse que era: “Nada!”

Tentei associar a ideia de trabalho em equipe com a indisciplina, relacionando que uma pode ser benéfica para a outra e que as duas juntas são importantes para melhorar nossas relações e quando todos se comprometem em trabalhar juntos, todos precisam melhorar a disciplina por que senão as coisas não saem do jeito certo.

Peguei um aluno na roda e disse: “Você acredita que a indisciplina atrapalha o trabalho em equipe?”

O aluno me disse: “Sim.”

Perguntei: “Por que você acha que atrapalha?”

“Por que ninguém consegue fazer nada, quando faz barulho”.

Joguei a pergunta na roda: “E vocês, o que vocês acham?”

Começaram a falar ao mesmo tempo, uns tentando dar a resposta e outros querendo entrar no meio para dar a resposta por brincadeira, como: “Nada”, “não sei”, “Não quero saber”. Entrei no meio e disse que havíamos combinado de levantar a mão para falar, que estava nas regras, alguns levantaram a mão.

Perguntei: “Você R., pode falar?”

“É que tem muita bagunça e não dá para trabalhar em equipe, os meninos não ajudam, eles mexem com as meninas.”

“Na sala vocês também tem dificuldade para trabalhar em equipe, tem muita bagunça?”

“Sim!”

“Fala aluno J. o que você quer falar?”

“Não vamos brincar, vamos ficar parado.”

“Não, vamos brincar sim, espera um pouco, deixa a gente conversar um pouco. A indisciplina na sala atrapalha as atividades em grupo?”

“Sim”.

“Muito?”

“Sor (professor) atrapalha por que é só bagunça, a professora precisa brigar para fazer as coisas.”

“Entendi. A bagunça atrapalha muito, então como fazer para melhorá-la?”

“Tem que ficar quieto, respeitar o professor”.

O que mais pode ser feito?

“Não fazer barulho e bagunça”.

Começaram com conversas paralelas e brincadeiras com os colegas, pedi para pararem e ficarem prestando atenção no que os colegas falavam. Um dos meninos reclamou: “Põe o som!” Pedi para esperar: “Só fica conversando!” Falou irritado. Falei para esperar um pouco, que estávamos terminando e começaríamos as atividades. Falou, então: “Vai logo!”

Fui até ele e falei para ele esperar que não precisava falar assim e que era preciso respeito com os colegas e com o professor, me olhou e saiu para o lado, pedi para sentar, sentou e ficou lá, resmungando. Essa era uma característica da maioria sempre que falava com eles, resmungavam, abaixavam a cabeça e saiam ou ficavam resmungando de longe na roda ou fora dela. Às vezes, eu chegava perto e falava e perguntava: “O que foi? O que está acontecendo?” não respondiam diretamente saiam falando e indo para longe, o que fazia com que eu chamasse novamente para conversar, mas isso não era possível todas as vezes, e algumas vezes pela situação da classe, acabei deixando passar.

Depois disso, disse que faríamos uma atividade chamada: “danças das cadeiras cooperativas”, que era quando somente a cadeira saía, mas não a pessoa. Dei uma explicação sobre a atividade e fui colocar a música, nisso os dois alunos vieram e ficaram pedindo para cuidar do rádio, que eles iam parar e recomeçar a música durante a atividade, falei para eles irem fazer a atividade com os colegas, ficaram dizendo que não queriam, que eles tomariam “conta do som”. Propus, então, que ficassem como ajudantes, mas que eu estaria perto deles e faria um sinal quando fosse para começar ou parar a música.

Iniciamos a atividade, começaram empolgados, perguntavam como fariam para sentar nas cadeiras, os meninos começaram a dizer que “não iam sentar no colo de ninguém”, se podiam subir no lado da cadeira. Eu disse: “Não tem problema sentar no colo!” E que era importante ninguém ficar de fora. Depois de um tempo, alguns alunos começaram a bagunçar a roda, empurrando a cadeira ou tirando mais cadeiras do que era permitido, precisei parar para reorganizar a atividade, eles estavam empolgados, mas os mais “arteiros” sempre querendo arrumar um jeito de fazer os colegas darem risada ou se irritarem.

Os meninos que estavam no rádio, começaram a aumentar o rádio para fazer barulho, eu fui até eles e pedi para não aumentarem o rádio, por que fazia muito barulho e atrapalhava as outras salas, diziam que iam parar, mas repetiram algumas vezes mais estas atitudes, pedi para saírem de perto do rádio que eles não estavam ajudando e que por isso teriam que sentar e não participariam mais das atividades, acabaram dizendo que não fariam mais, fiquei mais perto deles para vigia-los.

A atividade correu bem, com a classe participando, depois de um tempo terminei a atividade, eles pediram para continuar mais um pouco, disse que agora faríamos outra atividade. Pedi para os meninos devolverem o rádio na sala, onde ele estava, e que era para eles voltarem rápido para participar da próxima atividade.

A atividade que se início chamava travessia do rio perigoso, consistia em que os alunos passariam uma cadeira para a frente da fila e o aluno que colocou a cadeira na frente sairia da sua cadeira e iria para da frente e o detrás para a cadeira do aluno que foi para a frente, eles teriam que fazer isso até chegarem a uma determinada marca delimitada.

Dei as explicações e começamos a atividade, os meninos que levaram o rádio voltaram, eu disse para eles participarem da atividade, falaram que não queriam, que ficariam olhando, falei para eles não atrapalharem, que se não quisessem participar não poderiam ficar no meio fazendo bagunça, disseram que não iam fazer bagunça que ficariam olhando, foram e sentaram na arquibancada.

A atividade, como na atividade anterior, chamou a atenção dos alunos, participaram com entusiasmo e ficaram assim por um bom tempo, depois de um tempo, alguns alunos começaram a querer sair do lugar onde estavam para entrar no meio das cadeiras que estavam mais perto da linha delimitada. Precisei chamar a atenção várias vezes, dizendo que iria parar a atividade. Quando dizia isso, se organizavam um pouco melhor, mas depois de um tempo começavam a repetir o que estavam fazendo de errado.

Porém, a atividade apesar de alguns desses problemas correu bem e animada, depois de realizado o objetivo algumas vezes, parei a atividade e pedi para eles formarem a roda de novo, começaram a reclamar falando que estavam querendo brincar mais e um menino chegou perto de mim e disse: “Pega a bola, professor!”

Arrumamos a roda com um pouco de dificuldade, por que como estavam empolgados, ficaram agitados, precisei chamar a atenção deles algumas vezes, até que consegui organizar a roda. Comecei a discussão, com a pergunta: “O que vocês repararam na última atividade com as cadeiras?”

“Nada!”

“Equilíbrio”.

“Trabalho em grupo”.

“Trabalhar em grupo, legal!” Respondi a última resposta.

“Vocês repararam que muitos de vocês tem dificuldade para trabalhar em grupo? Que quando não conseguem se comportar fica difícil o trabalho em grupo?”

O aluno que sempre dava respostas para chamar a atenção da sala, disse: “Não reparei”. Perguntei se ele não havia reparado “mesmo”. Mas, não respondeu.

“Então, pessoal. Qual foi a maior dificuldade de vocês nesta atividade?”

A aluna K. respondeu: “entregarem a cadeira, por que demorou muito, demorou uma década para entregar essa cadeira”.

Outra aluna, respondeu: “Foi a cadeira que estava acertando no Eduardo, por que toda vez que ele pegava a cadeira acertava em alguém.”

“Foi de proposito”

“Sem querer.”

“Vocês acham que muitas das dificuldades encontradas na atividade são por causa da indisciplina? A indisciplina que houve em alguns momentos atrapalhou a atividade?”

“Sim”. Respondeu um aluno.

“E vocês? O que vocês acham?”

A maioria não respondeu à pergunta, por que inicio algumas conversas paralelas, acabei precisando chamar atenção deles, mas o barulho começou a atrapalhar a conversa na roda de conversa.

“Vamos parar pessoal, vocês se lembram que uma das regras era levantar a mão quando fosse falar?”

“Sim”, respondeu só uma menina.

“Vamos continuar.”

“A indisciplina atrapalha as atividades? Como resolver?”

“Atrapalha, tem que ficar quietinho”

“Precisa ter comportamento, mas a classe não tem.”

“Não tem?”

“Não.”

“E como melhorar?”

“Deixando de castigo, não trazendo mais para a aula.”

“Entendo, esse é um jeito de acabar com a indisciplina da sala?”

“Pode ser.”

Quando estávamos nesta conversa, começou uma briga entre dois alunos, perguntei o que havia acontecido, um aluno falou que o outro tinha dado um soco nele, ao qual, o outro disse que ele tinha xingado a mãe dele. Tentei argumentar que não era hora para isso, que não podia falar da mãe do amigo, que se o aluno tinha falado da mãe dele que não precisava bater, era só chamar o professor para que a gente conversasse sobre o problema, um aluno respondeu: “Conversa nada, vou descontar.”

Chamei os dois para conversar, falei sobre a necessidade de parar com esse tipo de comportamento e que era para eles serem amigos, bateu o sinal neste momento, um aluno saiu resmungando, pedi para ele voltar, conversei ainda um pouco com eles e pedi para todos levarem a cadeira de volta para a sala.

Os alunos subiram com as cadeiras, dei um tempo até para organizarem a sala, disse que na próxima aula, seria nossa última aula que faríamos dentro do projeto sobre indisciplina e que nós iríamos conversar sobre o que havíamos vivenciado nas aulas. E, sai com a pergunta que ocorria na maioria das vezes: “Vai jogar bola na próxima aula?”

Diário de Aula – Intervenção nº 10

Entrei na sala e a professora me disse se eu gostaria de deixar eles sem a aula, porque os alunos sairiam de ônibus para um passeio, perguntei a horas que eles iriam e, pela hora que a professora falou daria para dar a aula completa, não afetaria no horário da aula. A professora, então, me disse que eles estavam agitados, por isso sugeri que os alunos ficassem na sala, agradei e disse que estava tudo bem, que desceríamos, por que também, naquela aula, nós iríamos finalizar o trabalho sobre a indisciplina.

Os alunos que estavam mais perto, escutaram o que eu e a professora falávamos e ficaram pedindo para sair da sala, pedi para esperarem que eu conversaria com eles, ficaram protestando, querendo sair da classe, falei para eles ficarem sentados na carteira e que me ouvissem, que eu conversaria com eles antes de sair.

Começou um pequeno agito, falei que para descermos precisaríamos nos organizar, mas, do jeito que estava, ficaria difícil, por que ninguém estava escutando ninguém, todos estavam falando ao mesmo tempo. Pedi silêncio e comecei a falar:

“Pessoal, vocês se lembram que nós estamos durante as aulas discutindo um problema que é muito sério e que ocorre na escola, mas também em outros lugares?”

Uma aluna me disse: “indisciplina.”

Dei parabéns e continuei: “Indisciplina, vocês concordam que é sobre esse assunto que falamos?”

“Sim.” Uma boa parte respondeu.

“Então, a indisciplina é um problema que interfere na sala e fora dela, não é verdade?”

“Sim”.

“A indisciplina é um problema que afeta? Vocês concordam?”

“Sim”.

“Então, vamos descer na sala de ginástica para conversar mais sobre isso, tudo bem?”

“Sim, mas depois vai poder brincar?”

“Sim, é o que eu quero.” Respondi.

Disse para saírem devagar e ir para a sala de ginástica. Um aluno me disse que não queria ir na sala de ginástica, que lá era muito chato. Respondi, que lá era melhor para a gente conversar, ficava mais longe do barulho. Ele protestou um pouco, mas acompanhou a turma. Quando chegamos na sala, pedi para formarem uma roda. Mas, em princípio, somente alguns prestaram atenção ao que eu tinha dito, outros entraram correndo e falando alto, precisei intervir pedindo para irem para a roda. Depois de um tempo se acalmaram, organizei a roda para parecer um “Roda mesmo”, por que aquilo estava mais para quadrado do que para roda.

Organizada a roda, comecei a falar que nós iríamos discutir situações de indisciplina e que soluções eles teriam para aqueles problemas de indisciplina, que seriam apresentados. Depois da explicação pedi para fazerem pequenos grupos de aproximadamente cinco alunos, eles se organizaram e foram formando os grupos, uma aluna disse que não queria participar, perguntei o porquê, ela me disse que ninguém queria ela no grupo, peguei ela pela mão e levei até um dos grupos, perguntei para os membros do grupo se ela poderia participar com eles, ficaram meio sem interesse, um aluno falou que a menina era chata, que somente brigava, ela retrucou, mas intervi, e ela acabou no grupo deste aluno.

Disse que cada grupo teria um tempinho para pensar em alguma situação de indisciplina para compartilhar com os outros e quais soluções eles dariam para tentar resolver o problema.

Dei um tempo, um aluno que estava em um grupo falou que outro aluno estava mexendo com ele, pedi para o aluno parar e se concentrar na atividade. Disse que ia dar um tempinho para que os grupos pudessem pensar em uma situação de indisciplina. Percebi que eles começaram a falar muito alto, cheguei perto para saber sobre o que falavam. Eles conversavam sobre outros assuntos, comecei a cobrar que se concentrassem na atividade.

Depois de um tempo tentando consertar o barulho, reclamei que eles não estavam participando e que apenas estavam conversando de outras coisas ou brincando, um aluno falou que ele estava fazendo sim e que era os outros que não estavam fazendo. Pedi para falarem mais baixo, continuaram falando alto. Disse para eles pararem o que estavam fazendo e que olhassem para mim, precisei chamar a atenção, até que todos ficassem quietos.

Quando ficaram, comecei a falar: “Vocês se lembram que estabelecemos regras e fizemos um checklist dos problemas de indisciplina? Então, por que ninguém respeita as regras, por que é tão difícil conversar com vocês?”

Um aluno respondeu que era porque a gente só ficava conversando. Falei que era importante conversar, por que estávamos discutindo um problema importante e que na classe este problema era muito comum, tentei argumentar ainda que estávamos querendo melhorar este problema e que eu queria saber se eles tinham consciência do problema, e, se tinham, por que continuavam a praticá-lo.

Uma aluna respondeu: “Tem muita bagunça.”

Perguntei: “E a bagunça se relaciona com qual problema.”

“Não sei.”

“Qual a gente está discutindo?”

“Indisciplina?”

“Sim, indisciplina, não é o que a gente vem falando a um tempo?”

“É.”

“Então, por que é tão difícil a gente conversar sobre isso?”

Não responderam, só ficaram escutando o que eu estava falando.

“Professor, deixa a gente brincar que para de bagunça.”

“Você acha que se vocês brincarem, vocês param de bagunça?”

“A gente para.”

“Mas então, vamos conversar um pouquinho depois a gente brinca, pode ser?”

“Ah! Professor!”

Continuei conversando com eles, até que consegui um acordo de que se eles fizessem menos barulho e prestassem atenção na aula, nós iríamos brincar. Disse para retornarem no que eu havia pedido como tarefa, discutir sobre um problema de indisciplina e pensar em uma solução para o problema, continuaram, agora um pouco mais comportados.

Depois de um tempo, encerrei a atividade, falei que agora os grupos começariam a falar sobre o que tinham discutido, ficaram meio agitados, ninguém querendo começar, então, eu disse que escolheria um grupo. Mas, um grupo que estava mais quieto durante a atividade disse que queria começar. Perguntei para a

sala se eles podiam começar e todos disseram que sim, pedi para eles prestarem atenção e ouvirem o que o grupo falaria.

Uma menina começou: “Indisciplina é quando a gente não respeita o professor é quando fica conversando e não deixa o professor falar”. Dei parabéns a menina e perguntei aos alunos: “Vocês concordam”. Disseram que sim, que concordavam. Pedi para ela dar a solução para este problema. Ela falou: “Ficar quieto e respeitar o professor.”

Olhei para todos e perguntei se eles concordavam, todos concordavam, somente um menino gritou: “Não!”. Perguntei: “Não?” Ele deu risada e depois ficou quieto.

Voltei para a sala: “Vocês concordam com este grupo?”

“Sim.”

“Por que M.?”

“Por que tem que respeitar, não pode atrapalhar o professor.”

“O respeito é importante? O que vocês acham?”

Uma aluna respondeu que sim, que tinha que respeitar, por que senão poderia ficar de castigo. Perguntei que se era por causa do medo do castigo que tinha que respeitar as pessoas. Ela falou que sim, porque senão iria para a diretoria.

“Mas, se não tiver medo de ir para a diretoria?”

“Tem que ir, quando faz bagunça.”

“Mas, se o aluno não tem medo?”

“Chama o pai dele.”

“Mas, vocês não acham que o respeito tem que ter com qualquer pessoa? E, não somente por causa da punição?”

Outra aluna respondeu: “Sim, tem que ter....mas quando não tem. Tem que chamar os pais.”

“Mas, não é importante o respeito sem ter que punir? Por que todo mundo merece respeito?”

“Sim”. Disse um menino e completou que “tinha que ter com todo mundo.”

Disse que ele havia falado bem, e que era isso mesmo que deveria acontecer. Continuei perguntando: “Quando tem indisciplina? Tem respeito com o outro?”

Uma aluna disse: “Que não, que não tinha.”

“Por que não tem?”

“Por que tem bagunça.”

“Alguém quer falar mais alguma coisa?”

“Não.” Disse o grupo.

Chamei outro grupo para debater, este grupo formado, ficou dizendo que não queria participar, que não sabia e que era chato ficar conversando, que tinha que jogar bola. Argumentei que tínhamos que conversar e que era a última aula sobre o assunto, então que por isso era importante participar, ficaram impassíveis, falei que deixaria eles e que depois eu voltaria para conversar com eles de novo, ficaram reclamando que não queriam.

No próximo grupo fiz a pergunta: “E vocês? contem agora, um caso de indisciplina, que vocês discutiram para a gente conversar?”

O grupo, também começou a não querer responder, começaram a falar que não queriam, insisti para falarem, voltei então para um aluno que estava mais quieto e disse: “Fala G.”

“Não quero!”

“Mas você não tem nenhum caso de indisciplina para contar? Fala um para discutirmos.”

“Não quero!”

“Não! E, você M. fala pra gente?”

“É quando tem briga? Quando um fica brigando com o outro.”

“Sim, isto pode ser um problema de indisciplina, mas qual tipo de briga?”

“Que xinga o outro!”

“Sim, isso pode ser errado, seria um desrespeito a outra pessoa.”

“É.”

“E, qual solução você daria?”

“Chamar a mãe.”

“E por que não conversar?”

“Também pode.”

“Você não acha que é melhor conversarmos sobre nossos problemas, do que chamar a mãe?”

“É sim.”

“Quais casos de indisciplina vocês veem aqui na sala ou na escola?”

Uma aluna do grupo: “Violência.”

“Tem violência entre vocês?”

“Sim.”

“Quando?”

“Quando um fica querendo bater no outro.”

“Entendi.”

“Você acha isso legal?”

“Tem gente que mexe.”

“Mas é legal isso?”

“Não.”

Fui para outro grupo. “E, vocês, qual caso tem para contar e qual solução?”

De novo, se recusaram a responder, falavam que não sabiam e que não queriam falar. Insisti pedindo um caso, e, que na escola tinha bastante casos que eles deveriam ver e que poderiam contar para nós. Mas, eles “duros”, continuaram não querendo responder:

Um aluno: “Vamos brincar!”

Falei: “Daqui a pouco.”

Fui no último grupo. “E vocês, falem de alguma situação.”

Uma menina do grupo falou: “Quando não respeita as regras.”

Dei parabéns e disse que sim, que ela estava certa, que quando não respeitamos as regras, estamos sendo, em alguns casos indisciplinados. Como quando nós combinamos as regras no começo, e, quando eles, não respeitavam, estavam sendo indisciplinados, porque nós havíamos construídos as regras juntos e todos tinham concordo com o que tínhamos falado.

Ela falou: “Verdade.”

Começou a ter muitas conversas paralelas e precisei chamar a atenção, eles começaram a insistir que queriam brincar, disse que nos iríamos fazer uma atividade agora e que depois dela conversaríamos. Ficaram falando que não queriam conversar mais. Peguei algumas bolas que eu já havia deixado na sala para a atividade, disse para eles formarem a roda nos mesmos grupos que estavam,

expliquei a atividade que consistia em pegar a bola com o pé e passar para o amigo do lado, fazendo a bola andar por toda a roda sem que caísse no chão.

Alguns reclamaram da atividade, que não queriam fazer, mas quando começou a atividade, os que estavam de fora, foram voltando aos grupos e participaram da atividade, durou esta atividade um bom tempo, até que começaram a pegar a bola e a quer chutar, precisei parar a atividade e ameaçar pegar a bola, encerrando a atividade, reclamaram e disseram que iriam parar, voltaram para a atividade e ficaram mais um tempo participando sem causar tumulto.

Depois de um tempo, encerrei a atividade, eles queriam brincar com a bola, falei que estava na hora de acabar a aula e que era preciso fazer a roda de novo, por que eu queria falar algumas coisas que eram importantes. Reclamaram algumas vezes, e, precisei chama-los algumas vezes para formar a roda, depois que formamos a roda e demos as mãos pedi para eles sentarem, quando sentaram, disse que era a última aula do projeto com jogos sociomotrizes de cooperação e a indisciplina.

Agradei a participação de todos e perguntei se eles haviam entendido o que era indisciplina. Apontei para um aluno e perguntei: “Você aprendeu o que é indisciplina?”

Ele respondeu que sim, que era quando “Tinha bagunça”.

Disse que sim, que era quando tinha bagunça, mas quando essa bagunça descumpria as regras e atrapalhava à todos.

Perguntei sobre as atividades com jogos, se eles haviam gostado. Alguns disseram que sim, mas os meninos disseram que “Bola era mais legal”. Perguntei se as atividades que eles fizeram não foram legais. Ai, os meninos, mas não todos, responderam “mais ou menos” e um respondeu “que algumas”.

Fiz uma pergunta: “Se eles acreditavam que aqueles tipos de jogos, jogos de cooperação, poderiam ajudar a melhorar a indisciplina?”

Um menino respondeu: “Sim.”

“Por que?” perguntei.

Mas, ele então falou que não sabia.

Perguntei para outro aluno.

Ele respondeu que sim, que poderia, por que eram jogos que todos tinham que participar.”

“Participar?”

“Sim, um ajuda o outro.”

“Vocês concordam?”

A maioria disse que sim, que concordava. Perguntei para uma menina se ela percebia que a indisciplina era um problema da classe.

“Sim.” Respondeu.

“Esse tipo de jogo cooperativo pode ajudar a melhorar?”

“Sim.” Respondeu.

“O que mais?” Eu perguntei. Mas ela não quis mais responder. Depois disso, continuamos a conversar sobre a indisciplina da classe e sobre os jogos sociomotriz de cooperação. Percebi que eles tinham consciência do problema da indisciplina e que eles sabiam que era um problema que atrapalhava a sala. Tinham a consciência, mas entre a consciência e a prática de não praticá-la existia uma distância grande. E, era preciso ainda um longo caminhar. Ficou perto de bater o sinal, agradei de novo a participação da classe, tentei encerrar, por que começaram as conversas paralelas e eles começaram a ficar agitados, pedi para todos beberem água e irem ao banheiro, por que iríamos voltar para a sala, nisso uma professora veio pedir se eu poderia voltar com eles para a sala, para organizar, que eles iam sair. Eu disse que já havia acabado e que estávamos voltando.

Quando chegamos na sala, conversei um pouco com a professora que queria saber como tinha sido a aula, disse que tudo bem, perguntou se fizeram “muita bagunça”, brinquei que “dentro do normal”, ela deu uma risada. Pedi para todos se acomodarem que a professora queria conversar com eles, bateu o sinal, dei um adeus a sala, e, como sempre alguém, perguntou: “Na próxima aula, vai jogar bola?”

“Vou pensar”. Brinquei e fui embora.

APÊNDICE E: Produto Educacional

Unidade Didática: Jogos Sociomotrizes de Cooperação



Este produto educacional, chamado de “*Unidade Didática: Jogos Sociomotrizes de Cooperação*”, é um instrumento que tem como expectativa contribuir com a prática pedagógica dos professores de Educação Física, pois apresenta, aula a aula, toda a unidade didática com os jogos sociomotrizes de cooperação utilizados ao longo desta pesquisa de mestrado profissional.

REFERÊNCIA:

PEREIRA, Luiz Antonio. **Unidade didática: jogos sociomotrizes de cooperação**. 32 f. 2020. Disponível em: <<http://www.proef.ufscar.br/arquivos/bancas-e-eventos/produto-educacional-luiz-antonio-pereira.pdf>>.

ANEXOS

ANEXO A: Carta de Aceite

Prezado Senhor(a)

A direção da **ESCOLA XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX** vem pelo presente comunicar a V. Sa. que aprova a aplicação do projeto de pesquisa “A PRAXIOLOGIA MOTRIZ EM JOGOS DE COOPERAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA (IN)DISCIPLINA DISCENTE”, projeto de pesquisa do PROEF (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional), Polo UFSCAR (São Carlos), a ser realizado pelo pesquisador **LUIZ ANTONIO PEREIRA**, sob a orientação do **PROF. DR. GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS** (UFSCAR – Departamento de Educação Física e Motricidade Humana – DEFHM), com a autorização obtida será realizada um processo de intervenção com jogos de cooperação, com uma classe do 5º ano, por um período de um mês, com objetivo de identificar situações de indisciplina em aulas de Educação Física e como os jogos de cooperação podem auxiliar na percepção e reflexão dos alunos sobre a (in)disciplina escolar em aulas de Educação Física, para a coleta dos dados serão utilizados os Diários de Classe e Rodas de Conversa. A pesquisa realizar-se a mediante a aprovação do Comitê de Ética da UFSCAR, e os dados da pesquisa serão de uso exclusivo para fins acadêmicos, com preservação do anonimato dos participantes envolvidos.

Um exemplar da dissertação deverá ser recebido pela Unidade Escolar.

Os procedimentos para a realização da pesquisa deverão ser acordados entre a Direção da Unidade Escolar e os interessados.

Respeitosamente

Diretor(a) da Escola

ANEXO B: Aprovação Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A praxiologia motriz em jogos de cooperação e suas implicações na (in)disciplina discente

Pesquisador: GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 13114719.2.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.541.642

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, classificada pelo proponente como uma pesquisa-ação, que visa, por meio de intervenção sistematizada com estudantes do ensino fundamental I (5º ano, turma B), avaliar a percepção dos alunos quanto a proposta dos jogos nas aulas de educação física e como eles identificam a importância dessa intervenção no comportamento de si-próprios e do grupo em relação a (in)disciplina.

Objetivo da Pesquisa:

Foram mencionados dois objetivos específicos pelo pesquisador:

- 1) Analisar a lógica interna dos jogos de cooperação e suas implicações na (in)disciplina escolar.
- 2) Promover uma melhora na disciplina discente através da utilização dos jogos de cooperação nas aulas de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Por se tratar de uma pesquisa vinculado a um Programa de Mestrado Profissional, fica evidente os benefícios sociais e pedagógicos do estudo / intervenção. O pesquisador inseriu os riscos e benefícios no projeto de pesquisa, tal como solicitado no primeiro parecer.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Embora não tenha sido apresentada a sistematização da intervenção propriamente dita (o que em

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.541.642

outros

casos deveria ser aplicado), considero que a experiência profissional do pesquisador se constitui como um elemento diferencial para a condução das atividades pedagógicas inerentes ao projeto. Em outras palavras, entendo que o professor, na condição de pesquisador, encaminhará as atividades levando em consideração as especificidades desenvolvimentais dos estudantes, bem como os preceitos éticos definidos por sua categoria profissional.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram realizados ajustes solicitados, em especial, no Termo de Assentimento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Fundamentado na Resolução 486/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e após avaliação minuciosa do projeto em questão e dos Termos obrigatórios, considero que a proposta atende as exigências do Conselho supracitado e, portanto, recomendo a aprovação do mesmo por este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1326422.pdf	05/08/2019 21:39:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/08/2019 21:38:52	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	05/08/2019 21:38:32	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.pdf	05/08/2019 21:38:06	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Outros	Termo_de_Aceite_CAIC.pdf	05/05/2019 18:35:21	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_CCBS_Luiz.pdf	05/05/2019 18:31:42	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.541.642

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 29 de Agosto de 2019

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br